
Segredo
ARANHAS
MOTO CLUBE
VICTOR
TRÍADE MOTO CLUBE - LIVRO 02
MARI SALES

VICTOR

TRÍADE MOTO CLUBE - LIVRO 02

MARI SALES

Segredo

Belo Horizonte | 2021

Copyright © 2021 Editora Portal

Capa e Projeto Gráfico

Jéssica Macedo

Diagramação

Mylene Ferreira

Copydesk

Patrícia Trigo

Revisão

Ana Roen

Livro Digital

1º Edição

Selo Segredo

Mari Sales

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra, qualquer que seja a forma utilizada – tangível ou intangível, incluindo fotocópia – sem autorização por escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes de pessoas, acontecimentos e locais que existam ou que tenham verdadeiramente existido em algum período da história foram usados para ambientar o enredo. Qualquer semelhança com a realidade terá sido mera coincidência.

Sumário

Sinopse:
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e Três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e Três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Epílogo

Agradecimentos

Sinopse:

Victor Aranha precisava de assessoria jurídica para lidar com um problema do seu irmão. Relembrando um antigo encontro nos tribunais, ele convocou a melhor advogada criminal para o trabalho.

Rachel Collins dedicava sua vida para ser a melhor na sua área de atuação. Suas prioridades mudaram quando o presidente do Aranhas Moto Clube lhe ofereceu um trabalho, que mais parecia um desafio sedutor. Ele queria muito mais daquela que só pensava no sucesso profissional.

Uma noite sem compromisso não deveria complicar o trabalho. Rachel não esperava que o homem de postura arrogante e confiança exagerada abalaria suas convicções. Seria apenas um momento, com consequências imensuráveis.

Ela seguia as leis. Ele as quebrava.

Para que Victor e Rachel pudessem ficar juntos, um deles teria que renunciar a vida que construiu ou abrir mão do forte sentimento que os conectou. Nem sempre o amor era suficiente para unir dois mundos.

Prólogo



Victor

Comecei a ficar de saco cheio do discurso esnobe que meu irmão estava fazendo. Seguir os passos do pai, assumir os negócios da família, aceitar o que ele era e de onde vinha. Quanta merda numa fala só!

O idiota gostava de estudar e tinha as melhores notas do colégio. Podia ter toda e qualquer garota que quisesse. Sua aparência, tão parecida com a minha, que foi herdada do nosso pai, nos destacava entre os mais bonitos. Ele era bom nos esportes e tinha uma vida feliz e saudável.

Então ele começou com essa história de que não queria ir para a faculdade, queria estar no Moto Clube comigo e ser um Aranha. Depois de todos esses anos em que o blindei dessa vida corrupta e desagradável, ele queria estar onde eu estava, no lugar que eu queria abandonar.

Seria tão simples apenas entregar o trono e não me importar com as consequências, já que isso era o que ele queria, estava praticamente implorando por essa posição. Também era o que *eu* queria, deixar de lidar com negócios depravados e tentar ser normal.

Parecia uma troca justa.

Nunca dei bola para suas conversas, porque era muito imaturo para querer qualquer coisa relacionada ao Moto Clube. Estando com dezoito anos e a tempo de se inscrever nas universidades, eu realmente me preocupei e iria dissuadi-lo de uma vez por todas dessa vontade insana de querer fazer o que eu faço.

Estávamos no meu escritório, no térreo do prédio que era a sede do

Aranhas Moto Clube. Eu tinha acabado de despachar Otto com ordens para começar a diluir a droga que comercializávamos clandestinamente, a fim de ganharmos mais dinheiro.

Certo, quem eu estava querendo enganar? Não precisávamos de mais lucro, mas essa era uma boa desculpa para diminuir a potência da droga nos seus dependentes e, então, tentar fazê-los perder o interesse nela.

Otto não estava muito feliz, pois poderia prejudicar a qualidade do produto, mas eu não discutia, apenas mandava, e no final ele aceitou quando o ameacei com meu tom de voz.

Era assim que as coisas funcionavam e eu já estava cansado.

Lembrar do que acabou de acontecer me fez focar em meu irmão novamente, que estava de pé, na frente da minha mesa, tentando se mostrar adulto e imponente.

— Você quer trabalhar comigo? Quer estar onde estou? — perguntei, furioso, abri a gaveta e retirei uma pistola G25 de dentro. Levantei-me da cadeira, dei a volta na mesa, coloquei a arma na mão dele, que a pegou atordoado, e a mirei no meu coração, colando o cano na minha camiseta preta e a firmando com as mãos. — Então atire — sibilei.

Sua mão começou a tremer e ele tentou remover a arma de sua posição, mas congelei meu aperto e olhei para ele, feroz.

— Vamos! Você não quer ser o presidente dessa porra? Então tem que começar matando o atual. — Seus olhos arregalaram de medo. Liberei meu aperto em sua mão. Ele deu passos para trás, em choque com minha imposição. — Vá embora e pare de me importunar com esse discurso fajuto. Aproveite sua

adolescência e veja o quanto você tem a perder, se insistir nessa imbecilidade.

Ele me direcionou um olhar de raiva e mágoa. Não foi a primeira vez que me odiou e não seria a última. Ele saiu batendo a porta e suspirei, resignado. Guardei a arma na gaveta e me sentei na cadeira, fechando os olhos e apertando a região entre eles com meu polegar e indicador. Uma dor de cabeça iria começar se não mudasse a direção dos meus pensamentos, e comecei a pensar em algo relaxante, na verdade, em alguém.

Mentalizei a linda advogada impertinente que eu havia enfrentado na semana passada. Apenas em algumas horas, ela conseguiu mostrar o quanto eu estava perdendo dessa vida, enquanto estivesse presidindo o Moto Clube. Nunca havia entregado tanto dinheiro para um ex-funcionário, ainda mais para um ardiloso e maquiavélico como Natacha, mas fiquei feliz. Sim, eu estava alegre, porque foi dessa forma que Rachel Collins apareceu na minha vida e me fez ter certeza das minhas novas escolhas e motivações para corrigir a minha história.

Querer sair da ilegalidade não me impediu de continuar sendo arrogante, prepotente e perigoso. Minhas atitudes não refletiam o que gostaria de fazer pelo simples motivo de que, se alguém soubesse das minhas intenções, eu e muitos outros seríamos atropelados por quem estivesse de olho na minha posição como presidente.

Quando comecei a presidir o Moto Clube, assim que meu pai morreu, eu possuía a mesma paixão e vontade que meu irmão menor tinha em cuidar dos negócios da família. Mas com o tempo, com a corrupção e a criminalidade que existiam nesse lugar, a adrenalina em fazer algo ilícito ficou velha e nem um pouco atrativa. Só que não era possível desistir ou mudar de ramo, então decidi que iria colapsar.

Que idiota! Estava achando que conseguiria falir um traficante ou viciados em sexo, quando a cada dia surgiam mais pessoas adeptas? Mas eu precisava tentar, em doses terapêuticas, porque aquela mulher, aquela advogada, nunca olharia para mim como havia olhado para o homem que a havia acompanhado na sessão, com carinho e respeito. Para alguém de fora, essa poderia ser uma justificativa banal, mas para mim, esse era o ponto crucial.

Eu não sabia quem era o acompanhante, se um amigo, sócio ou irmão, tanto fazia, apenas queria ser dela, tanto quanto esse homem era. Eu achei estranho esse sentimento que havia me dominado, o calor no meu peito e o ar no meu estômago. Era algo que eu sentia sempre que lembrava de Rachel Collins, e eu a queria para mim, queria estar com ela, mas para isso precisava, de forma inocente, desmanchar meu próprio Moto Clube, acabar com a minha própria herança familiar e suas empresas viciosas.

E o que achei que seria inofensivo, virou obsessão.

Capítulo



Um

Rachel

Passava das dez horas da noite e eu ainda estava no escritório analisando os documentos do processo. Normalmente, eu era muito veloz e perspicaz para realizar esse trabalho e redigir a defesa, mas desta vez estava muito difícil. Meu cliente, o filho de um famoso milionário da cidade, estava dirigindo em alta velocidade em seu esportivo, no estado vizinho, e havia atropelado um ciclista, deixando-o gravemente ferido, porém vivo e sem nenhuma lesão permanente.

Meu lado pessoal digladiava com meu lado profissional. O primeiro, porque o riquinho mimado deveria estar na cadeia e, com isso, aprenderia um pouco de humildade. O segundo, buscava, no absurdo do óbvio, encontrar uma brecha que dizia que meu cliente estava em seu direito de andar veloz e o ciclista

que havia invadido a pista.

Eu era uma profissional renomada na área jurídica. Pagavam muito dinheiro para que defendesse causas perdidas. Era boa e a estatística estava ao meu favor, porque até aquele momento, desde quando abri meu escritório de advocacia junto com meu irmão, nunca perdi um caso.

Nunca.

Em três anos.

Como uma lutadora de MMA, estava invicta e muitos queriam meu cinturão, no caso, queriam acabar com meu estrelato invencível.

Confesso que, no tribunal, eu era arrogante, fria e sem coração. Todos naquela grande sala eram apenas instrumentos, para que eu manipulasse e os conduzisse à minha vitória.

Para que ganhasse os casos que assumia, não pegava todos que apareciam na minha porta. Eu os analisava profundamente antes de dizer se era possível ou não os defender. Se não encontrava uma brecha, meu irmão entrava em cena e fazia o acordo entre as partes.

Richard Collins era o apaziguador. Ele sempre fazia os melhores acordos e dizia que o objetivo não era deixar as partes felizes, mas trazer uma rápida solução. As palavras que ele usava para descrever seu trabalho – mesmo que eu não concordasse – eram: um bom acordo era aquele que ambas as partes não estavam satisfeitas.

A tentação de encaminhar o caso para ele era grande, se não fosse o laudo médico do ciclista estar muito suspeito. Não que eu fosse médica, mas algo na escrita dramática do médico e sua letra muito regular – bonita até – me

alertava para falsidade ideológica.

Eu era advogada e precisava partir de preconceitos para encontrar minhas conclusões.

Para os olhos da sociedade, meu cliente não merecia defesa, e apesar da remuneração, eu não deveria defendê-lo. Para não me comprometer, eu poderia desistir do processo. Com isso, deixaria uma parte feliz.

Os advogados do ciclista, que entraram com uma ação contra meu cliente, eram muito amadores e, provavelmente, muito corruptos, por adicionar uma prova falsa nos autos do processo.

Colocando os documentos em cima da minha mesa, botei minha mão no mouse do computador e a tela do monitor ganhou vida. Fiz uma breve pesquisa no programa que continha todos os arquivos com os quais eu já havia trabalhado, em busca de algum laudo desse mesmo médico. Ele era um dos plantonistas no pronto atendimento, então estava esperançosa que algo dele estivesse em algum dos meus casos.

Brian Powell não havia feito nenhum laudo para meus processos, até porque ele não era da minha cidade.

Por falar no estado vizinho, o nome do homem de Valentine Savage, do Selvagem Moto Clube, era Brian, se não me falhava a memória.

Sem me preocupar com formalidades ou horário, liguei diretamente para a presidente do Moto Clube, cuja assistência jurídica comecei a fazer há algum tempo, após ser indicada por minha parceira de negócios e colega de trabalho, Nina Trent.

Respirando fundo, coloquei o telefone no meu ouvido e escutei a voz da

presidente do Selvagem Moto Clube:

— Rachel? Algum problema com os documentos dos Selvagens? — Bem, acredito que nem ela estava para cordialidades.

— Desculpe o horário, mas estou com um caso em mãos e preciso de uma confirmação do seu homem. — Olhei para o laudo em minhas mãos. — O nome dele é Brian Powell?

— Sim. Por que o nome dele está em um de seus processos? — perguntou, intrigada, e sem me demorar, respondi:

— Um ciclista foi atendido por ele no hospital de sua cidade, há duas semanas. A letra está bonita demais, o laudo está dramático em excesso, então liguei para confirmar se foi ele quem fez ou se é apenas uma falsificação barata.

— Letra bonita? — Valentine riu e escutei ela repetir minhas palavras para alguém ao seu lado, provavelmente o próprio Brian. — Rachel, apenas para desencargo de consciência, envie uma foto desse documento, mas já te adianto que não foi feito por ele. Não só pela letra, que a dele é praticamente árabe, mas por ele estar de licença há quase um mês.

Bingo!

— Vocês estariam dispostos a processar quem falsificou esse laudo? — perguntei com um sorriso nos lábios e me sentindo vitoriosa. Conseguiria o que queria e ainda levaria outra vitória em um novo processo.

— Com certeza, processe-o — Valentine respondeu por Brian, que resmungou no fundo. — Brian, eles falsificaram um laudo médico seu, é claro que vamos processá-los, independente de quem sejam.

— Ótimo, estou enviando a imagem e nos falamos melhor amanhã.

Tchau. — Encerrei a ligação sem esperar sua despedida. Eu já tinha tudo o que precisava.

Satisfeita com o andar das minhas ações, tirei a foto do laudo e encaminhei para Valentine, que respondeu a confirmação da falsificação em menos de um minuto.

Comecei a digitar furiosamente no teclado, tanto para o processo do filhinho mimado, quanto para o novo de Brian que surgiu. Este, por sua vez, precisaria da minha visita pessoal. Eu teria que viajar para o outro estado, para dar entrada no processo do doutor Powel por lá.

Estar naquela cidade me fazia lembrar de Victor, o presidente do Aranhas Moto Clube e meu objeto de reflexão nas horas vagas. Eu o conheci quando foi réu em um processo no qual era acusado por minha cliente de assédio sexual e moral. Ela trabalhava em um de seus estabelecimentos noturnos, onde sexo e bebidas eram seu carro-chefe.

Nem de longe foi um caso fácil, pois como diferenciar o assédio do que era o trabalho desempenhado pela minha cliente? Mas eu consegui distinguir e obtive uma boa indenização de danos morais para ela.

Durante a audiência, o olhar e toda a linguagem corporal de Victor Aranha indicavam o quanto era influente, perigoso e imperturbável. Ele quase chegou a me convencer de que eu poderia acusá-lo de tudo, menos de forçar mulheres a estarem com ele, como ele mesmo disse no seu testemunho: “Senhorita Collins, eu não me dou o trabalho de procurar uma mulher ou dizer a ela o que quero. Tenho muitas delas fazendo fila em meu estabelecimento, praticamente implorando por atenção, então não faria nenhum sentido querer algo com Natacha, já que ela não estava interessada. Me acuse de outra coisa,

porque não me excita mulheres não dispostas ao sexo”.

Como eu disse, QUASE me convenceu. Mas sua arrogância e frieza em tratar do assunto o fizeram perder o caso, para desespero de seu advogado. Porém Victor parecia tranquilo, praticamente de férias, enquanto me encarava com seus olhos verde-claros e rosto de galã de seriado. Ele vestia trajes formais, mas a tatuagem de uma grande aranha espreitando pelo colarinho de sua camisa social preta o denunciava como um possível rebelde.

Eu não me deixei perturbar, até porque, enquanto eu estava no meu modo advogada, me transformava em outra pessoa, muito mais calculista e determinada do que o normal. Encaradas significativas e profundas não seriam páreo para destruir toda a minha determinação e postura profissional.

Mas estávamos falando de Victor Aranha, um homem lindo, invejável e prepotente. Eu poderia muito bem me enganar, mas suas encaradas, com certeza, despertaram algo em mim, mesmo que eu não assumisse isso em voz alta. Era uma vontade de desafiá-lo e ao mesmo tempo de mostrar a ele o quanto suas barreiras nada mais eram do que vidro.

Cá entre nós, ninguém provava, mas ele era chefe de um Moto Clube corrupto, que comprava qualquer pessoa que estivesse em seu caminho para usufruir de seus negócios com drogas e sexo. Todos o temiam o suficiente para não o incomodar com nada além de um cordial “bom dia”.

Mas não eu, não Natacha, minha cliente.

Depois da causa ganha, ela sumiu do mapa com sua grande recompensa. A minha parte estava bem guardada, junto com todas as outras comissões dos meus casos, que se destinariam às instituições de caridade que eu futuramente iria apoiar. Não tinha nenhuma em vista e estava mais do que na hora de

movimentar esse dinheiro.

Eu não usava esse ganho para fins pessoais, porque vivia apenas com a pensão vitalícia deixada pelos meus pais. Eles trabalharam para o governo, em algum caso secreto, o suficiente para apenas sabermos de sua morte e não conseguirmos enterrá-los. Fazia cinco anos que eles se foram. Na época, eu estava no meu último ano do colégio, antes de entrar na faculdade.

Depois desse caso, Victor se tornou apenas uma lembrança para aguçar meus instintos de justiça a cada novo processo defendido por mim.

Tive uma segunda oportunidade de confrontar Victor, porém indiretamente. Quando Nina me ligou, dizendo que sua amiga estava em um embate com o Aranhas Moto Clube, eu não pensei, apenas aceitei. Não era o que eu normalmente faria, mas algo dentro de mim apenas se animou ao saber que poderia rever novamente aquele homem intocável. Eu gostava da competição e gostava mais ainda quando o adversário era tão bom quanto eu.

Não poderia negar, o cara poderia ser um mau-caráter, mas era bom em mostrar superioridade. Em uma discussão sobre a cor do céu, se não fosse comigo, ele com certeza convenceria alguém de que era verde e não azul.

Então, no pagamento de uma dívida ilegal, minha cliente Valentine Savage conseguiu que ele assinasse documentos que poderiam comprometer seus negócios. Foi um tiro no escuro e por isso eu acredito que ele fez apenas para me provocar, ou porque ele tinha segundas intenções que eu desconhecia. Com certeza o segundo, ele não era de fácil intimidação.

Estaria novamente próxima a Victor Aranha e isso fazia meu estômago formigar, de ansiedade e expectativa.

Capítulo



Dois

Rachel

Saindo da área de desembarque, fui recepcionada por uma sorridente Valentine, com suas roupas em jeans e couro, intimidando a todos que estavam ao redor.

Adorava a imponência e segurança que ela transmitia com suas atitudes. Eu não tinha amigos fora da minha esfera profissional, e tinha certeza de que se nos conhecêssemos em outra oportunidade, outro ambiente, seríamos amigas.

— Bem-vinda, senhora da lei. — Valentine me cumprimentou com um abraço de lado. Eu retribuí da mesma forma e sorri.

— Obrigada, senhora presidente. Não precisava vir me buscar, eu pegaria um táxi para o hotel, depois iria para o Moto Clube. — Arrastei minha mala de rodinhas, enquanto ela me guiava pelo aeroporto.

— Imagina. Desta vez, você terá o passeio completo, com moto e estadia no clube. — Ela virou seu rosto sorridente e desafiador em minha direção e só pude assentir para essa provocação. Havia poucas coisas que me intimidavam, e motos e homens brutos não eram duas delas.

— Sou toda sua. — Aceitei o desafio e sorri.

Ela aprovou minha resposta com um aceno afirmativo de cabeça e me direcionou para o estacionamento. Um de seus membros, que estava esperando ao lado de um BMW M5, pegou minha mala e colocou no porta-malas. Sorri agradecida, encantada pelo rapaz de cabelos compridos e olhos azuis que se

apresentou como Playboy.

Antes que eu me derretesse por esse Selvagem, Valentine apontou para sua moto e subiu nela, fazendo indicação para que eu a acompanhasse. Ainda bem que eu vestia uma calça social ao invés da minha habitual saia.

— Vamos — concordei.

Ela ligou a moto e montei na garupa. Coloquei minhas mãos apoiadas nas minhas coxas e recebi o vento no meu rosto de peito aberto, assim que a moto avançou pelas ruas da cidade. Estava sem capacete, algo permitido pela legislação do estado onde estávamos.

A viagem até a sede do Moto Clube foi um pouco demorada, o que me fez apreciar a vista das construções, o vento no meu cabelo e o barulho da cidade. Estar em uma moto realmente era libertador, mesmo estando na garupa.

Pensei em acompanhar Victor e lembrei que suas motos não eram *Harleys* e sim *Kawasaki*, esportivas. Eram mais velozes, possuíam um barulho diferente e com certeza a experiência seria outra. *Harleys* transmitiam paz e serenidade. As *Kawasaki*, com certeza, transmitiriam adrenalina e emoção.

Pensar em Victor me fez lembrar o meu tempo de abstinência sexual e o quanto precisava de uma escapada para suprir minhas necessidades físicas. Era uma das poucas mulheres do mundo que pensava como homens nesse assunto, conseguia separar meus desejos carnais de sentimentos. Eu ficava algumas semanas sem intimidade, mas quando queria, apenas escolhia um, em um bar ou *pub*. Sem vínculo, sem nos conhecer profundamente, apenas prazer e muita pele.

Talvez eu pudesse fazer isso com um dos dois homens que paquerei, enquanto estava na sede do Moto Clube, da última vez em que estive lá, Carter e

Johnny. Anotei mentalmente para perguntar por eles para Valentine, assim que tivesse toda a parte inicial do processo de falsificação de laudo médico pronta.

Negócios primeiro, diversão depois.

Depois de ficar mais ou menos uma hora dentro do escritório com Valentine, verificando o processo de seu homem e outros documentos do clube, sobre os quais tinha dúvida, ela me contou sobre sua mais nova obra:

— Estou investindo em um centro de acolhimento para crianças, Brian está a frente dele — disse com orgulho.

— Sério? Isso é maravilhoso! — Assim que meu cérebro realmente processou o que ela disse, arregalei meus olhos. — Oh, isso será filantrópico?

— Sim, a intenção é que todos do clube ajudem de alguma maneira, e deixar Brian no comando da instituição como médico. Já estou pesquisando alguma fonte de renda para...

— Eu ajudo! — anunciei, feliz que essa informação chegou a mim em um momento muito oportuno. Não foi há poucos dias que pensei sobre um destino para o dinheiro que eu recebia dos meus processos? — Eu gostaria de ajudar, de forma anônima, se for possível.

— Uau, claro! — O rosto de Valentine se iluminou. — Não se sinta obrigada a contribuir mensalmente, eu já fiz os cálculos, e... — interrompi-a novamente, o que a fez fazer uma careta para mim. Concluí que ela não gostava de ser atropelada.

— Não se preocupe com dinheiro, tenho o suficiente para bancar. Faça acontecer, e eu fornecerei uma renda mensal satisfatória para ajudar. — Sorri e

tirei a careta de seu rosto. Ela espelhou o meu sorriso simpático e meu coração se encheu de calor.

— Serei eternamente grata. Esse era um desejo do meu pai. — Ela olhou para o chão e suspirou, o sorriso se tornando triste. — É o de Brian também, que se anulou em prol do Moto Clube. As crianças serão ajudadas tanto quanto nós.

— Fico feliz em saber. Envie os dados bancários no meu e-mail, deixarei tudo programado — encerrei a conversa, voltando minha atenção para os documentos em mãos e o notebook ao meu lado, em cima da mesa.

Bonito da parte de Valentine agradar seu homem. Apesar de não entender essa necessidade de ter um relacionamento ou um compromisso fixo, eu admirava os casais que pareciam ser perfeitos um para o outro, como era o caso de Doc e Valentine.

Pelo pouco que vi, nenhum dos dois parecia medir ou fingir quando estavam juntos. Eles eram naturais e firmes.

Pensar em relacionamento me fez lembrar de certos pensamentos indiscretos com determinado homem perigoso. Eu precisava transar, urgente. Como os Selvagens estavam de mais fácil acesso, decidi investir aqui do que no homem do outro lado da lei.

— Preciso encontrar um homem e relaxar. Já que ficarei no clube, se importa se eu ficar com Carter ou Johnny? — minha voz foi neutra e sem constrangimento.

— Pelo jeito, eles causaram uma boa impressão. — Valentine ergueu uma sobrancelha.

— Se importa? — insisti, demonstrando meu interesse e preocupação

com alguma regra que o Moto Clube pudesse ter.

— De forma alguma. — Ela sorriu de forma conspiratória para mim. — Será que você está preparada para assumir um Selvagem?

— Assumir não seria o caso, eu gostaria de algo mais casual, para aliviar a tensão, sem compromisso... entende? — Guardei meu notebook na pasta, junto com outros documentos em que estava trabalhando.

— Bem, sendo consensual, não vejo nenhum empecilho, não existe nenhuma regra contra confraternizar com colegas de serviço, se essa é sua dúvida. — Ela colocou as mãos na cintura e me encarou. — Terminei. Vou levá-la para seu quarto, então avisar o pessoal que faremos uma reunião no salão em sua homenagem assim que o sol se pôr. — Caminhou para a porta e eu, com minha bolsa em mãos, segui-a.

— Não é necessário tanto alarde só pela minha estadia aqui.

— Oh, não é nenhuma ostentação, apenas uma desculpa para bebermos, rirmos e, no final, você conseguir transar. — Ela sorriu para mim por cima de seu ombro e o devolvi. Estava muito contente em saber que essa noite conseguiria equilibrar meu lado pessoal e pararia de pensar em certo motociclista arrogante e confiante.

Era madrugada, eu estava levemente embriagada, usando minha roupa mais casual do que a que vestia quando cheguei do aeroporto, que eram saltos médios nos pés, saia secretária e blusa de seda. Estávamos no salão, jogando sinuca, rindo e conversando sobre tudo.

Doc, Valentine, Rock e Logan tinham abandonado a gente há uma hora.

Carter, Johnny e Playboy me faziam companhia, amaciando meu ego tanto quanto eu precisava.

— Eu não sei como os juízes se concentram quando você entra na sala. Além de linda, você com certeza deve deixar todos os homens excitados, apenas com essa sua voz de comando. — Johnny estava tão embriagado quanto eu. Nesse ponto de nossa interação, não havia assunto que não tivéssemos falado, estávamos praticamente íntimos.

Antes de responder, fiz uma jogada totalmente displicente na mesa de sinuca, roubando risos dos homens e um bufo descontente meu.

— Bem, o que tenho de beleza, com certeza não tenho em destreza com as bolas. — Apoiei o taco no chão e coloquei a outra mão na minha cintura.

— Venha, vou ajudá-la. — Playboy roubou meu apoio, me fazendo quase cair. Ele segurou minha cintura, ficou às minhas costas e me curvou para frente, segurando o taco de forma a mirar a bola branca. — É tudo uma questão de perspectiva — sussurrou no meu ouvido. Movimentou a haste de madeira e fez a jogada, desta vez encaçapando uma bola.

— Porra, Playboy, você perdeu sua vez. Usar o truque de ensinar a jogar sinuca não lhe dá o direito a duas jogadas — Carter resmungou descontente.

— Eu acertei a bola, jogarei novamente. — Piscou um olho para mim e jogou mais duas vezes, até errar em colocar a bola na caçapa.

— Agora, Rachel, veja como um homem de verdade joga. — Carter fez sua tacada, lançando a bola branca com um pulo na mesa. Ninguém conteve o riso, e eu estava me curvando de tanto rir movida à sua vergonha e pela quantidade de álcool no meu sangue.

— Cara, se isso é ser homem de verdade, eu prefiro continuar sendo de mentira. — Johnny empurrou Carter em direção à porta. — Vá para seu posto, irmão, não se envergonhe mais.

Ele deu um olhar triste em minha direção. Acenei com os meus dedos, ao mesmo tempo em que Playboy envolvia minha cintura novamente com seu forte braço. Sua cabeça se curvou para que sua boca se alinhasse com meu ouvido.

— Pronta para uma diversão entre adultos? — Arrepiei com suas palavras e esqueci do meu interesse inicial por outro Selvagem.

Não tinha vergonha de ser assim, apesar das consequências dos meus atos resultarem em um pouco de preconceito. Muitos homens já me rotularam, mesmo que eles fossem exatamente como eu.

Sexo casual não iria destruir minha carreira, que eu tanto prezava depois do amor pelo meu irmão. Então apenas sorri de forma maliciosa para Playboy, e respondi sua pergunta.

— Mostre o caminho. — Segui-o para dentro da sede do Moto Clube, atravessei os corredores, e então cheguei ao seu quarto, pronta para um pouco de ação.

Capítulo



Três

Rachel

Satisfeita e pronta para voltar ao meu dormitório, me levantei da cama, buscando as roupas pelo chão do quarto de Playboy. Não havia muita mobília, mas o pouco que tinha era de alta qualidade e parecia muito caro. Tudo estava em ordem, pelo que pude reparar, enquanto ele removia minhas roupas.

Para falar a verdade, eu só estava reparando em tudo naquele momento, porque o cara sabia como distrair uma mulher e fazê-la esquecer de qualquer outro homem arrogante e com uma tatuagem de aranha no pescoço.

Merda de imaginação! Victor não saiu da minha cabeça, o que me deixou frustrada depois de uma noite para lá de excitante.

— Já vai? — Playboy continuou na cama, nu, um braço apoiando seu tronco muito musculoso e tatuado. — Você pode ficar o quanto quiser, seu quarto não está muito longe.

— Eu costumo ler antes de efetivamente dormir e todo o meu material está no meu dormitório. — Terminei de me vestir. — A noite foi boa. — Virei em sua direção, me inclinei e lhe dei um selinho, que retribuiu com um sorriso arrogante nos lábios.

— A noite foi boa? — Simulou estar ofendido, e entortei minha boca em reação a sua tentativa de arrancar elogios de mim, para inflar o ego. — A noite foi fenomenal, principalmente a parte em que te fiz gozar duas vezes.

— Não se gabe e não se ofenda, mas não foi a primeira vez. — Pisquei

um olho para ele e lhe dei as costas. Sabia que Playboy estava sorrindo abertamente e comprovei quando ele disse, assim que abri a porta:

— Você é difícil. Eu gosto.

Não respondi e segui para o outro cômodo. Não queria dar falsas esperanças, mesmo que o combinado, indiretamente, tivesse sido apenas prazer. Minha atitude não era proposital, eu apenas era assim, complexa o suficiente para não me apaixonar e não deixar os outros se aproximarem.

Entrei no quarto em que estava hospedada e fui direto para o banheiro tomar um banho, remover o cheiro de sexo do meu corpo e, então, iniciar minha leitura noturna. Ela estava mais para matutina, já que o céu começou a clarear assim que terminei de vestir a camisola de seda.

Antes de me deitar, peguei o notebook, liguei e fui direto para os artigos jurídicos armazenados no disco rígido. Estava sentada na cama, com as costas apoiadas na cabeceira e o eletrônico no colo, não conectado na tomada. Assim que li o primeiro parágrafo, decidi mudar de leitura, porque nada em minha cabeça iria contribuir para assimilar essas doutrinas.

Troquei de aparelho e fui para o meu celular, que estava na cômoda de cabeceira ao lado. Abri o aplicativo da Amazon e suspirei ao ver que o último e-book que estava lendo era “O lado bom de ser traída”, da autora Sue Hecker. Estava quase na metade da leitura e as vidas de Bárbara e Marco me embalaram pelas primeiras horas do dia, até que o cansaço e o sono me venceram.

Acordei depois do almoço, com a energia renovada, e pronta para finalizar o que precisava fazer nessa cidade. Uma pontada de tristeza me atingiu por não ter mais nenhuma oportunidade de me encontrar ou confrontar um certo presidente do Aranhas Moto Clube, mas não era a minha prioridade quando fiz

aquela viagem.

No refeitório, encontrei Johnny na cozinha, entretido no fogão, não parecendo nem um pouco de ressaca. Ele me ofereceu um pouco de seu almoço, que era macarrão à bolonhesa e pão italiano caseiro.

— Você fez tudo isso? — perguntei incrédula e com olhos arregalados para o prato na minha frente.

— Sirva-se, querida. Você vai comer o melhor da cozinha italiana da sua vida — ele se gabou e levou nossos pratos para uma mesa. Sentei-me, e ele voltou para a cozinha, trazendo o resto da comida.

— Se for tão bom quanto o cheiro, com certeza será o melhor. Além do mais, está com o tempero especial, a fome! — Sorri divertida e Johnny me acompanhou animado.

— Finalmente decidiu voltar para a cozinha? — Escutei a porta do refeitório se abrir e Playboy entrar, todo imponente.

Eu sorri de maneira cordial, sem fazer nenhum movimento que indicasse que estaria me envolvendo novamente com ele. Playboy se aproximou da mesa e se inclinou para me dar um beijo... na boca. Rapidamente virei meu rosto, para ele acertar a bochecha, peguei uma garfada de macarrão e comer, para evitar seu embaraço.

— Servido? — perguntei nem um pouco delicada. Seu sorriso e pose grandiosos foram substituídos por confusão e uma testa franzida.

— Sim, vou buscar um pouco lá na cozinha. — Afastou-se para se servir um prato.

Tentei disfarçar o climão que ficou na mesa. Olhei para Johnny e vi um

sorriso brincalhão em seus olhos.

— Problemas no paraíso? — Achei sua pergunta confusa. — Se ele não for tão bom de cama, eu ainda estou disponível. — Piscou um olho e colocou um pedaço de pão na boca, molhado no molho à bolonhesa do macarrão.

— Ah, não se engane, ele transa muito bem — eu disse baixo, para que Playboy não escutasse minha discussão sobre sua performance na cama. — Mas foi apenas isso, sexo. Eu não sou de beijinhos, café da manhã na cama e passeio de mãos dadas. — Essa última parte falei alto o suficiente para que todos escutassem.

Não queria ferir seus sentimentos, mas uma mulher que ansiava um relacionamento real não iria para a cama com ele sem nem mesmo saber seu nome de verdade. Eu pensei que ele soubesse disso, e se insistisse em alguma troca de afeto público novamente, eu teria que esclarecer diretamente para ele.

Poucos segundos depois, Playboy voltou com seu prato, um sorriso engessado no rosto e uma postura defensiva. Estava claro que não havia gostado do meu comentário e procurei focar em terminar minha comida antes que o clima piorasse.

— Obrigada pelo almoço, Johnny. Até mais, Playboy — despedi-me, levantei da mesa e carreguei meu prato até a cozinha.

Eles responderam apenas com múrmuros e fiquei feliz de ter acabado com essa estranha interação pós-sexo casual. O quanto antes terminasse meus assuntos na cidade, melhor. A distância e o tempo eram os melhores remédios para corações partidos... bem, isso foi o que me falaram, porque eu realmente não sabia.

Chamei um táxi, desistindo de alugar um carro como da última vez. Fui até o fórum e fiz a distribuição do processo. A fila estava enorme e demorei mais do que havia planejado. Enquanto isso, encontrei alguns advogados conhecidos e eles me chamaram para uma confraternização em um novo bar assim que todos saíssem dalí.

Com a intenção de me socializar e não perder os contatos com os colegas de profissão nessa região, aceitei e segui como carona em um dos carros.

Assim que estacionamos, meu coração vibrou de uma forma que eu não estava acostumada. O bar era rústico, com vários itens de decoração no estilo rock’n’roll e de motociclistas. As motos esportivas estacionadas na frente me deram uma esperança que nem imaginava que poderia ter.

Será que Victor estava aqui?

— Vamos, Rachel? — Meu colega estava com a porta do carro aberta me esperando sair. Sua testa estava franzida para meu estupor.

Balancei a cabeça para afastar esses pensamentos nem um pouco agradáveis e sorri para ele.

— Me desculpe, só lembrei de um dos meus casos e divaguei em minha mente. Já aconteceu isso com você? — perguntei sobre trabalho, um dos assuntos que eu mais utilizava para desviar qualquer pensamento que tivesse sobre sentimentos.

— A todo o momento. — Seguiu ao meu lado para dentro do bar.

Ao entrarmos no local, a banda tocava uma música alta. Havia muita fumaça e várias pessoas nos cumprimentando. Sorri ao ver a mesa que escolheram, próxima do palco, e me sentei, controlando minha cabeça para não

fazer uma pesquisa no ambiente, à procura da pessoa que andava dominando meus pensamentos.

O frio na barriga ainda não tinha ido embora e, nas escolhas de bebidas, optei por um dos drinques que não tinha muito álcool. Com o estado atual do meu estômago, álcool não iria combinar.

Depois de passar mais ou menos uma hora, com conversas fúteis e fofocas da área jurídica trocadas, eu estava de saco cheio e decidi que minha social já estava mais do que feita.

Despedi-me de todos, que vaiaram e reclamaram da minha rápida estadia. Todos estavam em um grau diferente de embriaguez e recusei as caronas que me ofereceram. Nunca deixaria uma pessoa alcoolizada conduzir um carro enquanto eu estivesse de carona.

Fui ao caixa, deixei um pouco de dinheiro para pagar minha cota na conta e segui para a saída do bar, quando o vocalista da banda que tocava ao vivo anunciou:

— É isso aí, pessoal! Hoje temos uma ilustre presença, o presidente do Aranhas Moto Clube! — Vários gritos, assovios e aplausos foram ouvidos e minha cabeça e corpo se voltaram para o bar, em busca do ser que conseguiu me transformar em uma adolescente. — Venha, homem, não seja tímido, toque uma com a gente.

Arregalei meus olhos e me escorei na parede perto da porta de saída. Meu coração estava acelerado e eu não tinha ideia do que esperar quando sua figura subiu ao pequeno palco improvisado e pegou a guitarra oferecida por um dos integrantes da banda.

Ele se aproximou do microfone preso ao poste e sorriu de forma sensual, fazendo com que algumas mulheres começassem a gritar em excitação. Minhas partes femininas seguiram o mesmo ritmo.

Céus, o que estava acontecendo comigo? Eu precisava sumir, ir embora, rápido!

Mas não consegui me mover assim que ele começou a falar no microfone.

— Senhoras e motociclistas, se preparem para gritar! — disse entusiasmado. Se afastou do microfone e começou a dedilhar a guitarra, um solo que me era familiar, mas como esse estilo de música nunca foi meu preferido, demorei para reconhecer.

Depois que todos da banda começaram a acompanhá-lo nas notas musicais, ele se aproximou novamente do microfone e começou a cantar:

— *"Take my hand and look me in the eye, There's still time left, Cut these chords and kid run for your life"* (Pegue minha mão e me olhe nos olhos, Ainda resta tempo, Corte estes acordes e, filho, corre para sua vida).

Let It Burn, de *Citizen Soldier*, em sua voz parecia um feitiço. Fiquei fascinada, e a profundidade da letra da música me tocou. Sua voz era grave, sombria e completamente excitante.

Sorria enquanto cantava, olhava a plateia por todos os lados, movimentava sua mão com força e demonstrava habilidade em manusear o instrumento. Victor parecia um homem como qualquer outro e não o chefe de um dos maiores esquemas corruptos do estado.

Se a música tinha alguma coisa a ver com a vida dele, eu não sabia, mas

de alguma forma ela estava me alcançando. Eu estava completamente abalada pelos movimentos fluidos e compassados do corpo de Victor, combinados com sua voz hipnótica. Se ele tinha me impressionado com sua postura confiante e arrogante no tribunal, naquele momento, me surpreendia com sua postura relaxada e descontraída no palco improvisado. Ele era dono do lugar e o mestre de todos que o acompanhavam de pé ou sentados.

Meu peito apertou de uma forma semelhante a quando via meu irmão triunfando em um processo. Não compreendi de onde surgiu isso, mas meu instinto de preservação estava falando mais alto e queria comandar. Eu só não sabia até quando ficaria letárgica e daria o controle à razão.

Capítulo



Quatro

Rachel

Assim que a música encerrou, minha hipnose também cessou. Quase corri para fora do bar e, sem perceber, trombei com uma mulher vestida nem um pouco recatada como eu. Na verdade, o vestido parecia apenas um pedaço de pano sem corte e sem classe. Para meu azar, ela segurava um copo e todo o líquido caiu em cima dela.

— Sua vagabunda! — A moça pegou no meu braço com um aperto forte e me fez encará-la. — Esse vestido custou uma nota e você o estragou.

— Sério? — Não pude evitar a ironia, mas a roupa não merecia custar tão caro. Vi a ira nos olhos da mulher e me encolhi, amaldiçoando a bendita hora que não segurei minha língua.

Um homem muito alto e muito sério se aproximou de nós.

— O que está acontecendo aqui, amor? — Ótimo, o namorado apareceu apenas para que minha situação piorasse. Antes que ela respondesse, me adiantei, tentando me livrar do aperto em meu braço, mas sem sucesso:

— Olha, realmente me desculpe, eu não estava olhando por onde andava, estava com pressa. Eu pago seu vestido, quanto foi? Cem? Duzentos? — perguntei da forma mais tranquila e profissional que eu podia, enquanto ajeitava minha bolsa, de forma a abri-la.

— Essa vadia estragou meu vestido e ainda se faz de superior para cima de mim! — ela reclamou com o namorado e meu temperamento começou a

ferver. Essa mulher se ofenderia por tudo o que saísse da minha boca?

— Calma, querida, eu resolvo isso. — O namorado pegou no meu outro braço mais forte do que ela, que me soltou assim que ele me teve em seu aperto.

Uma pontada de pânico me atingiu e tentei lembrar das aulas de defesa pessoal que fiz há mais de dois anos. Merda, precisava voltar a praticá-las, eu só me lembrava de correr.

— Olha, eu não quero incomodar, realmente me desculpe. Por favor, me deixe resolver isso. — Tentei me afastar dele, mas seu controle me fez tropeçar, uma vez que ele começou a me empurrar para longe do bar. — É sério, não precisa de tudo isso por causa de um vestido.

— Você incomodou minha mulher, você irá pagar por isso — falou em tom de ameaça e meu sangue gelou. Pagar? Não parecia ser dinheiro o que ele queria.

— Clin, solte ela, agora — outra voz ameaçadora soou e fez o homem que mantinha meu braço em seu aperto parar.

Eu deveria me assustar ainda mais com esse tom ameaçador, mas estranhamente me confortou. O drinque que tomei tinha mais álcool do que eu calculara ou estava enlouquecendo, porque isso não era racional.

Victor apareceu na nossa frente e Clin – meu "apertador de braço" – me soltou a contragosto. Tinha certeza de que ficaria com marcas nele pela força, e minha mão foi instintivamente para onde estava doendo.

— Ela é uma riquinha esnobando minha mulher, Pres — tentou contestar, mas Victor Aranha apenas o encarou. E, por incrível que parecesse, apenas isso o fez recuar e voltar para sua mulher.

Eu estava sem palavras e aquele rosto de galã de seriado me encarou, fazendo meu estômago embrulhar e meu peito se apertar novamente. Esperava não vomitar na sua frente, porque sua encarada me dava outros tipos de medo e abalava o meu bem-estar.

— Rachel Collins — de forma vagarosa falou e se aproximou de mim. Forcei-me a continuar na mesma posição, para não recuar, o que faria se seguisse meus instintos.

— Victor Aranha — devolvi o cumprimento, o que fez seus lábios se contraírem em um sorriso satisfeito. Vestido com calças e jaqueta pretas, a tatuagem de aranha no pescoço ficou disfarçada, quase imperceptível, mas eu via muito claramente.

— Então você se lembra de mim. — Ele se aproximou mais e percebi que meus saltos não ajudaram em nada para diminuir a diferença de altura entre nós. Levantei minha cabeça e tentei manter minha pose firme, mesmo com meu braço doendo.

— Sim, Natacha conseguiu uma boa indenização e eu, um honorário decente. — Vi algo passar pelo seu olhar e acreditei que a lembrança de sua ex-funcionária não o havia agradado. — Bem, obrigada por evitar que eu pagasse... o que quer que fosse que o tal de Clin queria. Eu trombei na namorada dele. Um vestido não deveria causar tanto transtorno.

— Não. — Ele continuou a me encarar e a intensidade do seu olhar me deixou incomodada. Não sabia em qual parte das minhas palavras se encaixava o seu não e decidi apenas aceitá-lo ao meu favor, antes que avançasse o sinal vermelho que eu tinha, que dizia respeito a homens perigosos.

— Prazer revê-lo e até logo. — Virei de costas para ele, tentando me

afastar ao máximo e o mais rápido que podia, mas sua mão em meu braço dolorido me fez encolher e gemer baixinho.

— Clin te machucou. — Ele observou a região com marcas vermelhas de dedos. Sua mão na minha pele me fez arrepiar e imaginar essa mesma mão em outros lugares do meu corpo.

Eu, com certeza, procuraria Playboy assim que voltasse para o Moto Clube. Precisava tirar essa devassa e pervertida do meu corpo e mente, antes que ela tomasse conta de mim.

— Não foi nada, eu sou muito branca, tudo fica marcado em mim. — Tentei me afastar novamente, sem sucesso. — Você poderia me soltar? Eu já tive minha cota de imobilização por hoje.

Ao invés de atender ao meu pedido, ele aproximou seu corpo do meu, deslizou sua mão vagarosamente pelo meu braço até chegar ao meu pescoço e se alojar na minha nuca, apertando-a. Minhas mãos subiram para seu peito, tentando fazer com que ele mantivesse alguma distância, mas isso só me fez sentir a rigidez de seu peitoral. Uau, ele tinha alguns músculos escondidos debaixo daquela roupa de couro de motociclista.

— Eu quero te prender desde o dia que você entrou naquela sala, para defender a vagabunda da Natacha. Então não, eu não vou te soltar — disse de forma clara e séria.

Achei que meu ventre também queria isso, porque ele começou a se contrair e se entusiasmar com essas palavras. Tive que respirar fundo e não mostrar o quanto estava afetada, mas era isso ou não conseguir responder de forma racional.

— Eu realmente gostaria de poder voltar para o local onde estou hospedada, dormir e poder voltar para minha cidade, minha empresa e minha rotina. Eu não tinha planos para desviar dessa intenção, portanto eu realmente agradeceria se você me soltasse. — Tentei empurrá-lo com minhas mãos em seu peito, mas nada aconteceu. Droga de homem forte! Eu não estava conseguindo ser convincente.

— Trate de fazer novos planos. Eu quero você na minha cama, hoje. — Ele aproximou seu rosto do meu e fechei os olhos em um desespero infantil. Ele iria me beijar e meu controle perto dele estava por um fio.

Nada aconteceu. Eu abri meus olhos devagar, para verificar o que estava acontecendo e me deparei com seu olhar azul, decidido e determinado.

Merda!

— Rachel, eu sei como você funciona e estou disposto a aceitar desta forma. Você não se relaciona, é uma mulher moderna e não teria problema nenhum em ter um pouco de sexo casual com um homem bonito e muito disposto a fazê-la gemer e gozar a noite inteira.

Suas palavras diretas e sem nenhum pudor acenderam meu fogo interno e acabaram com qualquer determinação que tinha para impedir que isso acontecesse.

Eu sabia de seus negócios ilícitos, sabia de sua atitude arrogante e prepotente. E daí? Eu não iria me casar com ele, nem estaria convivendo. Uma noite, prazer e até logo, sem trocar informações pessoais ou telefones.

Eu tentava me convencer a aceitar o que ele poderia me oferecer, justificando que nem na mesma cidade eu morava. Como com Playboy, apenas

uma noite e não haveria risco de cruzar minha vida com a dele.

Complicar algo simples não era o meu perfil. Sexo casual era normal, tal como as palavras.

Então por que eu precisava me retrair tanto assim? Precisava parar com a frescura e seguir como sempre fiz. Ele era Victor Aranha, mas também era como qualquer outro cara que eu havia encontrado num bar ou *pub*, para suprir minhas necessidades.

— Sim, eu não tenho problema com sexo casual. Só não entendo como você tem tanta certeza de que quero fazer com você — tentei intimidá-lo, mas sabia de antemão que esse jogo da sedução eu havia perdido no momento em que havia iniciado. Eu também já tinha decidido, ficaria com ele, uma noite e fim de jogo.

— Ah, você quer. — Ele encostou seu quadril em mim e então deslizou seu nariz no meu pescoço. A indicação de sua excitação apenas contribuiu para que eu continuasse a aceitar tudo o que ele estaria me oferecendo. Ele movimentou a cabeça para cima e para baixo, fazendo todo meu corpo se arrepiar e comecei a ofegar. — Você pode lutar contra isso, mas existem reações que não são possíveis de controlar, como o arrepio que causo em você — disse baixo e no meu ouvido. Meus olhos se fecharam e minha mente começou a imaginar mil e uma cenas exóticas com ele e com sua boca sussurrando no meu ouvido.

Sim, isso seria muito bom!

— Sexo casual? — questionei baixinho, já demonstrando que estava me rendendo aos seus encantos por completo. Eu poderia fazer isso. Tinha feito várias vezes, com homens que nem sabia a profissão. Saber que ele era um

criminoso não deveria me impedir de fazer sexo, pelo contrário, estava me incitando a experimentar o proibido. Eu não faria negócios com ele, muito menos me tornaria sua namorada.

Pessoal e profissional eram duas coisas separadas, elas poderiam andar de mãos dadas, como também em caminhos opostos.

Eu continuei repetindo essas palavras para mim, tentando me convencer de que realmente transar com ele não teria nada a ver com ser cúmplice de suas ações ilícitas. Eu era uma mulher da lei, não uma criminosa.

— Nada menos. — Ele afastou seu rosto apenas o suficiente para me encarar e depois me beijar, roubando meu fôlego e fazendo meu coração acelerar.

Foi um beijo sensual, de boca aberta, línguas duelando e paixão. Sua mão, que estava na minha nuca, se movimentou pelas minhas costas e a outra veio me segurar pela cintura. Eu aproveitei e coloquei meus braços em volta de seu pescoço, deixando que todo o meu corpo tocasse o seu.

Esse beijo durou muito, mas ao mesmo tempo, pouco. Eu queria mais, mas não ali, não para todos verem.

Entendendo como uma resposta afirmativa, Victor cessou a demonstração de afeto, pegou na minha mão e me levou em direção a sua moto esportiva. Não pensei na roupa que estava usando ou nas consequências da minha ação para minha profissão ou vida pessoal. Ele era lindo, e se a presença de palco era um pouco do espetáculo que poderia ter entre quatro paredes, eu queria mais.

Aceitei seu capacete, montei atrás dele, ajeitando minha saia para o alto,

e o abracei tão forte quanto podia quando ele acelerou e seguiu em direção a qualquer lugar. Como imaginei, era muito diferente estar em uma moto esportiva. Senti liberdade, mas muita adrenalina e emoção. E colocar meus braços em volta de um homem com o porte de Victor apenas transformou o passeio em algo admirável. Poderia fazer isso muitas vezes, sentir seu cheiro forte de couro e o calor que emanava na união de nossos corpos.

Era fato, eu aceitei entrar na cova do leão e não estava nem um pouco preocupada.

Capítulo



Cinco

Rachel

Eu acreditava que Victor havia estacionado a moto na sede do Aranhas Moto Clube. Era um edifício alto, cheio de janelas, com um estacionamento em volta, muitas motos esportivas e carros elegantes que pareciam custar uma fortuna.

Ele me esperou descer para fazer o mesmo. Retirei o capacete e o coloquei em cima da moto de forma displicente. Victor pegou minha mão com firmeza e praticamente me arrastou para dentro.

Não entramos pela recepção iluminada e cheia de portas de vidro, mas por um acesso lateral, onde um homem alto, largo e forte fazia guarda.

— Não nos interrompa — Victor decretou para o homem, que assentiu e abriu a porta. Seguimos por um corredor mal iluminado até chegarmos a um elevador. Victor apertou o botão para chamá-lo. Até esse momento, não direcionou nenhuma palavra para mim.

Precisava diminuir a tensão que estava envolvendo minhas entranhas pela antecipação do que iríamos fazer.

— O que é aqui? — perguntei, mostrando minha curiosidade, olhando para todos os cantos. Por incrível que parecesse, não estava com medo, apenas ansiosa.

— A sede do Aranhas Moto Clube — a resposta dele saiu desinteressada. Eu havia adivinhado que aqui era a casa do clube.

— Nossa, mas precisa ocupar todos esses andares? Quantos apartamentos são por andar? Dez? — continuei meus questionamentos e percebi que para ele eram impertinentes, já que seu rosto demonstrou um pouco de irritação.

— Chega de perguntas. — O elevador chegou e ele me puxou para dentro, sem nenhuma delicadeza, assim que abriu a porta.

Antes que eu processasse que ele havia apertado o botão da cobertura, ele tinha me pressionado contra a parede do elevador. Sua boca me devorava, e suas mãos imobilizavam as minhas ao lado da minha cabeça.

Não havia sutileza em seu contato e sim desespero. O beijo era forte, envolvente e completamente sedutor. Seu corpo investiu no meu, me pressionando e se afastando em um ritmo perfeito para que eu apenas apreciasse sem moderação.

Senti-me viva, eufórica, desejada e muito, mas muito excitada.

Quando ele cansou da minha boca, investiu seus lábios no meu pescoço e orelhas. Suas mordidas e lambidas me fizeram arrepiar e gemer. Uma de suas mãos abandonou a minha e foi para um dos meus seios, apertando apenas o suficiente para proporcionar prazer.

— Oh, Victor — sussurrei. Nesse momento, olhei para o teto e reparei na câmera nos mirando.

Merda!

Tentei empurrá-lo apenas com uma mão e ele se afastou rapidamente, estranhando meu comportamento.

— O que foi?

— Câmeras — eu disse e sua confusão pareceu maior. Bem, achei que

ele não era um bom entendedor, já que eu disse meia palavra. — Existem pessoas olhando pela câmera e provavelmente se masturbando, enquanto estamos aqui — soltei, horrorizada.

Ele riu e não discutiu, já que o elevador chegou ao seu destino. Abriu a porta e me arrastou para um espaço com sofás e poltronas luxuosas. De um lado, havia um grande balcão, com muitas bebidas alinhadas em prateleiras acima dele. Do outro, uma grande televisão, aparelho de som e instrumentos musicais.

— Você é músico? — perguntei, assim que nos afastamos e entramos em um pequeno corredor. Ele me conduziu até a última porta, e o quarto amplo, com uma cama enorme no centro me surpreendeu.

Havia dois sofás pretos de couro muito confortáveis do lado oposto do banheiro. Nenhuma porta ou parede, apenas vidro, separavam um ambiente do outro. Só o local do vaso possuía uma porta e paredes sólidas.

— Venha, quero começar com você pelo sofá. — Ele me conduziu até o estofado, me empurrou para sentar e passou a mão no meu cabelo, enquanto eu estava nivelada com seu quadril, e sua volumosa virilha estava quase esfregando no meu rosto. Deixei minha bolsa no chão e foquei nele.

— Vai fugir da minha pergunta? — Segurei sua cintura, e o trouxe para mais perto do meu rosto, apenas instigando ainda mais sua excitação.

— Eu toco apenas como hobby, não sou músico — disse um tanto sombrio e, se não fosse o volume em sua calça, eu arriscaria dizer que o clima poderia ter sido prejudicado. — Por favor, as damas primeiro. — Ele acenou com o queixo para onde ele queria que eu desse atenção e inclinei minha cabeça para trás, para encará-lo.

Ele achava que eu devia começar o chupando?

Até na cama ele parecia prepotente, mas eu realmente descobriria se isso era apenas uma fachada ou a verdade. Ainda sentada, soltei seu quadril, fui para o outro lado do sofá, inclinei meu corpo para trás e desci o zíper lateral da minha saia o mais devagar possível. Eu não o encarei, apenas agi como se fosse natural. Fiz uma cena, removendo-a, e agradeci minha intuição por me fazer escolher a pequena calcinha branca que estava usando. Mulheres com lingerie sexy se sentiam poderosas, e eu estava me sentindo a melhor.

Finalizado meu show, com a saia jogada pelo meu pé para o lado, encarei o homem cheio de luxúria à minha frente. Ele não fez nenhum movimento, suas mãos estavam fechadas com força ao seu lado, como se ele precisasse se controlar.

Não, querido, eu quero o descontrole.

Abri minhas pernas da forma mais lenta e sensual que consegui. Coloquei dois dedos na minha boca e suguei com força e com muita saliva. Vi seus olhos escurecerem, suas mãos fechadas tremerem e sorri de forma promíscua.

— Eu preciso mudar o seu conceito de damas primeiro. — Deslizei meu dedo cheio de saliva pelo meu pescoço, entre meus seios por cima da blusa de seda que ainda vestia, barriga, e então entre minhas pernas.

Ele deu um passo em minha direção e fechei meus olhos quando comecei a movimentar os dedos por cima da pequena calcinha. Escutei sua respiração acelerada e ofegante, mas ele ainda não tentou me alcançar.

— Oh, Victor, tenho certeza de que seus dedos ou sua boca fariam muito

mais e melhor do que os meus — provoquei, falando com meu tom mais sedutor. — Aproveite e já deixe a camisinha de fácil acesso, para depois que eu gozar.

Esperei um pouco, e nada. Virei minha cabeça para onde ele estava e comecei a encará-lo com intensidade. Meus dedos começaram a se mover com mais velocidade, minha respiração começou a acelerar e meus quadris movimentaram-se em sincronia com minha mão.

Havia poucas coisas que me deixavam constrangida. Usar todos os artifícios que possuía, entre quatro paredes, para conseguir o que queria no sexo, não era uma delas.

Percebi que ele ainda estava se controlando e tive certeza de que dentro daquela cabeça arrogante, começar fazendo sexo oral em uma mulher era um ultraje.

Bem, se fosse para continuar com a noite dessa forma, eu preferia estar sozinha, no meu quarto, escutando uma boa música sensual. *Mentirosa*, um lado da minha cabeça dominada pela luxúria disse.

Comecei a gemer e percebi que faltava pouco para conseguir chegar ao ápice do meu prazer. Tendo-o como observador, fazendo de tudo para não se aproximar, aumentava ainda mais minha libido.

— Eu vou gozar e vou embora se você... — não terminei a frase provocativa, porque ele conseguiu, em um segundo, desabotoar sua calça, me cobrir com o seu corpo, empurrar minha calcinha de lado e se enterrar dentro de mim. — Oh! — exclamei surpresa e assustada.

Ele não me deixou acostumar e começou o movimento de vai e vem. Parecia muito bruto e selvagem, mas o homem sabia o que estava fazendo,

porque suas investidas possuíam fricção suficiente para continuar com meu caminho sem volta para meu clímax.

Victor colocou sua boca no meu ombro e mordeu. Eu assustei no primeiro momento e sua língua na minha pele me fez gemer de tesão. Foi forte, mas foi intenso e prazeroso. Naquele momento eu acreditei que existia mordida de amor.

Amor, estava longe disso. A mordida era de paixão, pura luxúria e... não estávamos usando preservativo.

— Porra, Victor, a camisinha!

Coloquei minhas mãos em seus cabelos sedosos e apertei, controlando minha vontade de continuar, mas pensando em mil e uma doenças. Ele voltou sua boca na minha e, antes que eu mordesse seus lábios, exigindo que se afastasse de mim pela ausência de proteção, ele se retirou por completo do meu interior, se ajoelhou e cobriu meu sexo com sua boca. Sua língua me torturou o suficiente para prolongar meu clímax por um tempo que nunca achei que seria possível.

Eu estava chocada e cansada, tudo no bom sentido. Meu peito subia e descia em alta velocidade. Se eu tivesse algum problema cardíaco, com certeza teria infartado.

Feliz que o fiz descer de seu pedestal, o provoquei.

— E, assim, as damas foram primeiro. — Sorri e ele retribuiu de forma pecaminosa.

— Depois de sua atuação, acredito que seria impossível um homem recusar o seu convite. — Ele se afastou um pouco e removeu sua calça e

coturnos. — Vamos, minha vez de ter sua boca em mim.

Ao me dizer isso, tive vontade de desafiá-lo. Será que ele já ficou alguma vez sem gozar em uma relação sexual? Estava tentada em fazer exatamente o que me questionei e não precisei de muito esforço, porque um homem invadiu o quarto sem se anunciar antes.

Eu gritei de susto, procurando minha saia e tentando me manter oculta ao me curvar.

— Filho da puta — Victor xingou, colocou sua calça de volta e seguiu em direção ao invasor. — Se eu tivesse uma arma, você estaria morto, caralho! — esbravejou na cara do invasor.

— Deu merda em uma entrega. Você precisa estar lá, senão Denny pagará pelo erro — O visitante disse em tom normal e educado. Ele não parecia com medo de Victor e o anunciado realmente era algo para se preocupar, porque Victor voltou para colocar seus coturnos, foi até o closet e trouxe duas armas.

Com muito medo de ficar e do que iria acontecer, esqueci minha vergonha e apenas me levantei para colocar a saia. Precisava sair logo dali, antes que essas ilegalidades me atingissem. Eu havia vindo apenas pelo sexo, não pelos seus negócios ilícitos.

— Aonde você pensa que vai? — Victor se aproximou de mim e me encarou feroz.

— Você tem negócios para cuidar, parece muito trabalhoso e eu preciso voltar para...

— Não vai demorar. Você fica aqui e me espera. Vou pedir para trazerem um pouco de bebida e comida — insistiu, impaciente e apreensivo. Ele não me

queria fora do seu quarto e percebi que o invasor estava nos olhando em choque.

E não era que o mandão e arrogante estava pedindo para eu ficar, confundindo seu empregado? Bem, deduzi que o estranho era seu colaborador. Para não piorar a situação e evitar qualquer discussão, porque Victor possuía esse olhar mandão, assenti sem olhar em seus olhos.

— Tudo bem. — Sentei-me no sofá e cruzei meus braços à minha frente, tentando demonstrar um pouco de contrariedade.

Alguns minutos se passaram e o visitante chamou Victor novamente, estava ansioso.

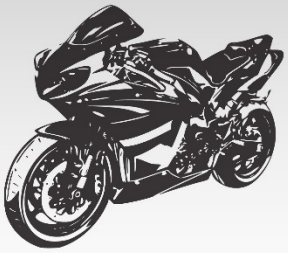
— Não saia daqui! — ordenou baixo e se foi, sem esperar uma resposta, até porque não era uma pergunta.

Estranhamente me senti calma e no controle. Percebi que meus sentimentos, aqueles que pensei nunca existirem, manifestaram-se, mas calei-os com um comando da minha cabeça. O nosso sexo foi bom, mas tudo não poderia ultrapassar a casualidade.

Olhei para o radiorrelógio ao lado da cama, em cima da cômoda de cabeceira, e aguardei quinze minutos antes de me levantar, recolher o resto dos meus pertences, seguir para fora desse prédio e para longe dessa cidade.

Longe de Victor.

Capítulo



Seis

Victor

Meu irmão não poderia se meter em uma situação pior do que essa. Tanto que fiz para que ele não se envolvesse com o mundo obscuro da ilegalidade, e lá foi ele se envolver com Vanessa Freeman, a filha de Jomal Freeman, um homem t ão podre quanto eu .

Eu estava muito irritado por Clin ter me interrompido e visto Rachel em posição comprometedora. Ninguém deveria ter esse direito, a não ser eu. Ela me tirou da zona de conforto, me fez seguir suas vontades e eu tinha gostado. Muito. Não assumiria para ninguém, mas veneraria o piso por onde essa mulher andasse. Sua dominância me atra í a, e por ela eu entraria em guerra!

Tentando controlar o resquício de excitação no meu corpo e focando todas as minhas forças em resgatar o meu irmão, convoquei metade dos membros do Moto Clube para me acompanhar nesse resgate, principalmente seu melhor amigo, Tom.

Em nossas motos esportivas, grande maioria de cor verde, e com todo o poder de fogo que poderíamos levar junto, cercamos uma das empresas JFreeman e invadimos, sem nos preocupar com as consequências dos nossos atos. Ele estava com o irmão do presidente do Aranhas Moto Clube. Todos nessa cidade sabiam o que acontecia com quem mexia comigo, mesmo que esse alguém fosse um filho da puta tão corrupto quanto eu.

Evitamos matar os funcionários de Freeman, enquanto dominávamos o

local. Tivemos pouca resistência até encontrar meu irmão cativo em uma sala, apenas amarrado e sem ninguém o escoltando. Isso queria dizer que era apenas um aviso, que a trégua foi dada nesse primeiro momento e eu tinha certeza de que não haveria um segundo. Ele tinha apenas alguns hematomas no rosto e o ego ferido.

Assim que conseguimos sair da empresa de Freeman, economizei minhas palavras e apenas olhei no fundo dos olhos tão parecidos com os meus, com a intenção de puni-lo. Identifiquei sua alma rebelde e decretei:

— Vá para a sede com Tom. Vamos conversar de forma definitiva amanhã. — Não hoje, não naquele momento. Eu precisava voltar para meu quarto, para o calor de uma advogada audaciosa pela qual eu estava dominado.

Denny abriu a boca para dizer algo, mas coloquei meu capacete, liguei minha moto e saí em disparada para a sede, deixando todo o resto para se organizarem sozinhos.

Chegando às proximidades do Moto Clube, dentro de mim já intuía que Rachel Collins não estava mais me esperando. Ela não era submissa, não demonstrava dependência ou fragilidade para ninguém, e tinha certeza de que eu não seria o primeiro a ver isso dela. Pelo menos, não agora que ela estava no topo.

Ao parar minha moto no estacionamento, desmontei com pressa, segui para minha entrada particular no edifício e não precisei que meu segurança dissesse alguma coisa. Sua afirmação com a cabeça de forma sutil era a resposta para minha pergunta não formulada.

A mulher que me deixou de quatro havia ido embora.

Mulher teimosa do caralho!

Mais irritado do que nunca, ao invés de parar no meu andar, segui para onde aconteciam as festas de sexo. Repreendi-me em pensamentos. N ão deveria ter demonstrado meu desejo por ela, não deveria ter perdido o controle, porque com isso me tornei fraco, tudo o que nunca quis ser, para ninguém.

Para mostrar a mim mesmo que nenhuma mulher mandava em mim, muito menos nos meus desejos, eu não dormiria de bolas azuis. Poderia muito bem estar gozando com ela, mas...

O andar era amplo, com um bar em um canto, sofás em outro e o palco no centro. A iluminação era escassa e vermelha, as pessoas despudoradas e o sexo explícito. Em pleno auge da luxúria e depravação, segui até a área onde mulheres dançavam no poste para os homens babarem.

Não era necessário muito para ficar excitado e acabar com minha frustração. Todas as mulheres queriam me ter e, dessa vez, as damas realmente seriam primeiras, com a boca no meu pau.

Acordei de mau humor e com dor de cabeça. O álcool que bebi não foi suficiente para esquecer tudo o que precisava. Não dormi sem me extravasar, porém foi apenas na garganta de Selena, a melhor vadia do clube. Nunca pensei que poderia ter consciência e assim que a última gota foi engolida por ela, um peso se formou e eu só queria exorcizar esses sentimentos idiotas que me dominaram.

Depois de dispensar Selena, não tive disposição nenhuma para continuar jogando e apenas assisti, enquanto todos no andar chegavam ao êxtase

sem nenhuma preocupação ou peso na consciência.

Ela não era Rachel. Eu queria a mulher teimosa com a boca no meu pau, não Selena.

Enquanto me lembrava da noite anterior, tomei um banho, bebi uma garrafa inteira de água e peguei a minha guitarra. Sentei-me no sofá e comecei a dedilhar algumas notas musicais. Mesmo sem o amplificador, com os olhos fechados, conseguia me imaginar no palco de um pequeno bar e tocando a música para as pessoas.

Era um hobby, mas que me satisfazia o suficiente... talvez, até mais. Essa paixão era secreta, era meu ponto fraco e apenas Rachel pareceu perceber isso.

Queria tanto essa mulher, mas não sei se estava disposto a pagar o preço dela. Eu já a tive, mas não foi nem metade do que queria fazer com seu corpo, suas vontades, sua alma! Queria saber se eu a afetava tanto quanto ela me afetava.

Escutei um barulho na porta e abri meus olhos para ver Denny entrar no meu apartamento sem bater ou se anunciar. Despreocupado, descartei minha guitarra e enfrentei meu irmão.

— Eu não vou desistir da Vanessa — anunciou sem nem mesmo me cumprimentar. Parei em frente a ele, ambos de pé e em posturas ofensivas.

— Você quer fazer parte do jogo, então comece pensando com sua cabeça e não com seu coração de menina.

— Eu não sou...

— Você é o que eu mando você ser! — declarei ríspido e me elevei

sobre ele. — Ou você é um Aranha e aceita minhas ordens, ou continua sendo meu irmão e fala de igual comigo. Estamos em guerra com Freeman depois de ontem.

— Eu não me importo com Freeman. Só n ão machuque Vanessa. — Ignor ou minha declaração e percebi o quanto ele estava apaixonado por essa garota.

Como uma mulher podia dominar tanto assim um homem? Sorri internamente ao saber que essa pergunta servia para ele e para mim. Percebi que podia usar isso ao meu favor, para meu propósito. Se seria esse louco amor que o salvaria da corrupção, que assim fosse.

Afastei-me dele, fui até o bar e me servi uma dose de uísque. Que se fodesse a ressaca.

— Ela vale a pena? — perguntei sem olhar para ele, mas, para saber sua resposta, o olhei e engoli todo o conteúdo do copo num gole só. Ele pareceu surpreso e não me abalei por isso.

— S-sim... — Sua insegurança era apenas pelo medo do que eu faria com essa informação, não dos seus sentimentos, uma vez que me encarou com desespero.

Não tivemos bom exemplo de amor e matrimônio. Meu pai fazia questão de demonstrar o quanto a fidelidade, para ele, era apenas para o clube. Minha mãe, por algum motivo, continuou aceitando de forma submissa tudo o que o antigo presidente dos Aranhas ofereceu.

Nunca pensei muito sobre esse assunto, sobre o amor e um relacionamento. Naquele momento, parecia que não havia outro assunto que

minha mente queria divagar. Eu estava disposto a abrir mão de tudo para ficar com Rachel, pagar todos meus pecados e me tornar digno.

Isso poderia funcionar com meu irmão, certo?

Bem, que assim fosse.

— Será resolvido — optei pela resposta misteriosa e segui para o meu escritório. Escutei Denny me seguir.

— Resolvido como? — questionou quando me sentei na minha cadeira. Encarei-o de forma plácida.

— Você é um Aranha ou meu irmão?

— Seu irmão, mas...

— Então farei como sempre faço quando resolvo seus problemas. Tudo na mais perfeita legalidade. — Com um sorriso malicioso, encarei meu irmão e percebi que ele só tinha temor para me oferecer.

Ninguém me olhava no mesmo nível, sem medo, a não ser uma atrevida e destemida chamada Rachel.

Capítulo



Sete

Rachel

Eu não aguentava mais tanto tédio e decidi voltar para minhas aulas de defesa pessoal. Se não fosse pela minha segurança, seria pela minha frustração. Já se passaram quatro semanas daquele encontro abrasador que tive com Victor, e nada, nem ninguém, conseguiu acalmar o fogo que me consumia.

Eu estava constantemente de mau humor, irritada e sem nenhuma paciência. N ão aguentava mais as piadinhas do meu irmão e se ele não parasse de me infernizar com elas, eu iria jogar o grampeador em sua cabeça com força o suficiente para fazer um buraco em seu crânio.

— Essa TPM vai durar até quando? — Richard, meu irmão e sócio, me perguntou ao entrar na minha sala. Tínhamos salas individuais e eu acreditava que teria que explicar a ele novamente o motivo de não dividir um ambiente com ele.

— Você não é obrigado a dialogar comigo. Volte para seu canto e me deixe trabalhar — respondi sem paciência, tirando meus olhos do computador apenas tempo o suficiente para olhá-lo de forma irritada no momento em que se sentou na cadeira à minha frente.

— Você está insuportável desde que voltou de viagem. O que está te incomodando? Ou quem está? — Ele cruzou os braços à sua frente e começou a me avaliar. Eu odiava quando fazia isso, porque descobria rapidamente o causador da minha mudança de humor e eu não tinha tanta certeza se queria

discutir isso com ele.

— Apenas você está me incomodando. — Apontei meu monitor com o queixo e dei a ele um sorriso falso. — Eu tenho prazos para serem cumpridos, seria primoroso se você não me interrompesse.

Voltei a ler a mesma página do processo pela quinta vez, porque desde que abri o arquivo não conseguia me concentrar.

Na primeira semana que voltei, consegui controlar minhas ações, deixando apenas uma ou outra indicação de que algo havia acontecido e estava me perturbando. Na segunda semana, meu controle foi diminuindo e minhas respostas irônicas e arrogantes começaram a extrapolar o meu normal. Até então, eu não me importava com o que falavam de mim, afinal, porque eu era a chefe desse escritório, mas meu irmão não se intimidava comigo. Na terceira semana, comecei a ficar um pouco estúpida com qualquer pergunta que considerava óbvia. Eu sempre fui cordial e direta, mas, naquele momento, estava sendo curta e grossa nas melhores situações.

Nessa quarta semana, já não sabia mais o que fazer, porque nem eu estava me aguentando. Então, decidi me esconder em meu canto, respondendo apenas e-mails. Eu conseguia me controlar quando escrevia, mas não conversando ou interagindo com ninguém.

Deveria encontrar um homem e liberar toda a minha frustração, talvez um profissional do sexo. Ou deveria pegar um saco de pancadas e descarregar nele essa insatisfação que estava me corroendo, mas toda vez que pensava em fazer qualquer uma dessas coisas, o rosto de Victor e a sua postura imponente, e sua tentativa em se controlar surgiam na minha mente. Eu me senti poderosa, a mulher mais linda do mundo quando ele perdeu o controle e me penetrou.

Eu estava me rotulando como a maior idiota do mundo! Era oficial!

O cara era um criminoso e eu estava obcecada por ele. Perdi meu juízo naquela noite, e ele ficou no meio daquele monte de andares que era a sede do Aranhas Moto Clube.

— Irmã, você se envolveu com algum motociclista por lá? — Ele franziu a testa e minha pressão caiu por conta do seu acerto. Ele sabia apenas dos Selvagens, motociclistas corretos e totalmente legais; Valentine até abriu um centro para acolher crianças carentes e eu estava ajudando com grandes doações em dinheiro. — Merda. O que deu em você? Voltou para a adolescência e decidiu dar uma de rebelde?

— Se preocupe com sua vida amorosa e me deixe em paz. Até algum tempo atrás, corria o boato de que você era gay — eu disse de forma maldosa, intencionada a afastá-lo de perto de mim, mas sem sucesso.

— Pelo menos eu tenho homens interessados em mim, e você, do jeito que anda amarga, nem um vibrador irá querê-la. — Ele segurou um riso e joguei a primeira coisa que estava à minha frente em sua cabeça, uma caneta. Isso só o fez soltar a gargalhada que estava contendo.

Sua risada animada e muito familiar conseguiu me tirar um pouco do meu estado mal-humorado. Nós sempre fomos íntimos, dividimos amigos e experiência. Ele sempre me deu conselhos sobre homens e eu, infelizmente, nunca o ajudei com mulheres, porque todas com as quais precisou de ajuda, eu odiava, e achava muito frescas.

Levantei da minha cadeira com meu olhar maligno e ele se levantou rapidamente da sua, tentando fugir da sala, adivinhando minhas intenções. Antes que ele alcançasse a porta, pulei em suas costas, meus braços em volta do seu

pescoço e minhas pernas na sua cintura. A risada aumentou e ele tentou fazer cócegas nas minhas costelas, o que me fez gritar de euforia.

— Você vai engolir suas palavras, seu chato! — Tentei enforcá-lo com meu braço, mas ele conseguiu facilmente se curvar para frente e me jogar o mais delicadamente possível no chão, de costas.

— Você precisa comer muito feijão para conseguir algo com isso, Rachel. — Ele estendeu sua mão para mim e me ajudou a levantar.

Ajeitei meu cabelo e roupa, me recompondo do momento infantil. Meu telefone que estava ao lado do computador tocou. Ofegante, corri para atend ê - lo, com meu humor renovado. Removi o telefone da base, já que ele era sem fio, e o coloquei no ouvido.

— Pronto — disse, enquanto seguia em direção a Richard, para um abraço de despedida.

— Doutora Rachel, ligação para a senhora, um novo cliente querendo saber... — interrompi-a antes de envolver meu irmão com meus braços.

— Pode passar.

— Fique bem, Rachel — Richard falou antes de me soltar.

— Eu te amo.

— Com quem você está falando? — O telefone quase caiu das minhas mãos quando a voz prepotente de Victor encheu meus ouvidos.

Fiz um gesto para Richard se afastar, e sua cara era de preocupação. Abri a porta e praticamente o empurrei para fora.

Respirei fundo e pensei rápido. Fiz tanto para que meu humor melhorasse e o motivo dele estar estragado ressurgia das cinzas, depois de quatro

semanas.

Quatro semanas de frustração!

Com meu raciocínio funcionando, optei por ser indiferente, apesar de o meu coração estar mais do que acelerado e minha respiração totalmente ofegante.

— Desculpe o inconveniente, estava com outra pessoa em minha sala quando atendi sua ligação. Pois não, o que deseja? — Sorri para mim mesma por ter conseguido essa façanha de falar sem gaguejar. Meu coração estava quase saindo pela boca, esperando sua resposta.

— Rachel, Rachel... — ele repetiu meu nome, como se estivesse me repreendendo e segui para me sentar na minha cadeira, interessada em suas palavras. — Você é uma garota muito impertinente, não é mesmo? Eu sei o joguinho que está querendo fazer, e acredite, é muito excitante, mas comigo não cola. — Ele estava irritado e levantei minhas sobrancelhas de forma ultrajada.

— Tudo bem, *Walter Mercado*. Se você sabe tudo, por que me ligou? — perguntei divertida, lembrando-me da propaganda “ligue *djá*”.

Consegui arrancar uma gargalhada de Victor, algo que nunca imaginei que ele poderia fazer, já que parecia muito sério e muito ilegal para esse tipo de coisa tão natural e jovial. Sorri e deixei que as memórias da nossa noite de luxúria invadissem minha mente, da forma que elas tinham feito quase todos os dias desde quando sa í do seu prédio.

Sua boca na minha, seu olhar em mim, seu membro...

— Ah, eu deveria ter dado um jeito nessa sua boca no nosso último encontro, Rachel. — Fiz um som negativo com minha garganta e ele riu

baixinho. — Eu te garanto, será tão prazeroso para você quanto para mim. — Senti meu ventre se contrair ao dar vida à minha imaginação e voltei a minha irritação do início do dia, porque pensar nele só aumentava minha frustração.

Assim que essa ligação acabasse, eu ligaria para Nina e agendaria minhas aulas de defesa pessoal. Aqueles homens sarados e o saco de areia seriam minha terapia.

— Se o motivo da sua ligação foi esse, perdeu seu tempo. Aconselho encontrar com qualquer uma das mulheres que fazem fila para que você as tome, para realizar seus sonhos pervertidos. — Bati a mão na minha testa, porque acabei de demonstrar a ele ciúmes, dizendo que guardei por todo esse tempo as palavras que ele havia utilizado para se defender de Natacha.

— Não se preocupe, querida, nenhuma dessas garotas está desamparada, todas estão sendo muito bem atendidas — disse Victor, sabendo que suas palavras me atingiriam como ele desejava, destruindo meu ego e me desapontando, por não ser eu uma dessas garotas.

Era esse um dos motivos que não me permitia estar em um relacionamento. O poder que o parceiro teria sobre mim e o quão malicioso ele poderia ser.

— Eu realmente não tenho muito tempo para ficar ao telefone, jogando conversa fora. Diga o motivo da sua ligação ou irei desligar. — Não consegui fingir minha irritação. N ão estava me importando como parecia, só queria encerrar essa ligação e voltar para meu mundo mal-humorado e grosseiro.

— Tudo bem, negócios primeiro, deixarei o prazer para quando nos encontrarmos novamente. Eu preciso de seus serviços, como advogada. — Ele me surpreendeu ao dizer a segunda frase e esqueci qualquer conversa anterior

que tivemos.

— Eu? — Pareci ofendida. Eu era boa, mas não fazia milagre. Se ele achava que eu conseguiria livrá-lo das consequências de ser um homem fora da lei, estava muito enganado.

— Meu irmão se envolveu com as pessoas erradas, e agora eles estão fazendo chantagem e o extorquindo. Eles são da alta sociedade e muito perigosos. Nenhum advogado da região aceitou defendê-lo, tanto por seu envolvimento comigo, quanto por ser contra quem são. — Seu tom não tinha mais nenhum sentimento exposto, ele estava totalmente profissional.

— Quem são essas pessoas erradas? — perguntei curiosa.

— Você pode ou não pode aceitar esse caso? — respondeu com uma pergunta, e respirei fundo para começar uma discussão que tinha com quase todos os meus clientes.

— Veja bem, eu apenas aceito um caso se tenho condições de ganhar. O que você acabou de me dizer não me explica nem metade do que realmente está acontecendo. Pelo pouco que sei sobre você, se não envolve nenhuma de suas empresas legais, eu serei mais uma a recusar o caso, inclusive, um possível acordo. — Fui direta e não medi minhas palavras.

— E mais uma vez, Rachel Collins consegue o que ninguém mais conseguiu, fazer com que eu mude minha atitude padrão. — Ele não parecia contente, apesar de anunciar com um pouco de humor. — Meu irmão é universitário, atleta e não irá seguir o ramo da família, se depender de mim. Mas perceba o quanto o destino é irônico, ele está apaixonado pela filha de Jomal Freeman, Vanessa. Você já ouviu falar das empresas JFreeman? — perguntou de forma retórica e arregalei meus olhos ao escutar esse nome. O cara era um dos

maiores empresários do ramo farmacêutico do país e havia quem dissesse que ele tinha construído seu império em cima de muita sonegação de impostos, tráfico e desenvolvimento de novas fórmulas de drogas. — Pois então, se você não me acha um cara LEGAL — ele enfatizou a última palavra para mostrar o duplo sentido dela, de legalidade e simpatia — posso te garantir que JFreeman também não é, e toda a sua família está envolvida com as empresas.

— Merda, o que seu irmão fez para perturbar esse pessoal? Só se apaixonar não deveria dar tanto trabalho — eu disse distraída, mas minha cabeça entrou em modo profissional, imaginando mil e um cenários. Esse processo seria um desafio e tanto.

— Ah, mas no meu mundo, o amor pode causar grandes conflitos... — ele disse baixo e firme, me fazendo arrepiar e acreditar que essas palavras poderiam ter alguma coisa a ver conosco. A palavra *amor* em seus lábios parecia um pecado. — Ele acabou presenciando uma entrega clandestina ou secreta, quando estava curtindo a namorada na parte de trás do prédio de uma das empresas JFreeman. Ela, o pai escondeu, e há algumas semanas que meu irmão não consegue se comunicar com a garota. Ele está recebendo mensagens diárias e telefonemas anônimos para parar de procurar Vanessa Freeman e sumir do país, se quiser continuar vivo.

— Caramba — sussurrei, abalada. Esse seria um caso muito complicado e que fugia um pouco do perfil de clientes que eu atendia. Nunca atendi ou processei um homem desse calibre, um traficante.

— Sim, existe muita merda nisso, porque meu irmão não sairá da cidade. Ele terminará sua faculdade, nem que meus cinco seguranças se formem junto com ele. Eu quero que esses engravatados saiam da cola dele — disse

determinado. — Denny é um bom garoto, não precisa ser poluído por esse mundo — complementou baixo, e acreditei que não tinha a intenção de parecer tão vulnerável quando se tratava do irmão.

— E você precisa se sujar? — n ão consegui evitar a pergunta. Por que um poderia e o outro não?

— Eu nunca fui um bom homem — respondeu abatido, de forma sombria. Isso me fez querer consolá-lo de alguma forma.

— Victor...

— Então, vai ou não vai aceitar a causa? — Mudou para sua postura arrogante, me fazendo suspirar.

— Você já tentou ameaçá-lo com seus homens também? Isso não parece ser um caso jurídico e sim uma briga de gangues.

— Não fale do que não sabe, Rachel. Essa situação será tratada de forma correta, como tudo o que envolve o meu irmão deverá ser.

— Mesmo que pare ça difícil de aceitar, existe m duas opções nesse caso e o caminho que você quer trilhar é a pior, porque...

— Rachel — ele me interrompeu.

— Espera, me deixe terminar — disse ríspida e o escutei suspirar do outro lado do telefone. — Processá-los tornará essa situação oficial e poderá levar um tempo para que seu irmão tenha uma medida protetiva. Um acordo é a melhor opção nesse caso, porque pode ser resolvido tudo no mesmo dia, com contratos de sigilo e confidencialidade.

— Eu não vou negociar com esses ratos — disse irritado.

— Você quer ou não quer uma consultoria jurídica nesse caso? —

perguntei no mesmo tom irritado e ele não respondeu. — Nunca peguei um caso como esse, mas pelo que você me falou, essa é a melhor solução para preservar o seu irmão, que acredito que seja a sua intenção nisso tudo, correto? — continuei com meu tom irritado e adicionei um pouco da minha arrogância nele.

O telefone ficou mudo por alguns segundos e eu estava quase para perguntar novamente, quando ele falou:

— Esse tom é apenas comigo ou todos os seus clientes conhecem esse seu lado "dominadora"? — Era perceptível o sorriso na sua pergunta, e como eu estava em modo profissional, apenas respondi como se fosse qualquer outro cliente e não Victor, o presidente do Aranhas Moto Clube e o homem que me proporcionou uma noite de luxúria inesquecível.

— Se eu quisesse discutir sobre minha vida pessoal, estaria fazendo terapia. Não desperdice seu dinheiro e muito menos o meu tempo. Estou disposta a aceitar seu caso, apenas se tentarmos um acordo no primeiro momento. Se não der certo, iremos às formalidades que você quer. — Cruzei minhas pernas e fiz minha pose superior, quase acreditando que ele poderia me ver pelo telefone.

— Faça como quiser, Rachel, você é a advogada — disse aborrecido e derrotado. — Mas quando você vier aqui, eu te quero no meu quarto e, dessa vez, pelas minhas regras.

— Eu não... — Escutei o barulho familiar da ligação encerrada e quase arremessei o telefone na parede, de indignação.

Quem ele pensava que era?

Idiota! Se ele estava achando que tinha poder sobre mim, estava muito enganado. Ou melhor, mostrarei a ele que existe um grande engano sobre isso,

porque ninguém mandava em mim, nem meu próprio coração.

Capítulo



Oito

Rachel

Como prometido para mim mesma, liguei para Nina e ela agendou minha aula de defesa pessoal para o fim da tarde. Eu estava na academia de preparação para seguranças e defesa pessoal, um anexo à empresa de Nina, a ESP Trent.

Homens fortes e muito musculosos estavam por toda parte, perto dos aparelhos de peso, esteira, ringue e até na arena. Impossível não olhar de forma fascinada para todos esses corpos, porque não existia nenhuma massa gorda, a não ser que você considerasse minha pessoa sendo esse pouco de gordura.

N ão estava acima do meu peso, mas minha massa corporal com certeza tinha um pouquinho de massa gorda. Eu não tinha o padrão de beleza atual, mas estava confortável com meu corpo do jeito que era, com muitas curvas e massa para pegar e apalpar.

No canto mais distante, depois de passar por todos esses homens, dignos de calendário sensual em uma oficina mecânica feminina, encontrei a sala que queria. Ela possuía paredes de vidro e muitas mulheres, de todos os tipos e tamanhos, estavam espalhadas dentro dela. Era a aula de defesa pessoal e Nina era uma das instrutoras.

Entrei da forma mais discreta possível, mas não passei despercebida por minha amiga.

— Rachel Collins, perdeu seu caminho para essa aula ou meus meninos

não são bonitos o suficiente para seu gosto? — disse em voz alta. Alguns instrutores olharam para mim com diversão e outras mulheres fizeram beicinho.

Nina saiu da frente da aula e se aproximou de mim, no momento que colocava a bolsa de ginástica no chão. Eu estava com minha roupa padrão de quando fazia essas aulas, calça *legging*, blusa de grandes proporções e tênis.

— Eu precisava construir meu império, não me sobrou tempo para relaxar e cuidar de mim. — Entrei na sua brincadeira.

— Que bom que arranjou um tempinho para você. Prometo não te enviar mais nenhum cliente, enquanto você não voltar a ficar em forma. — Ela piscou um olho para mim e me direcionou para um grupo de mulheres se aquecendo. — Fique com elas, começaram há pouco tempo. — Ela virou para o instrutor e terminou. — Ela tem noção de muita coisa, mas faz tempo que não participa das aulas, então exija bastante dela, mas abrande se começar a chorar.

Todos da roda riram quando Nina se afastou e ela seguiu para outra roda, ajudando os instrutores na aplicação de golpes ou na execução de repetições de movimentos de ataque e defesa.

— Bem-vinda de volta. — O lindo instrutor de olhos castanhos claros e cavanhaque me cumprimentou e quase virei uma poça, porque sua voz e todo o resto dele me fariam derreter em um segundo, se eu não estivesse tão obcecada por Victor. — Vamos voltar de onde paramos. Alongaremos pernas e panturrilhas, começando com alcançar a ponta dos pés.

Algumas resmungaram e outras se animaram, inclinando o corpo para frente e tentando, com e sem sucesso, alcançar a ponta dos pés.

Eu não queria me gabar, mas mesmo depois desse tempo sem treinar, eu

ainda tinha elasticidade o suficiente para executar esse exercício com perfeição.

Inclinei-me para frente e coloquei minha testa no meu joelho e as mãos no meu calcanhar.

— Puta que pariu, você é de borracha! — exclamou a mulher ao meu lado, uma senhora que provavelmente teria mais de cinquenta anos e nem um pouco flexível.

Virei meu rosto para ela e sorri, tentando ser simpática, ao invés de revirar os olhos para seu comentário exagerado.

— É genético . — Desmereci meu potencial, apenas para que ninguém se afastasse de mim por me achar arrogante demais, coisa que já havia acontecido antes. E com meu humor atual, não me arriscaria à resposta sincera.

— Muito bem, Rachel. Vejam, meninas, vamos nos inspirar nela — o instrutor disse e alguns olhares reprovadores seguiram em minha direção.

Tanto esforço em vão para parecer normal.

Depois de uma hora e meia, alongamentos e treinamentos de alguns golpes de defesa, eu estava completamente encharcada de suor. Peguei minha toalha, que trouxe comigo na minha mala de ginástica, e sequei meu rosto. Algumas mulheres do meu grupo se despediram de mim e outras começaram a entrar, se preparando para a próxima aula. Outros instrutores apareceram e controlei minha boca para não abrir em admiração. Eram todos tão sarados!

— Eu trabalho no paraíso, não é verdade? — Nina se aproximou de mim e olhou para seus instrutores.

— Só seria se você pudesse experimentar todos eles. — Sorri ao colocar

a alça da minha bolsa no ombro. — Uau, estou cansada.

— Sim, a aula foi puxada hoje e não, não experimento todos. — Ela tinha um olhar malicioso.

— Alguns então? — insisti.

— Nenhum então, na verdade. — Ela me encarou animada. — E o gostoso do seu irmão, como vai?

— Está se divertindo com o assédio masculino — brinquei e ela arregalou os olhos. Ri com vontade, me curvando para segurar minha barriga.

— Ele é gay? — perguntou baixinho, a decepção estava visível em suas feições.

— Não, Nina, você sabe que não. — Recompus-me. — Ele é muito recatado, um cavalheiro, e por isso estão espalhando que ele é gay.

— E existe homem com essa descrição que não seja gay? — Nina arregalou os olhos para mim e revirei meus olhos para ela.

— Você entendeu o que eu quis dizer, ele é praticamente o exemplo que todo homem comprometido e de família deve seguir. Ele só se esqueceu de que não é nem um e nem outro. — Inclinei-me para beijar sua bochecha. — Até logo, voltarei amanhã, se não estiver toda dolorida.

— Mulher, nossa aula de defesa pessoal é igual a sexo selvagem, te faz reconhecer músculos que você nunca usou ou nunca imaginou ter, então te deixa dolorida o suficiente para não conseguir andar e, no final, precisa tomar um banho relaxante. — Ela piscou um olho para mim e uma menina jovem e muito ruborizada escondeu seu rosto da gente, denunciando que nos escutou e que, provavelmente, tinha pouca experiência sexual.

Acenei um adeus para ela e segui para o meu carro estacionado na garagem em frente à academia. Parei ao lado da porta do motorista e abri minha bolsa em busca da chave. Recriminei-me internamente por não ter pegado a chave antes de sair das dependências da academia, uma orientação feita pelos próprios instrutores de defesa pessoal em todas as aulas. O sol já havia se posto e esse era um cenário perfeito para um assalto.

Que bela relapsa eu era!

Encontrei a chave, desarmei o alarme e abri a porta do motorista, jogando minha bolsa de ginástica no banco do lado e me sentando. Assim que coloquei a chave na ignição, a porta traseira do carro foi aberta e um homem encapuzado e coberto da cabeça aos pés de preto entrou, apontando uma arma para a minha cabeça.

Que merda era essa?

Por instinto, ergui minhas mãos em sinal de rendição e a pessoa atrás de mim falou com uma voz robótica, provavelmente com algum aparelho de distorção:

— Coloque as mãos no volante novamente e não faça movimentos suspeitos. — Sem saber o sexo, o homem ou a mulher pressionou a arma na minha cabeça.

Engoli em seco e fiz o que me foi ordenado. Meu coração acelerou de medo e pavor. Repeti na minha cabeça as palavras calma e paciência, calma e paciência... até que minha respiração começou a se acalmar e meu coração começou a bater em uma frequência normal. Mente domina corpo, sempre!

Um tempo depois, a pessoa atrás de mim falou:

— Ligue o carro e ande pela cidade, apenas avenidas.

Fiz novamente sem discutir o que me foi comandado e saí do estacionamento, torcendo para que algum segurança ou alguém conhecido me visse para enviar um sinal de socorro.

Nada.

Eu estaria à mercê dessa pessoa até quando ela quisesse. Eu não poderia identificá-la, nenhuma característica, apenas uma estimativa de altura e peso, porque até seus olhos estavam cobertos por óculos escuros, tipo de esqui.

Enquanto dirigi pela cidade, observei tudo ao meu redor, tentei pensar na melhor opção para me livrar desse raptor. E se eu batesse o carro? Como chamaria atenção?

Tentei deslizar minha mão para o banco do lado, em busca do meu celular, acreditando que a pessoa não estivesse vendo, mas fui surpreendida por uma coronhada na cabeça.

— Filho da puta, doeu! — exclamei, irritada por essa situação e, com isso, começando a ficar abusada. Coloquei minha mão na cabeça e percebi que um pouco de sangue estava escorrendo. — Vai me bater se eu pegar minha toalha e me limpar? — perguntei irritada.

— Você tem sorte que estou de bom humor, senão sua massa encefálica estaria espalhada por todo esse carro pomposo — respondeu, pressionando a arma na minha ferida, me fazendo gemer e afastar.

Mesmo sem a sua autorização verbal, peguei a toalha e limpei minha mão, já que o local machucado seria impossível, uma vez que a arma estava pressionada lá.

Meu celular tocou e suspirei aliviada. Qualquer pessoa que me ligasse esse horário saberia que havia algo de errado comigo, dependendo do que eu falasse.

— Eu preciso atender, senão desconfiarão — tentei induzir meu raptor.

— Não toque nesse aparelho — comandou e apertei o volante com mais força, irritada por não estar conseguindo nada.

Pelos próximos minutos, o celular não parou de tocar e o raptor se inclinou para pegá-lo do banco do passageiro.

— Quem liga para você de número bloqueado?

— Eu não sei, você não me deixou atender para descobrir. — Internamente me perguntei quem seria.

— Estacione o carro na próxima quadra. Atenda ao telefone no viva-voz e não diga nada suspeito ou começarei a atirar em seus membros, começando pela mão.

Apesar da voz de robô, eu consegui detectar o tom de perigo e sua amea ça me atingiu como um balde de á gua fria. Eu ainda iria tentar, mas estava morrendo de medo de ser atingida.

O celular parou de tocar e cinco segundos depois voltou. A pessoa de preto me entregou o aparelho, eu apertei a tela para aceitar a ligação e depois, o botão do viva-voz.

— Alô? — com pouca confiança, mostrei minha instabilidade na voz.

— Rachel, é você? — o tom preocupado nada combinou com o homem irritado com o qual conversei algumas horas atrás. Victor tinha conseguido meu número de celular e era minha única esperança.

— Sim, sou eu. Tudo bem? — Fui cordial, e meu coração acelerado no peito quase me fazia gaguejar. *Repare minha atitude diferente, Victor, por favor!*

— Por que você está dando voltas pela cidade no seu carro?

Arregalei meus olhos para meu raptor e escondi minhas mãos no meu colo, balançando a cabeça de forma negativa e com medo.

Por favor, não atire em mim, tentei dizer com meus olhos antes de eu ouvir um estrondo e me encolher.

Capítulo



Nove

Rachel

O vidro da janela do banco traseiro do meu carro explodiu e fez com que a pessoa toda de preto, o meu raptor, se abaixasse para se proteger. Eu aproveitei o momento para gritar “socorro” para Victor pelo celular, abri a porta e saí correndo, quase sendo atropelada por um carro.

Atravessei a rua movimentada e continuei minha corrida, sem olhar para trás, apenas querendo fugir desse pesadelo. Quando eu estava na segunda quadra, um homem alto, e também todo de preto, me prendeu nos seus braços, imobilizando os meus avanços.

Ah, não, de novo não!

Comecei a gritar, espernear, tentei de tudo para me libertar. Nenhum transeunte parecia se importar com nossa interação.

— Me solta, filho da puta! — gritei de forma estrangulada e fazendo força para me libertar.

— Calma, senhorita Collins, eu sou sua ajuda — o homem disse com calma e eu não acreditei.

— Se você é ajuda, me solta! — desafiei e ele me soltou. Um segundo depois, eu chutei entre suas pernas e saí correndo novamente.

Escutei o homem xingar. Virei meu rosto e percebi que ele estava correndo atrás de mim, com sua cara de dor e um pouco curvado.

— Pare de correr, mulher! — gritou e eu ainda não parei de me distanciar dele. — Eu vim ajudar!

Depois do que acabei de passar, ele queria que eu acreditasse em suas palavras? Não mesmo, já bastava ter errado ao não pegar a chave do meu carro antes de sair da academia, não o faria outra besteira novamente. Esse foi um ensinamento da minha mãe, nunca falar com estranhos.

Decidi entrar em um dos estabelecimentos, para me esconder e pedir ajuda. Era uma padaria e me apressei em direção a um atendente.

— Pois não? — a moça me recepcionou sorrindo e arregalou os olhos quando me viu sangrando. — Oh, a senhora está machucada!

— Eu estou sendo seguida. Tentaram me sequestrar, mas consegui escapar. — Coloquei minhas mãos nos meus joelhos e comecei a inspirar e expirar rapidamente. — Posso usar o telefone? — Iria ligar para meu irmão, o único que poderia me ajudar nesse momento.

— Ela não precisa ligar para ninguém, eu vim ajudar. — O homem que havia me parado um momento atrás estava ao meu lado e eu gritei de surpresa.

— Ele também quer me sequestrar! — Apontei e olhei para a atendente atrás do balcão. Ela estava assustada, olhando de mim para o homem.

Como a moça não parecia ter planos de agir em minha ajuda, decidi olhar para meu segundo raptor e analisá-lo. Ele era alto, porte atlético, cabelos e olhos claros, curtos e bem penteados, sem barba. Pensando bem, ele não parecia nem um pouco intimidante e suas roupas pretas eram de couro, roupas típicas de quem andava em moto esportiva.

Abaixei minha mão, coloquei na minha cintura e franzi a testa.

— Quem você disse que era?

— Sou ajuda. Eu me chamo Tom, e Victor pediu que eu trouxesse alguns documentos para você. Eu estava tentando te localizar quando você começou a dar voltas e voltas nas mesmas avenidas. Avisei Victor sobre isso e percebemos que algo estava errado. — Ele colocou a mão na virilha e fez uma careta. — Doeu pra caralho!

— Me desculpe, eu achei... — Suspirei, fechei meus olhos e olhei para o teto. Ele parecia ser sincero em suas palavras. Eu precisava recuar e aceitar a ajuda. Alguém chamou minha atenção e percebi que estava atrapalhando a fila. — Vamos nos sentar em uma mesa. — Eu indiquei para Tom e seguimos até uma mesa livre no lado de fora da padaria.

Ele olhou para todos os lados e se sentou de costas para o estabelecimento, mas olhando para os dois lados da calçada. Eu me sentei à sua frente.

— Você sabe quem tentou me sequestrar? — Apoiei minha cabeça na mesa e gemi. — Cara, nunca senti tanto medo na minha vida.

— Você está sangrando, Rachel. — Ele colocou a mão na minha cabeça para avaliar o machucado e gritei um “ai”. Ele sorriu, divertido. — Bem, não vou me desculpar, porque você está me devendo. — Endireitei-me na cadeira e fiz uma cara emburrada para ele. — Não sei quem estava com você, mas posso te garantir que consegui assustá-lo, quando explodi o vidro do seu carro.

— Merda, meu carro. — Bati na testa com a palma da minha mão e percebi que só piorei a minha dor de cabeça. Fechei os olhos e tampei meus ouvidos, com a intenção de melhorar a dor. — Preciso voltar lá, ligar para meu irmão, para o seguro, fazer um boletim de ocorrência...

— Aqui. — Ele estendeu sua mão para mim com o celular em sua palma. — Ligue para Victor primeiro, ele não está no humor para esperar.

— Bem, eu também não estou no humor para falar com ele. — Tomei o celular de sua mão e liguei para Richard. Prioridades primeiro, homem mandão depois.

Levantamo-nos da mesa e seguimos em uma caminhada de volta para o meu carro, eu com o celular no ouvido e Tom em alerta, olhando para todos os lados. Ele parecia um segurança, preparado para qualquer ameaça.

Meu irmão atendeu ao telefone no segundo toque e, sem detalhar o que realmente aconteceu, eu disse que tive um acidente e perguntei se ele poderia ligar para a seguradora. Ele apenas aceitou minha meia-conversa, me fazendo prometer contar toda essa história nos mínimos detalhes quando chegasse em casa.

A uns cem metros do meu carro, Tom indicou que eu ficasse atrás dele. Ele removeu uma arma de suas costas e se aproximou do carro lentamente. Eu tentei espiar pelos lados dele, já que por cima seria quase impossível, mas sem sucesso.

Pouco tempo depois, ele guardou sua arma nas costas e abriu a porta do carona para mim.

— Não há nenhuma ameaça visível. Suas coisas parecem estar aqui — disse naturalmente e me aproximei do carro. O celular na minha mão tocou e segurei um grito de susto. Caramba, estava muito assustada.

Devolvi o celular para Tom e me inclinei para procurar o meu próprio aparelho.

— Sim, Pres, ela está bem. — Apenas escutei e deduzi que Pres fosse presidente, isto é, o Aranha. — Eu pedi que te ligasse, mas preferiu chamar o irmão. — Sorri, pois sabia que ele devia estar enlouquecido por eu não ter seguido suas ordens.

Victor precisava aprender que, comigo, as prioridades eram outras.

Peguei a toalha e coloquei na minha cabeça quando me sentei no banco do passageiro, em cima da minha bolsa de academia. Tom estava com o telefone na minha frente, esperando que eu o pegasse. Coloquei o aparelho no outro lado da minha cabeça.

— Alô — eu disse de forma natural, sem nenhuma preocupação no mundo. Meu coração já tinha desacelerado, minha respiração havia voltado ao normal e minhas pernas e braços começaram a doer, junto com meus ombros, que pareciam carregar o peso do mundo.

— Rachel, você está bem? — percebi um tom de preocupação misturado com sua irritação.

— Tirando o sequestro, a coronhada que levei, a dor de cabeça que estou sentindo e todos os meus músculos doendo, sim, eu estou ótima. — Fiquei olhando para Tom, que me encarava de forma intensa.

— Por que alguém iria querer te sequestrar? Você está com algum processo delicado? Algum cliente perigoso? — Pensei sobre isso e entortei minha boca. Tom refletiu meus movimentos faciais e tive vontade de mostrar a língua para ele, só para ver se ele iria me acompanhar.

— Tirando você, nenhum cliente ou réu é perigoso o suficiente para isso. A pessoa estava muito bem disfarçada, eu não poderei dizer se é homem ou

mulher, porque usou modulador de voz. — Victor ia começar a falar, mas atravessei o início de sua fala. — Olha, Victor, eu preciso ir até a delegacia fazer o registro da ocorrência, depois ir até meu irmão e contar tudo o que aconteceu. Eu agradeço que Tom estava aqui para me acudir. — Ele sorriu, presunçoso. — Mas se você tem algum documento para me entregar, não me siga, apenas encaminhe para meu escritório. É assustador, além de suspeito, então tchau!

Tirei o celular do meu ouvido, apertei o botão vermelho e o entreguei para Tom, que estava me olhando em choque e descrença.

— Você acabou de desligar na cara de Victor? — perguntou, cauteloso.

— Olha, eu disse tchau, então não é desligar na cara, apenas não esperei sua despedida. — Pulei para o banco do motorista e liguei o carro. — Você está a pé ou quer uma carona?

— Eu te sigo de moto. — Ele se recompôs e saiu em direção a uma moto verde próxima ao meu carro.

Inclinei-me para fechar a porta, liguei o carro e segui em direção à delegacia. Eu não estava nem um pouco contente em ter que lidar com policiais e investigação criminal, porém não tinha opção. No meu mundo, tudo corria de forma correta e legal.

Assim que adentrei as portas da delegacia, precisei aguardar que duas pessoas fizessem suas ocorrências antes de começar a relatar o meu ocorrido. Informei que, além do meu celular, nada mais foi roubado. Tom não entrou comigo, mas eu sabia que estava do lado de fora, me esperando terminar.

Com c ópia de documentos feita e minha via do B.O. em mãos, duas horas depois, eu estava de volta ao meu carro. Tom estava ao seu lado,

parecendo minha escolta pessoal.

— Victor precisa falar com você — disse, enquanto me entregava o celular.

— Você não cansa de falar comigo? — Soltei com um suspiro, assim que coloquei o telefone no meu ouvido.

— Se fosse outra pessoa, eu já teria abolido da minha vida e descartado, mas é você, Rachel, e essa postura de que nada te intimida me atrai mais do que o sensato. — Eu não estava preparada para o que ele acabara de dizer e fiquei sem palavras. — Desculpe a epifania, mas o que eu precisava lhe dizer era que seu sequestrador faz parte do quadro de funcionário da JFreeman e eu tenho um delator no meu Moto Clube que comprovou isso.

— Oh, se não é maravilhosa essa notícia? — i ronizei. — Vou aproveitar e voltar à delegacia para adicionar essas informações à minha ocorrência.

— Não faça nada! — quase gritou. — Não estamos lidando com pessoas que seguem as leis, estamos envolvidos com pessoas com leis próprias.

— Como você? Ou melhor, se eles possuem regras exclusivas, por que contratar uma advogada? — indaguei cansada. — Victor, podemos conversar amanhã? Estou sem forças para qualquer diálogo agora — pedi de forma cordial.

— Tom ficará com você, durante o tempo que ficar na cidade. Você precisa vir para cá, enquanto o processo do meu irmão estiver acontecendo — ordenou.

— E só porque você quer, o mundo se curvará às suas vontades — zombei. — Eu não sou sua funcionária, não há necessidade de ficar aí enquanto

cuido do seu processo.

— Caralho de mulher teimosa! — disse frustrado. — Sua vida está em risco. Tom é bom, mas não é invencível. Para eu te dar proteção, preciso de você aqui. Vamos marcar o encontro com Jomal Freeman e fazer o acordo ou a merda que você resolver e, então, você estar á livre para continuar sua vida.

— Victor, não funciono assim...

— Você aceitou ser minha assessora jurídica e, para tanto, existem procedimentos de segurança que você precisará adotar e estar onde eu possa te proteger é um deles. Não discuta, está tudo no contrato de prestação de serviço.

— Está louco, que contrato? Eu não assinei nada, não fizemos nada ainda, eu posso desistir! — indignei-me, de forma alterada. Quem ele pensava que era?

— Você não vai, porque você é movida a desafios e esse é um. Seja uma boa advogada e faça o que oriento — ressaltou a última palavra. — Veja, eu até estou usando palavras que nunca usei e nem sabia que existiam. Tom estará com você, vá direto para casa e converse com seu irmão por telefone.

Olhei para Tom, que estava com uma sobrancelha levantada e me observava atentamente. Parecia que era possível escutar toda a discussão. Suspirei frustrada e decidi ceder, só desta vez, porque, hoje, eu estava vinculada com esse homem perigoso e precisava ir para casa pensar sobre esse assunto.

— Você está com sorte, seguirei suas orientações, por hora — ressaltei a última palavra como ele fez, mas um tanto sarcástica. — Até logo.

— Boa noite, Rachel — respondeu num sussurro e encerrou a ligação. Devolvi o celular para Tom com displicência.

— Pelo jeito, estamos presos um ao outro. — Sorri sem humor e de boca fechada.

Ele levantou suas sobrancelhas duas vezes e andou até a sua moto gritando:

— Estarei atrás de você.

Escutei um riso e percebi que ele estava rindo de sua própria piada de duplo sentido.

Homens, tanto para eu ter um apartamento apenas para mim e, agora, teria que dividi-lo com um estranho.

Capítulo



Dez

Rachel

Eu morava no apartamento em um dos bairros próximos ao centro. Deixei meu carro na garagem e Tom estacionou sua moto na frente dele. Subimos para meu andar de elevador e abri a porta da minha residência para encontrá-la toda revirada.

— Merda, esse dia nunca vai acabar? — reclamei frustrada e derrotada. Caramba, eles quebraram minha televisão e tinham peças de roupas minhas por todos os cômodos.

Tom me ultrapassou e pediu, com a mão me empurrando, para ficar atrás dele. Ele tirou a arma de suas costas e seguiu averiguando todos os cômodos. Quando entrou no meu quarto, a última porta, ele gritou:

— Tudo limpo, pode entrar.

— Seu conceito de limpo é muito deturpado — resmunguei e segui recolhendo minhas roupas do chão.

Estava tão cansada e esgotada, que tudo o que queria era começar a chorar e me enrolar na minha cama. Eu teria que ir novamente à delegacia, precisaria chamar minha faxineira para vir um dia mais cedo e precisava catalogar o que foi furtado e quebrado.

Escutei Tom falando ao telefone e decidi, naquele instante, que não queria mais falar com ninguém. Meu esgotamento havia ultrapassado o físico e estava no emocional. Fui até o banheiro, que parecia o cômodo menos

bagunçado e me tranquei nele.

— Rachel! — Tom bateu na porta e eu levantei o dedo médio na direção dela, mesmo sabendo que ele não veria.

— Estou fora da área de serviço ou desligada! — gritei e comecei a tirar minhas roupas, desesperada para me limpar e remover o peso das minhas costas.

Ele não me incomodou mais e liguei o chuveiro para tomar um longo e quente banho. Aproveitei para refletir se devia ou não continuar com essa loucura de defesa ou acordo com Victor. O irmão dele parecia ser direito e ter sido apenas vítima por estar no lugar errado, na hora errada. Mas se JFreeman possu ía regras próprias, o que adiantaria um advogado no meio disso tudo?

Lidar com criminosos estava fora do meu currículo e me preocupei que pudesse piorar a situação, ou então me colocar em uma situação nada agradável.

Depois de tanto refletir, lembrei que ninguém queria ajudá-lo. Claro, só uma louca como eu, movida a desafios, aceitaria algo como isso. Eles eram criminosos, deveriam se acertar sozinhos e não envolver o setor jurídico no meio dessa confusão.

Algo que Victor me disse me fez decidir o que fazer a partir dali. Vanessa, filha de Jomal Freeman e namorada de Denny, estava desaparecida. Victor queria me proteger, me ter por perto, enquanto tudo isso acontecia. Eram duas ideias que me instigavam o suficiente para entrar de cabeça, pessoas inocentes estavam vulneráveis.

Não, não tinha nada a ver com o que eu sentia quando pensava em Victor e na nossa noite. Nos seus olhos de desejo, na sua ânsia em me dominar...

Era oficial, eu continuaria com essa loucura e aumentaria minhas

chances de ser morta ou pior. Bem, pelo menos era isso que meu irmão falaria para mim.

Percebi que não havia condicionador de cabelo, apenas xampu e me perguntei se algo pior poderia acontecer. Pelo jeito poderia, porque assim que terminei o banho, vi que não havia toalha para me secar, nem no meu armário revirado.

Na ponta dos pés, fui até a porta, abri e coloquei minha cabeça para o lado de fora.

— Tom! — gritei e ele apareceu rapidamente na minha frente, fazendo-me esconder mais ainda atrás da porta. — Poderia encontrar uma toalha para mim, fazendo o favor?

Vi que ele estava olhando para alguma coisa atrás de mim e percebi que o grande espelho do banheiro estava refletindo todo o meu corpo, principalmente a minha muito oculta e pequena tatuagem de dragão no quadril.

Bati a porta o mais rápido que pude e falei através dela fechada.

— Vá, homem, antes que eu diga a seu patrão que você está me assediando — ameacei, tentando me cobrir com minhas mãos, mesmo sabendo que ele não poderia me ver agora.

Escutei barulho e movimentação no meu apartamento, até que uma batida soou na porta.

— Estarei na cozinha — Tom disse e esperei trinta segundos, contados na minha cabeça, para abrir a porta e pegar a toalha.

Enrolada no tecido felpudo branco, fui até meu quarto, procurei algum pijama decente e que cobrisse o máximo do meu corpo, mas percebi que todas as

minhas camisolas eram curtas e sensuais, nenhuma digna de transitar com uma visita não íntima em casa.

Optei por uma roupa parecida com a de academia e saí do quarto. Fiquei surpreendida porque a sala e a cozinha pareciam totalmente organizadas, apesar dos itens quebrados. Tom estava em frente ao fogão, fervendo água. Ele se virou para me encarar, sério.

— Rachel, eu, em nenhum momento, tive intenção de te desrespeitar. Estou fazendo chá, já que encontrei vários tipos de sachês por aqui, com o objetivo de me redimir. Aquilo que aconteceu antes... — Ele colocou a mão na nuca e ficou desconfortável. Uau, ele levou a sério minha ameaça, que bonitinho.

— Eu estava brincando, Tom, mas obrigada pelas desculpas. Vou aceitar o chá. — Sorri e segui para escolher a minha opção. Camomila, com certeza. — Qual sabor você quer? — perguntei com as sobrancelhas levantadas e tentando aliviar o clima.

— O que você tomar. — Ele ainda estava sério e me perguntei o quanto esses homens temiam Victor, o quanto eles já haviam sofrido em suas mãos. Minha curiosidade foi maior e decidi perguntar:

— Victor é tão mau assim, para você temer até uma brincadeira?

— Ele é o presidente, ele manda, ele faz o que quiser — respondeu como se fosse algo óbvio.

— E é verdade que ele lida com vários negócios ilegais? — Peguei duas xícaras e coloquei dois saquinhos em cada uma delas. Trouxe o açucareiro e depositei todos em cima do balcão.

— Por que você pergunta? — Ele cruzou os braços em sua frente. —

Você é a advogada, deveria saber mais sobre seu cliente.

— Em primeiro lugar, meu cliente será o irmão dele, Denny. E por falar nisso, onde estão os documentos que você iria me entregar? — Estendi minha mão e ele retirou um envelope branco de dentro de sua jaqueta. — E em segundo lugar, não que eu lhe deva satisfação de como trabalho, eu ainda não aceitei esse caso, vou fazer uma avaliação e, então, decidir.

— Victor me falou que você aceitou o caso — disse confuso, recordando minha conversa com ele. Lembrei que eu realmente havia aceitado.

O que deu em mim de fazer as coisas sem analisar? Precisava redobrar minha atenção quando se tratasse de Victor.

— É verdade — resmung uei e fui até a chaleira. A retirei do fogo e enchi nossas canecas.

Coloquei uma colher bem cheia de açúcar, fui até a mesa da copa e me sentei. Pus a caneca na minha frente e abri o envelope com os documentos.

Havia fotos do casal, cópias dos documentos pessoais, do histórico escolar de Denny e das competições atléticas das quais ele já participou. Havia também um breve histórico de como Denny conheceu Vanessa, quando eles começaram a namorar e como era seu relacionamento.

Analisei e li tudo, bebericando meu chá de vez em quando. Eles eram o típico casal adolescente, que decidiram fazer a faculdade juntos, de administração. Vanessa parecia ser coagida a trabalhar com o pai e já estava pensando em abandonar a cidade para escapar de cuidar dos negócios da família. Denny não parecia interessado nessa aventura e convenceu Vanessa a encontrar o lado bom em trabalhar com o pai, visitando-a no trabalho.

Hum... muito suspeito. Victor falou que Denny não estava na ilegalidade... ou era Victor que blindava ele?

Terminei minha leitura, levantei minha cabeça e encarei Tom, que estava de pé, assoprando seu chá e me encarando.

— Interessante, tem tudo o que preciso aqui. Você sabe a história deles? — perguntei, com a intenção de ter alguém para discutir o caso, mesmo sabendo que já havia passado da meia-noite.

— Sim, Denny é meu melhor amigo — respondeu de forma firme.

— Ótimo. Por que ele incentivou Vanessa a ficar no negócio da família , se ele não se envolve com os negócios de Victor?

— Ele quer, mas Victor o proibiu de se envolver. Na verdade, isso é um caso antigo. — Tom arrastou uma cadeira e se sentou na minha frente.

— É um caso grave de “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”? — Erg ui uma sobrancelha.

— Não, é um caso de “cavalo dado não se olha os dentes”. Não se envolver com o Moto Clube é um presente dado a Denny pelo Victor.

— Mas Denny quer fazer parte e decide namorar a filha de um grande e poderoso criminoso. — Olhei para o teto, coloquei o dedo no meu queixo e comecei a bater levemente. — Nada disso me parece obra do acaso, e eu, definitivamente, preciso falar com Denny, pessoalmente, e sozinha. — Voltei a encarar Tom, de forma feroz. — Há coisas que não foram contadas aqui e ele precisará me falar.

— Eu não acho que você conseguirá tirar alguma informação a mais do que o que está no papel. — Ele colocou suas mãos na mesa e devolveu a

encarada feroz que eu estava dando a ele. — Você, colocando a situação dessa forma, me fez perceber que eu também estou perdendo alguma coisa, e me chateia muito que Denny não tenha me falado sobre seus planos, se ele realmente tiver algum.

— Talvez ele ache coisa de mulher conversar sobre isso. Homens não conversam sobre relacionamentos. — Sorri com conhecimento.

— Pode ser coisa de mulher, eu não me importo, nossa parceria iria até esse ponto. — Ele balançou a cabeça e se levantou, parecia frustrado. — Não sei por que estou discutindo isso com você. Vá dormir, eu ficarei no sofá e estarei alerta.

Percebi que minha inquirição havia terminado e fiz o que ele disse, mas apenas depois de lavar a louça, para implicar com ele.

Antes de ir para o meu quarto, disse boa noite para Tom. Amontoei todas as roupas que encontrei no corredor, e fui até meu quarto e fiz o mesmo com as roupas espalhadas por ele. Coloquei um lençol em cima da cama rasgada e decidi, assim que minha cabeça alcançou o travesseiro, também rasgado, que mudaria de endereço depois que voltasse de viagem.

A contragosto, eu viajaria amanhã até o estado vizinho e terminaria o que havia começado e acordado, sem minha devida avaliação. Foi imprudência ou impulsividade?

Eu precisaria cancelar meus compromissos. Lembrei que teria uma audiência na próxima semana, e essa não poderia ser desmarcada. Pensei no meu irmão e decidi ir dormir de vez, sem me preocupar com as consequências, porque não liguei para ele quando cheguei em casa. Eu estava sem celular e ele poderia aparecer no meu apartamento a qualquer minuto ou me mataria na

primeira oportunidade.

Minha vida parecia ter tomado um rumo diferente do que eu havia planejado, e percebi que só conseguiria voltar à normalidade quando me afastasse de Victor Aranha.

Se eu conseguisse.

Capítulo



Onze

Rachel

Escutei gritos de homens no meu apartamento e me levantei, tropeçando em todos os lugares possíveis até chegar à sala e ver Tom brigando e subjugando Richard. Ele estava no chão, tentando se levantar, enquanto Tom estava em cima dele.

— Solte ele, Tom, é meu irmão — eu o repreendi, correndo para ajudar Richard a se levantar. Suspirei aliviada, por ver que ele não possuía nenhum machucado aparente.

— Rachel, quem é esse cara? O que está acontecendo? O que aconteceu com seu apartamento? Cadê seu celular? — Meu irmão estava agitado, muito irritado e minha dor de cabeça aumentou consideravelmente, junto com as dores musculares do treino e da corrida. O sol ainda não havia saído e imaginei que eu não havia conseguido dormir nem uma hora.

— Uma coisa de cada vez, e o remédio de dor de cabeça e o relaxante muscular tem prioridade. — Fui até o banheiro e procurei no armário por um dos dois.

Richard me seguiu até o banheiro e ficou na porta com as mãos apoiadas em cada lado do batente.

— Com quem você se envolveu desta vez? O seu mau humor todo desse mês tem alguma coisa a ver com isso? — Quando não respondi e só continuei olhando a caixinha de remédio em busca do que precisava, ele bateu

uma mão na madeira e me assustou, fazendo com que eu derrubasse a caixa, espalhando todo o conteúdo dela.

— Merda, Richard, dá para parar? Estou com dor de cabeça. — Sentei-me no chão e apoiei minha cabeça em minhas mãos. Ele se agachou e colocou seus braços apoiados no joelho. Seu olhar para mim era feroz.

— Você pode, pelo amor de Deus, começar a falar? — implorou baixo e devagar, de uma forma que me assustou como nunca.

— Tom! — gritei e apertei mais ainda as mãos na minha cabeça. Ele apareceu na porta do banheiro, atrás de Richard. — Compre um remédio para dor, fazendo o favor, enquanto converso com meu irmão? Tem dinheiro na minha bolsa.

— Não será necessário. Eu já volto, não abra a porta para ninguém que não seja eu. — Olhei confusa para ele, e sua seriedade apenas me fez entender que eu estaria vulnerável sem ele, então precisaria ter cuidado.

Balancei a cabeça de forma afirmativa e encostei-me à parede do banheiro, suspirando de forma derrotada.

— Estou esperando. — Meu irmão também se sentou de forma mais confortável e não tirou os olhos de mim.

— Hoje eu peguei um caso... — meu irmão não me deixou continuar.

— E como eu não estou sabendo nada disso? Nós sempre discutimos sobre o trabalho — pareceu chateado.

— Deixe que eu conte toda a história antes, tudo bem? Não me interrompa — disse zangada e ele não se incomodou. — Pois bem, hoje aceitei um caso de perseguição e chantagem. O irmão do meu cliente entrou em contato

comigo e pediu esse favor, porque ninguém do seu estado estava aceitando defendê-lo... O réu é Jomal Freeman, conhece? — Vi meu irmão ficar pálido e se ajeitar, já que estava sentado de forma inc ô moda.

— Jomal Freeman, dono das empresas farmacêuticas JFreeman? — perguntou, mas ele já sabia a resposta, pelo olhar assustado.

— Sim, o próprio. — Richard fechou os olhos com força e continuei: — Meu cliente, Denny Aranha , é um universitário, atleta e namorava a filha de Freeman, Vanessa. Um dia, eles estavam namorando em um local nada apropriado e presenciaram uma entrega secreta ou ilegal, eu ainda não tenho certeza de nada, mas Vanessa desapareceu e Denny está sendo ameaçado e perseguido por causa disso.

— E, mesmo não tendo certeza do que aconteceu no caso em questão, contra o homem mais perigoso do país, você aceitou esse caso — confirmou descrente.

Fiquei envergonhada quando as palavras do meu irmão me atingiram como um banho de água fria. Parecia óbvio, mas na hora, eu não havia pensado dessa forma.

— É que... quando Victor me falou...

— Ah, agora entendi tudo. — O olhar severo e preocupado não foi economizado em minha direção. — Você quer transar com esse cara e está tentando agradá-lo.

— Não é nada disso. Eu só achei que um desafio... — Tentei continuar me justificando, mas ele continuou por mim:

— Seria muito bom para os negócios e para a sua família — disse de

forma ríspida e se levantou, seguindo para a cozinha.

Eu levantei-me com dificuldade e segui atrás dele, com minha dor de cabeça e dores musculares piorando cada vez mais.

— Pare de me interromper e me deixe terminar de falar. Que droga! — gritei em sua direção. Minha dor de cabeça piorou e comecei a me lembrar de nossas discussões quando adolescentes. Ele sempre foi o mais racional e eu sempre a emocional. Tentei seguir seus passos, ter o seu ideal de personalidade, mas naquele momento, descobri que eu havia fracassado.

— Você não precisa terminar de contar essa história, Rachel, eu já sei como ela termina — zombou e começou a andar pela cozinha. Tentou se controlar, mas seus punhos e braços estavam rígidos no intuito de estabilizar suas emoções. — Você aceitou intermediar uma negociação de trégua entre um universitário, que não consegue se defender de nada, contra o chefe do crime organizado e muito bem ocultado. Então, Jomal Freeman sabe que você decidiu ir contra ele e está te ameaçando. O acidente de carro foi obra dele, não foi? Esse homem na sua casa, Tom, é um segurança que você contratou, certo? — Eu abri a boca para começar a falar, mas ele continuou enfurecido. — E quando aceitou esse caso, você se esqueceu de que negociação é comigo! Você se esqueceu de que eu e toda a nossa empresa poderemos ser prejudicados por causa de um caso. EU poderei ser coagido e perseguido a fim de te dissuadir a não se envolver com esse processo! O que deu em você? — terminou gritando e a dor de cabeça, misturada com essa bronca, fez com que lágrimas enchessem meus olhos.

Quando aceitei o trabalho, nunca imaginei que chegaria nessa dimensão. N ão tinha pensado que poderia se estender para meu irmão, mas

pensando sobre isso, homens perigosos como Jomal Freeman iriam até o fim da minha árvore genealógica para me prejudicar.

Eu era uma idiota por achar que o desafio valeria a pena. Egoísta e prepotente, essa fui eu no dia de hoje.

— Me desculpe. — Coloquei os braços em volta da minha cintura e deixei as lágrimas escorrerem. Eu não merecia perdão e toda a pessoa confiante e destemida que eu era começou a se esvair com as lágrimas que escorriam pela minha face.

— Porra, irmã. — Richard se aproximou de mim e me abraçou. Colocou uma mão nas minhas costas e outra na minha cabeça, fazendo ela se apoiar em seu ombro. Seu queixo se apoiou em mim e ele suspirou. — Desculpe extrapolar com você, mas foi muita precipitação de sua parte fazer o que fez. O que deu em você para aceitar algo sem analisar?

— Victor Aranha — sussurrei e funguei . — É esse homem que consegue bagunçar minha cabeça e me fazer ser descuidada em tudo o que me treinei para ser prudente.

— Não culpe os outros quando a única responsável pelos seus atos é você — disse firme e suave, me fazendo soluçar um pouco mais. — Por um lado, isso foi bom. — Senti um sorriso nas suas palavras.

— Bom? — Afastei-me e encarei seu rosto, que continha um sorriso triste.

— Você estava muito endurecida desde a morte dos nossos pais. N ão tem contatos fora da empresa, não tem amigas e não fica com o mesmo homem tempo suficiente para me apresentar . Às vezes, ser imprudente era o que faltava

para você amolecer seu coração de ferro.

— Olha quem fala, eu só me espelhei em você. — Cruzei meus braços à minha frente e ele segurou meus cotovelos com um aperto firme.

— Não é uma vida fácil ser assim, confie em mim. — Suspirei, e Richard se afastou e passou a mão em seus cabelos arrumados. — Bem, agora precisamos nos organizar e tratar essa situação da melhor maneira.

— Sim, eu vou ligar para Victor e cancelar esse... — disse derrotada, mas meu irmão me interrompeu.

— Cancelar? Acho que não. — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não vou colocar em risco você e a nossa empresa por causa de um caso como esse. Não vale a pena, você mesmo disse — devolvi suas palavras.

— Bem, desde quando eu falei isso até o presente momento, minha cabeça começou a analisar todos os pontos em aberto, e acho que posso ter encontrado uma solução para o que está acontecendo, bem como para todos os envolvidos. — Ele estava em modo advogado de conciliação e minhas lágrimas começaram a secar, porque comecei a entrar em modo profissional também.

— Eu pensei em um acordo de confidencialidade para ambas as partes. Vou fazer algo que tenha respaldo jurídico e que não incrimine ninguém, para agradar o todo poderoso Freeman. — Escorei no balcão da minha cozinha e o observei raciocinar sobre o caso.

— Não só isso, minha querida irmã. Vamos oferecer nossos serviços para esse homem também. O contato com ele, apesar de perigoso e

irresponsável, irá trazer mais poder para nosso escritório. Veja como isso poderia ser uma propaganda boa para nós. — Seus olhos começaram a brilhar de animação.

— E você acha que vale a pena nos envolvermos com esse tipo de gente para alavancar nosso escritório? A empresa já tem prestígio o suficiente sem nos envolvermos com pessoas perigosas como ele.

— Você só esqueceu de um detalhe, que quando você está na mira de pessoas como essas, você nunca sai. Então precisamos usar essa situação a nosso favor.

— Tudo bem — aceitei e comecei a pensar sobre toda a situação quando alguém bateu na porta.

Corri para ela e olhei pelo olho mágico, confirmando que era Tom.

— Meu remédio! — Abri a porta, exclamando feliz. Peguei a caixa da mão de Tom e corri para a cozinha, para engolir dois comprimidos de uma vez só com um gole de água.

— Depois reclama de engolir um...

— Não comece! — Apontei meu dedo indicador para Richard e ele soltou um riso debochado. — Intimidade é foda! Maldita a hora que eu permiti esse tipo de brincadeira comigo. — Fingi estar chateada e Tom me olhou com descrença. *Pois é, entre na fila*. — Sim, sim, ele ia dizer isso mesmo. Meu irmão não tem nenhuma característica de irmão padrão, acostume-se.

Deixei os dois na cozinha e segui para o meu quarto. Era um pouco sem educação da minha parte ir dormir sem me despedir ou anunciar, mas as dores e os problemas estavam me obrigando a fechar os olhos.

— Vou ficar aqui conversando com Tom, enquanto você dorme seu sono da beleza — meu irmão gritou da cozinha e passos vieram em minha direção.

— Victor quer falar com você. — Tom apareceu na minha porta, assim que eu me deitei na cama. Apenas estiquei meu braço, cansada para me levantar ou negar.

— Seja rápido e eficaz. — Bocejei e fechei meus olhos com o telefone no ouvido.

— Não é do meu feitio, nem quando é uma rapidinha no banheiro, ser assim. Eu prefiro veloz, demorado e eficiente. — Suas palavras possuíam malícia. Bocejei novamente. — Você deve estar cansada, mas eu apenas gostaria de dizer que estou providenciando sua vinda para cá amanhã, em segurança. Tom tem todos os detalhes.

— Tudo bem — eu disse sonolenta e a linha ficou muda. Eu ia tirar o telefone do meu ouvido quando ele terminou:

— Minha intenção quando te envolvi nisso era apenas uma desculpa para vê-la mais vezes, e não deixarei meu egoísmo te prejudicar. — Suas palavras eram sérias e comecei a achar que estava sonhando, então respondi como se estivesse em um sonho.

— Victor, você fala como um homem apaixonado e eu sou a pessoa errada para isso. Uma mulher da lei e um homem movido à ilicitude não combinam.

— Para tudo há um equilíbrio, querida. Durma bem. — Assim que ele terminou a ligação, eu estendi o telefone para qualquer lugar e Tom o pegou.

Nesse sonho, Romeu e Julieta e Bonnie e Clyde fizeram aparições nada agradáveis.

Capítulo



Doze

Rachel

Andei pelo aeroporto com minha mala de rodinhas e um caso a ser tratado. Tom me embarcou na cidade de origem, mas seguiu viagem de moto. Ele deu recomendações para não conversar com ninguém, nem deixar que se sentassem na poltrona ao meu lado. Eu estava me sentindo como uma criança voando pela primeira vez sozinha.

Meu irmão prometeu me acompanhar nessa negociação e, assim que eu tivesse data e hora do encontro, viria até mim. Richard pediu que o mantivesse informado a todo o momento, para que ele não fosse surpreendido e pudesse pensar em estratégias de negociação a cada mudança de cenário.

Diferente das minhas atitudes padrão, eu segui tudo o que me foi orientado, como uma filha obediente. Depois da conversa com meu irmão, eu realmente fiquei assustada com o rumo que esse caso poderia me conduzir. Não estaria apenas me prejudicando, mas tudo o que realmente me importava: meu irmão e meu escritório de advocacia.

Tom avisou que um membro do Moto Clube estaria me esperando no aeroporto, e qual não foi minha surpresa ao saber que o próprio Victor Aranha estava lá. Suas roupas pretas de couro, aquelas típicas de motos esportivas, cabelo bem penteado e uma barba por fazer me lembravam o quanto ele era bonito. N ão parecia nem um pouco com o presidente prepotente e arrogante do Moto Clube.

— Fez boa viagem? — Ele se aproximou de mim, pegou a alça da minha mala da minha mão, ao mesmo tempo em que se inclinou para me beijar na boca, como se f ô ssemos um casal se reencontrando depois de um tempo longe. Isso na frente de todos no aeroporto.

Eu queria ter virado meu rosto, mas sua ação rápida me surpreendeu. Eu estava com os olhos arregalados quando ele se afastou com um sorriso convencido e pegou na minha mão, me arrastando quase como fazia com minha mala para a saída do aeroporto.

— Você parece que viu um fantasma — disse divertido e tentei soltar minha mão da sua, sem sucesso.

— Quem te disse que você tem intimidade suficiente para me tratar assim? Eu sou sua assessora jurídica, nada mais. — Tentei parar minha caminhada e me soltar dele, e daquela vez, ele me libertou e continuou andando com minha mala, me ignorando. Segui para acompanhá-lo, não querendo estar atrás dele como uma mulher submissa.

— Será difícil convencê-la de que existe muito mais do que trabalho entre nós, mas não me importo.

— Victor, eu não queria magoá-lo, mas aquele dia foi apenas físico, não firmamos um compromisso — disse baixo e sério, mas ele continuou andando ao meu lado, totalmente imperturbável.

— É isso que você repete toda noite antes de dormir? — Ele vir ou para mim com seu sorriso atrevido e eu quis tirá-lo de lá com um tapa.

— Não tenha ilusões sobre nós. Se não fosse meu irmão me convencendo a continuar, eu teria desistido. Pela primeira vez na vida, eu

abandonaria um caso e seria o seu — sibilei, ainda acompanhando ele pelo aeroporto em direção ao estacionamento.

— Fico feliz em saber que seu irmão é sensato. Não me deixe esquecer de agradecê-lo. — Piscou um olho para mim e minha irritação começou a aumentar.

Eu queria continuar discutindo até que conseguisse mostrar a ele o quanto estava iludido por algo que eu nunca havia demonstrado. Eu também queria esfregar na sua cara que me prejudicou ao apresentar esse caso... mas antes das palavras saírem da minha boca, as justificativas do meu irmão vieram à minha mente, apenas para que eu engolisse a saliva como se fosse uma mamona espinhosa: “Não culpe os outros quando a única responsável pelos seus atos é você”.

Decidi trocar o foco da conversa assim que atravessamos a porta de saída do aeroporto. Um SUV preto estava nos esperando com a porta de trás aberta. Victor abriu o porta-malas para colocar minha bagagem, enquanto eu estava um pouco indecisa sobre o que fazer.

— Primeiro as damas. — Ele indicou para que eu entrasse no automóvel, me fazendo sair do estupor. Sentei-me no banco do outro lado e Victor se acomodou ao meu lado e fechou a porta. — Podemos seguir — ele disse com sua voz de comando e o motorista, que não consegui ver quem era, guiou para as ruas da cidade.

— Moço, você poderia me deixar no hotel? — Inclinei para frente, para dizer ao motorista onde ficaria, mas Victor me cortou.

— Para a sede do Moto Clube, sem desvios, Clin. — Lembrei-me desse nome do dia em que estivemos juntos e fomos interrompidos. Não consegui

evitar o rubor em minhas bochechas e Victor se inclinou para pegar minha mão e beijar o dorso, fazendo com que eu me esquecesse do destino.

Assustei-me com tal intimidade, então peguei minhas mãos e as coloquei no colo. Olhei pela janela e disse, no tom mais sério que consegui fazer:

— Vai começar a ficar patética essa sua insistência em mostrar afinidade comigo. Eu não quero.

“Mostre-me onde dói, vou te mostrar como funciona

Eles atacam o seu medo de como isso só piora

Eu não sei dizer se é real, não sei se é letal

Nós bebemos o veneno ou apenas um placebo?”

Icon For Hire – Venom

Até chegar ao grande prédio que era a sede do Aranhas Moto Clube, apenas a música soou dentro do *SUV* e não fiz nenhuma menção de iniciar uma conversa ou olhar para os dois.

O carro parou no estacionamento frontal e Victor saiu sem nem um segundo de espera, não trocando mais nenhuma palavra. Tentei abrir a porta, mas percebi que estava com a trava para crianças ativada. Clin a abriu com uma cara nem um pouco agradável. Achei que os sentimentos feridos não foram apenas os do chefe dele.

— Você não precisa me aturar aqui, apenas me leve até um hotel

próximo. Eu estarei por perto sempre que precisarem da minha assessoria jurídica — eu disse de forma firme e direta.

— Princesa, você tem sorte por ter uma boceta de ouro, caso contrário, não estaria com essa língua para continuar falando — seu tom gélido e suas feições nada receptivas me fizeram recuar um passo, acreditando em sua ameaça.

Às vezes eu me esquecia de que não estava lidando com pessoas ricas e esnobes. Os membros do Aranhas Moto Clube eram perigosos e nem um pouco amistosos. Eu estava brincando com fogo e precisava recuperar o juízo que perdi ao entrar nesse prédio semanas atrás.

Enquanto eu divagava em meus pensamentos, Clin pegou a mala e a colocou perto de mim. Ele não deu nenhuma indicação para segui-lo, porém eu o fiz e levei a bagagem comigo.

Entramos pelo mesmo local da última vez, pela porta lateral. O segurança guardando o lugar continuava do mesmo jeito e nem me preocupei em cumprimentá-lo. Os homens dali, tirando Tom, não tinham nem um pelo simpático em seus corpos.

Seguimos pelo corredor. Clin chamou o elevador e fomos até o penúltimo andar, me fazendo soltar o ar que estive prendendo até saber onde ficaria. Eu não queria estar perto de Victor... na verdade, eu queria estar, mas apenas o suficiente para acalmar meus instintos luxuriosos que começaram a acordar assim que entrei nesse elevador.

Chegamos ao andar e um grande corredor com várias portas se apresentou. Ele me indicou a segunda delas, retirou uma chave cartão do bolso traseiro de sua calça de couro e a abriu, me entregando em seguida.

Entrei no quarto, surpresa por saber que era um *loft*, com cozinha, sala, suíte e área de serviço. Quando me virei para agradecer a Clin, mesmo que não houvesse motivo para isso, ele já havia saído. Fechei a porta e coloquei a corrente, apenas para o caso de alguém intrometido resolver entrar sem ser convidado.



Eu estava sentada na mesa de jantar, meu notebook aberto à minha frente, e os documentos entregues por Tom espalhados pela mesa. Comecei a fazer anotações sobre tudo o que precisaria perguntar para Denny assim que tivesse a oportunidade, e isso precisava ser antes do meu encontro com Jomal Freeman.

Eu cheguei antes do almoço e fiquei surpresa ao abrir a geladeira e me deparar com várias comidas prontas em potes devidamente identificados e com data de fabrica ção e validade. Comi uma salada e, depois de meia hora, resolvi comer a lasanha, não havia ninguém além de mim ali para me julgar.

Usei o telefone do quarto para ligar para meu irmão e informei onde eu estava. Havia omitido que Victor era presidente de um Moto Clube e, quando contei sobre isso, ele apenas suspirou meu nome e falou que me deserdaria como irmã caso me relacionasse com mais uma mente perigosa.

Eu não tinha culpa, essas pessoas apenas começaram a aparecer na minha vida de um dia para o outro!

Pensei em ligar para Valentine ou Nina, mas lembrei que não era amiga íntima delas. Eu até queria, mas nossos vínculos nunca ultrapassaram o profissional, por mais amistosas que elas fossem.

A verdade era que eu só tinha meu irmão e minha empresa nessa vida, e precisava aceitar isso o quanto antes, para que sofresse menos. E o engraçado era que esse tipo de coisa nunca havia me incomodado. Claro, também nunca havia estado em tanto perigo em um curto espaço de tempo.

Não havia mais sol do lado de fora, e parei de fazer anotações quando comecei a divagar sobre tudo isso. Escutei batidas na porta e me levantei sem pressa para receber o visitante, porém não antes de conferir quem era, já que não tinha olho mágico.

— Quem é?

— Rachel, é o Tom. — Sorri, removi a corrente e abri a porta, feliz de ter alguém mais receptivo me visitando, mas ele não estava sozinho. Um rapaz parecido com Victor, mas com olhos levemente esverdeados, estava ao seu lado.

— Voou para chegar aqui, Tom. E você deve ser Denny. Impossível não ver as semelhanças com Victor. — Afastei-me para o lado da porta e indiquei para entrarem.

— Se você realmente quer saber, as semelhanças acabam na aparência — ele disse sério. Se aproximou da mesa, pegou uma cadeira e se sentou de frente para as costas dela, que virou para a mesa. Tom ficou de pé, também sério, ao seu lado.

— É um pré-requisito ter a cara fechada para fazer parte desse Moto Clube? — perguntei com a intenção de descontrair, mas apenas Tom esboçou um sorriso tímido. Denny continuou sério, e agora demonstrava cansaço.

— Tom me falou que você precisa saber mais coisas sobre mim e Vanessa. Ele também me falou sobre suas teorias e conclusões, que adianto, não

gostei nem um pouco. — Ele acompanhou meus movimentos com os olhos e sentei-me na cadeira, com a intenção de anotar tudo o que conseguisse dessa conversa.

— Por que você não trabalha junto com Victor? — comecei.

— Pelo simples fato dele não me permitir. Ele acha que quero estar na faculdade, ser um atleta e posar de bom rapaz. Eu sou uma farsa, não tenho nada de bom em mim — a amargura em sua voz me fez perceber que existia uma briga muito antiga entre os dois sobre esse assunto.

Minhas suspeitas estavam certas, Victor andou o blindando sobre os negócios de família.

— Esse foi um dos motivos para você namorar a filha de um homem perigoso? — perguntei sucinta. Eu estava anotando suas respostas e mais algumas observações minhas no computador. Preferia digitar em vez de gravar, diminuía minha ansiedade fazer duas coisas ao mesmo tempo.

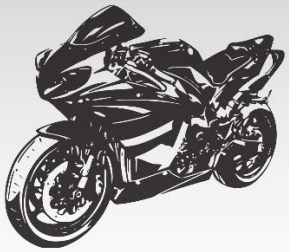
— Vanessa era o que meu irmão queria que eu fosse, correta e focada nos estudos. Acabei me interessando por ela pelo desafio, motivado a fazê-la mudar seu pensamento, a fim de mostrar ao meu irmão que todo poder corrompe as pessoas.

Uau, se não existia uma mente calculista bem ali?

Continuava digitando quando fui surpreendida com sua pergunta:

— É você a advogada que está fodendo com a cabeça do meu irmão?

Capítulo



Treze

Victor

Rachel testava todos os meus limites e minhas vontades. Se não fosse minha obsessão ser o objeto de desejo dessa advogada feita de aço, já a teria feito engolir suas palavras com a ajuda do meu pau. Por menos, inclusive, já havia torturado um membro do Aranhas.

No aeroporto, vindo em minha direção, com aquela roupa formal e pose profissional, eu só queria ter um quarto e algumas horas para me perder em seu corpo. Contentei-me com um beijo na boca e percebi que nossa aproximação não seria tão fácil como eu queria. Ela parecia um cavalo arisco, lutando contra ser domado.

Essa mulher queria o modo difícil, então que assim fosse.

Quando tentei ser o mais cavalheiro que me lembrava de ser, tocando sua mão e beijando seu dorso, nunca imaginei que seria rejeitado sem nem um pingo de cordialidade.

"Vai começar a ficar patética essa sua insistência em mostrar afinidade comigo. Eu não quero."

Ah, mulher teimosa. Estava lutando contra nossa atração e, por mais que ela fosse uma mulher moderna, eu não entendia o motivo de não tentar estar comigo. Sabia que meu lado obscuro era repulsivo, mas... me definia a ponto de não querer se envolver?

Depois que a abandonei à sua própria sorte com Clin, não antes de

deixar claro a ele, com meu olhar, que não deveria tocar em Rachel, fui para o apartamento de Tom, onde sabia que Denny estaria. Precisava avisá-lo que sua salvadora havia chegado.

Sem bater, entrei com minha chave mestra e encontrei os dois discutindo.

— ... sou seu amigo, seu irmão, porra! — Tom se exaltou e vi Denny me encarar com raiva. Ambos estavam de pé no centro da sala. Apesar do meu irmão não fazer parte do Moto Clube, sua amizade com Tom começou antes de eu recrutá-lo. Enquanto Tom não teve opção, a não ser se sujeitar às minhas regras, Denny tinha e estava almejando a pior escolha.

— A vadia da advogada chegou? — falou, descontando sua ira em mim. Peguei meu irmão pelo pescoço e o apertei, mas apenas o suficiente para ele tentar sair do meu aperto. Rachel poderia estar se comportando como uma vadia, mas ninguém poderia proferir essas palavras em voz alta, nem mesmo meu irmão.

Tom sabia que meu descontrole era apenas para mostrar quem mandava nesse lugar e observou nossa interação sem fazer nada.

— Controle suas emoções e sua boca. Rachel está aqui para salvar sua pele. Ela é a melhor no que faz. — Soltei meu aperto e encarei Tom, como cumprimento.

— Todo nervosinho por causa de uma boceta? Ela é tão boa assim? — Denny testava meus limites, assim como minha mulher teimosa, e percebi um padrão se formando. Foi-se o garoto assustado da semana passada que tinha sido raptado, e agora existia um homem audacioso que não sabia seu lugar no Moto Clube.

— O que eu e Rachel temos não te interessa! Qual é seu problema? — Joguei minhas mãos para o alto em frustração.

— Eu escutei você falar com essa mulher. Desde quando o poderoso Victor Aranha se importa com alguém a não ser com seu próprio pau? Você não me quer derrotado por uma mulher, digo o mesmo para você!

Apesar de querer quebrar alguns ossos, decidi ignorar as provocações e não esbocei nenhum sentimento pelas suas palavras. Essa discussão não levaria a nada e precisava ser encerrada. Ele estava alterado por não saber como Vanessa estava e agora eu entendia seus sentimentos, o quanto seu humor se alterava por causa de sua mulher.

— Estarei no meu escritório. Depois do almoço, se encontre com Rachel e seja um bom garoto. — Bati com a palma da minha mão no seu rosto duas vezes e saí de lá ao som de xingamentos.

Sabia que Tom o colocaria na linha e o faria respeitar minha mulher, porque todos nesse Moto Clube sabiam que ninguém mexia no que era meu.

Capítulo



Quatorze

Rachel

— Como assim? — Parei de digitar e franzi a testa.

— Você é a advogada que ele está há um mês comentando que consegue ganhar qualquer causa , é teimosa e mandona tanto quanto ele , certo? — Ele se ajeitou na cadeira, seus braços estavam cruzados e apoiados no encosto, que estava na sua frente.

— Posso ser, como posso não ser. Eu não tenho tanto poder assim para foder com Victor Aranha. — Meu coração começou a acelerar, preocupado com o rumo da conversa.

— Meu irmão não costuma falar de mulher, muito menos correr atrás de uma e você — ele apontou para mim —, está fazendo com que ele abra uma exceção. — Ele fechou mais ainda a cara para mim, se isso fosse possível. — Não brinque com isso, ou você pode se machucar. Victor pode estar afetado por você, mas eu não, e tomarei as providências necessárias, caso você estrague a reputação dele.

Indignada pela ameaça e um pouco agitada por saber que Victor realmente parecia ter sentimentos por mim, coloquei as palmas das mãos na mesa, me levantei e inclinei em sua direção, com a intenção de parecer ameaçadora.

— Preste bem atenção no que eu vou te falar, pois não vou repetir. Eu não brinco! Sou profissional, e qualquer atitude que seu irmão esteja tendo

depois de me conhecer é de responsabilidade exclusiva dele. Não é inteligente ameaçar a única pessoa que aceitou defendê-lo contra Jomal Freeman. — Voltei a me sentar e terminei de digitar minhas últimas anotações.

— Eu não precisava de você para isso. Por mim, eu teria invadido a casa desse idiota no dia em que descobri que ele proibiu Vanessa de se comunicar com todo mundo. — Estava irritado.

— Precisava sim, irmão, ou você não viveria para ter essa conversa — Tom intercedeu de forma apaziguadora.

Ele se virou irritado para o amigo.

— A vadia está dando um chá de boceta no meu irmão, me faz perguntas que não t ê m nada a ver e agora está posando de profissional. Eu não vou aceitar isso sem retaliação! — soltou indignado.

— Quem não aceita isso sou eu! — falei alto. Fechei meu notebook com força e me levantei da mesa. — Saia! — Apontei para a porta e gritei. — Talvez você não saiba, mas sou sua advogada e tinha todo o interesse em defendê-lo. Depois desse insulto, retifico meu contrato verbal. — Olhei para Tom furiosa. — Avise seu chefe que eu vou dar o fora daqui com ou sem sua permissão.

Virei e segui para o quarto, com o intuito de fazer minha mala e ir embora. Eu não era obrigada a escutar esse tipo de desaforo, ainda mais de um cliente que estava tão prejudicado. Ele deveria colaborar e me agradecer, no mínimo.

— Posando de profissional — resmunguei para mim mesma, imitando sua voz. — Ele vai ver o tanto que essa pose faz efeito.

Guardei todos os meus pertences de qualquer jeito na mala, enquanto escutava a discussão acalorada na sala do *loft*. Eu não me importava, aceitava ofensas de outras pessoas, mas não de um moleque irritante. As vozes começaram a ficar exaltadas e parecia que a porta do apartamento fora aberta, causando mais alvoroço.

Saí com minha mala e uma pasta, em que iria guardar meu notebook, e vi Victor e Denny em uma acalorada luta, com socos e chaves de pescoço. Tom estava apenas assistindo, com os braços cruzados à sua frente e suas feições nada amigáveis. Ele não tinha intenção de interferir, mas não estava gostando do que via.

Meu coração parou quando Denny acertou o queixo de Victor e o fez cair no chão, desacordado.

Coloquei minhas mãos na boca para abafar meu grito assustado e corri para me agachar perto de um Victor estirando no chão, mas já se levantando, nem um pouco firme e muito irritado. Tom estava segurando Denny pelos braços.

— Seu idiota, você vai colocar uma vadia entre nós? — Denny gritou, um corte aparente acima da sobrancelha, sangrando, se destacava em sua face.

Coloquei minha mão no ombro de Victor e ele se afastou do meu toque, como se eu tivesse uma doença contagiosa. Magoada, me levantei e voltei para as minhas coisas, decidida em sair dali e aguentar as consequências com meu irmão. Ele sempre dava um jeito em tudo e dessa vez não seria diferente.

— Vamos acalmar esse ego, irmão — Tom disse e saiu empurrando um Denny muito violento e irritado para fora do *loft*.

Não olhei para ninguém, apenas peguei meu notebook, descartando os pap é is, e o guardei na minha pasta. Segui em direção à porta do apartamento e Victor me parou ao dizer:

— Onde você pensa que vai? — sua voz estava um pouco estrangulada e tensa.

Sem me virar em sua direção e com a mão na maçaneta, respondi:

— Eu desisti do caso. Meu cliente não tem interesse em meus serviços, muito menos simpatiza com minha pessoa. Não há nada para mim aqui.

Abri a porta e escutei os passos de Victor atrás de mim. Virei meu rosto e ele fechou a porta com força, deixando seu braço acima da minha cabeça e seu rosto perto do meu cabelo.

— Eu tenho muito interesse em seus serviços — com a voz baixa e sombria, ele me fez arrepiar.

— Denny é meu cliente, e ele não tem interesse — disse firme, mas seu corpo próximo, com seu calor se misturando com o meu, me fez suspirar.

Ele percebeu o poder que tinha sobre mim e começou a movimentar sua cabeça, vagarosamente, por meu cabelo e ombros, tocando seu nariz e lábios na minha pele em breves momentos.

— Como sua teimosia pode me irritar e atrair ao mesmo tempo? — Ele tirou o cabelo do meu pescoço e beijou meu ombro. Eu queria retribuir a frieza dele de minutos atrás, mas só consegui fechar meus olhos e sentir o que meu corpo estava pedindo há tanto tempo.

Deveria ter arranjado alguém para me livrar dessa frustração sexual, mesmo que na marra, mesmo que fosse cobrado, porque o tempo que estava sem

contato físico e intimidade estava me fazendo agir como uma adolescente.

— Você não queria meu toque até um tempo atrás, por que insistir? — tentei minha última súplica, com a intenção de afastá-lo. A minha voz era só um sussurro, não contribuindo para que eu tivesse sucesso em repeli-lo.

— Porque você me faz agir como eu nunca agi antes. — Suas mãos me rodearam e deslizaram pela minha blusa, fazendo minha barriga formigar. Ele começou a dar passos para trás e segui-o, abandonando minha pasta e mala na porta do apartamento.

Ele seguiu em direção ao sofá e se sentou. Eu me acomodei em seu colo, de lado e senti toda a sua masculinidade ganhando vida em sua calça preta de couro. Com isso, fui dominada pela luxúria e toda a minha fragilidade sumiu.

Ajeitei-me escarranchada em sua frente, agradecida por ter escolhido calças ao invés de saias hoje. Ele apoiou suas mãos na minha cintura e nossos olhares se encontraram. Ele tinha o lábio levemente inchado e cortado, a maçã do rosto também estava inchada e arroxeada. Nada que o deixasse feio, apenas mais bruto e, nesse momento, sexy.

Comecei a me movimentar em seu colo e coloquei as mãos em seus ombros. Inclinei minha cabeça e colei minha boca na dele, com uma vontade que nunca senti antes.

Ele automaticamente abriu a boca e me recebeu, nossas línguas se chocaram com os mesmos impulsos que meu quadril. Nós gememos e suas mãos levantaram minha blusa, apenas o suficiente para expor meu sutiã. Ele interrompeu o beijo, abaixou o bojo e inclinou sua cabeça para colocar em sua boca um seio.

— Você gosta de estar no comando? — a voz sedutora e rouca vibrou no bico do meu seio, me fazendo gemer ainda mais.

— É você que me faz querer estar no comando — declarei ofegante, pronta para encontrar o ápice do meu prazer. Apenas mais alguns movimentos, e eu chegaria...

Victor nos empurrou para o chão e me cobriu com seu corpo, os movimentos dos meus quadris foram cessados. Gemi de frustração.

— Eu estava tão perto... — Encarei-o.

— Eu preciso da sua boca no meu pau. — Seu sorriso arrogante e sua voz sensual apenas aguçaram minha vontade de contrariá-lo.

— O que você precisa é dar atenção à minha boceta, que precisa ficar mais úmida para recebê-lo. — Puxei sua cabeça com as mãos para que nossas bocas se encontrassem em um beijo abrasador.

Não houve resistência, ele gostava que eu o dominasse.

Depois de alguns segundos, ele se afastou, deixando beijos no meu queixo, pescoço, seios, barriga e umbigo. Quando começou a abrir minha calça, eu arqueei meu quadril de forma ansiosa, precisando de sua atenção.

— Muito ansiosa? — Victor me provocou, tirando minha calça e calcinha.

— Apenas pronta! — Assim que as calças saíram pelos meus pés, abri minhas pernas, expondo tudo de mim sem constrangimento. Ele me beijou entre elas, apenas o suficiente para que eu dissesse seu nome com um gemido de êxtase e começasse a tremer de excitação por ter chegado tão rápido ao meu clímax.

— Muito cedo e eu nem comecei. Se prepare para mais. — Ele continuou sua tortura em meu ponto sensível e, com um dedo, me penetrou para intensificar. Eu estava me contorcendo, querendo mais e quase pedindo para ele parar. Agarrei seus cabelos com força e apertei minhas coxas em sua cabeça.

Só mais um pouco e...

Gritei e rebolei em seu rosto, completamente motivada pelos meus instintos selvagens. Esse gozo foi muito mais aterrador e acalmou minhas lombrigas luxuriosas, que tanto me incomodaram durante um mês.

De olhos fechados e mãos para os lados, praticamente uma gelatina de tão mole, escutei roupas se moverem e Victor me virar de bruços. Abri os olhos na hora e tentei colocar minhas mãos na posição de apoio. Ele então me cobriu com seu corpo. Eu me ajoelhei, ele envolveu meu cabelo em seu punho e puxou forte o suficiente para que eu inclinasse minha cabeça para trás.

— Me dê o prazer de comê-la bem — disse baixo no meu ouvido, se alinhando entre minhas pernas e me invadindo completamente com uma estocada. Gemi e arrebitei minha bunda, o sentindo indo ainda mais profundo. — Tão gostosa... — mordeu meu ombro e começou a se movimentar, rápido, implacável, como da última vez em que estivemos juntos.

Pela velocidade e força, eu imaginei que faltaria pouco para ele gozar, mas Victor continuou com suas investidas em um ritmo constante, me fazendo gemer e cansar. Parecia insaciável.

Assim que meu rosto encontrou minhas mãos no chão, de tão cansada, ele largou meu cabelo, se levantou e continuou se movimentando, suas mãos agora na minha cintura e vagando pela minha bunda.

Recebi um tapa estalado mas sem dor. Me chamou de gostosa novamente e me cobriu com seu corpo, uma mão apoiada no chão, a outra entre minhas pernas, no meu local já muito sensível por causa dos dois outros orgasmos.

Era bom demais e eu só soube gemer alto quando, pela terceira vez, gozei, deixando meu corpo cair, mas foi segurado pela cintura por Victor, que ainda estava se movimentando sem piedade.

— Victor! — supliquei e gemi no mesmo instante em que ele diminuiu seus movimentos, arqueando seu corpo.

— Oh, Rachel, Rachel...

Ele caiu em cima de mim e, segundos depois, rolou para o lado, um braço cobrindo seus olhos, seu peito subindo e descendo veloz e um sorriso maroto no rosto.

Observei por algum tempo antes de ele tirar seu braço do rosto e virar para me encarar.

— Foi bom pra você, amor?

Capítulo



Quinze

Rachel

Não sei se foi a pergunta clichê, ou a palavra amor acompanhando a frase, ou até mesmo se por que eu finalmente tive o que estive procurando em um mês longe dele, mas comecei a gargalhar, feliz e satisfeita como nunca antes. Victor me acompanhou e voltou a olhar para o teto. Não havia nada na minha mente nesse momento, apenas a saciedade.

Virei-me para olhar para o teto também, já que estava de bruços e observava nossos corpos, ambos sem as partes de baixo da roupa e ainda vestidos com a parte de cima.

— Pelo jeito, o padrão é sempre transar com alguma peça de roupa — constatei sorrindo, sem olhá-lo, apenas observando os detalhes da pintura branca e do lustre acima de nossas cabeças.

— Você não me dá oportunidade para seguir o *script* padrão de despir, preliminares e penetração. — Ele também não me olhou, mas sua mão, que estava ao meu lado, começou a se movimentar pela minha lateral, seus dedos apenas tocando suavemente minha pele. Fechei meus olhos e apenas aproveitei as sensações que sentia.

Ficamos um tempo assim e o líquido entre minhas pernas me lembrou de que não havíamos usado proteção, novamente. Virei de lado e ele virou seu rosto para minha direção, nossas feições tranquilas. Decidi provocar, já que não havia nada que eu pudesse fazer agora.

— Você gosta de viver perigosamente ou apenas decidiu virar pai? — perguntei, escondendo um sorriso brincalhão.

Seu rosto congelou e seus olhos se arregalaram. Ele olhou para baixo, depois para mim. Franziu a testa e se levantou, ficando em uma posição sentada.

— Você não usa anticoncepcional? — seu tom preocupado me fez querer insistir na brincadeira.

— Só porque eu tenho uma vida sexual ativa não quer dizer que eu tome esse tipo de precaução, até porque eu nunca deixei de usar proteção antes de você.

— Por que não usou comigo? — Ele se levantou e começou a se vestir com pressa, pegando sua calça no chão.

— Por que VOCÊ não usou comigo? — Devolvi sua pergunta, indignada, me levantando e seguindo para o banheiro, para me lavar.

Escutei-o xingar, depois ouvi a porta ser aberta e fechada várias vezes e me perguntei se ele havia saído e outras pessoas entrado, ou se era só ele brincando com isso.

Não me preocupei em esclarecer a situação para um Victor apavorado, mas me preocupei com doenças que eu poderia pegar. Que maravilha, uma mulher com tanta instrução como eu, fazendo esse tipo de loucura.

Na verdade, Victor despertava tudo o que era imprudente em mim.

Terminei meu banho e lembrei que minha mala tinha ficado na porta do *loft*. Enrolada em uma toalha, segui até ela e vi Victor sentado no sofá, encarando o chão, que até alguns minutos atrás estávamos usando para nosso ato irresponsável e prazeroso.

Não interrompi seu devaneio. Levei a mala para meu quarto, abaixando no caminho para pegar minhas roupas descartadas. Eu estava confusa se iria ou não continuar com esse caso. Toda a minha raiva e indignação estavam camufladas pela minha satisfação sexual.

Eu parecia mais um homem do que imaginava e isso me assustava.

A porta do meu quarto foi aberta assim que terminei de colocar meus sapatos, sentada na cama. Um Victor muito feroz e determinado entrou no quarto e se ajoelhou à minha frente.

— Eu não sirvo para ser pai de ninguém. Nunca parei para pensar sobre isso e, agora que você me forçou, eu cheguei a essa conclusão. — Olhei para ele confusa, não acreditando que ele tinha refletido tão a fundo a respeito daquilo. — A vida que eu levo não condiz com ter uma família e a sua revelação apenas me fez... — ele fechou os olhos, se levantou e gritou com fúria.

Ele estava sofrendo e descobri que minha brincadeira havia tomado um rumo que eu não imaginava, um muito sério e impensável para um homem fora da lei.

— Victor, eu não tomo anticoncepcional, mas uso DIU. Não se preocupe, as chances para gravidez são baixas, quase nulas, e minha preocupação maior nisso tudo são as DST's. — Vi suas feições mudarem não para alívio, mas para frustração.

— Você não entende! — Ele passou a mão pelos seus cabelos várias vezes, antes de sair e me deixar sentada, confusa e realmente sem entendê-lo. Será que eu realmente fodi com a cabeça de Victor, como Denny falou?

Meu novo celular, cortesia de Tom e Victor, tocou, e abri minha bolsa

em busca dele. Era meu irmão, identifiquei pelo visor.

— Diga — atendi, ainda olhando para minha porta aberta.

— Como você está? Foi raptada pelos MC's de motos esportivas ou está no hotel? — perguntou divertido, sua preocupação do dia anterior não mais presente.

— Estou... bem, é, sim, estou bem — respondi confusa. — Na verdade, eu tive uma discussão um pouco acalorada com nosso cliente, Denny. Eu ameacei abandonar o caso, ele e Victor discutiram e, então algo aconteceu e não sei mais qual atitude tomar.

— Algo aconteceu, com isso você quer dizer que transaram. — Ele estalou a língua. — Ah, irmã, não seja movida pela cabeça de baixo, até porque você não tem uma!

— Não se preocupe, eu tenho tudo sob controle. Ou melhor... eu não sei se tenho... tem como você vir aqui e me ajudar? — perguntei a fim de encerrar meu devaneio. — Estou confusa.

— Sim, é possível. Só não se esqueça de que semana que vem você tem audiência aqui na cidade. Já marcou o encontro com JFreeman?

— Não, mas vou providenciar. — Levantei-me, a neblina de confusão se dissipando, já que estávamos falando de trabalho e esse era o único assunto que me mantinha sã e equilibrada. — Obrigada.

— Pelo qu ê ? Não me bajule, eu não darei dicas para minha irmã sobre...

Encerrei a ligação e escutei a risada de Richard na minha cabeça. Eu não sabia o que era pior, um irmão protetor e cheio de pudor ou um irmão amigo,

companheiro e sem vergonha como o meu.

Saí do meu *loft* e procurei as escadas do edifício, com a intenção de subir um andar para estar no apartamento de Victor. Eu precisava esclarecer as coisas, principalmente quando seria agendado esse encontro.

Abri a porta e percebi que saí na área da cozinha e serviço. Ouvi vozes e fui em direção a elas, mas parei quando escutei:

— Fizemos a entrega da matéria-prima e, no laboratório, estão fazendo a mistura e divisão nas novas embalagens — uma voz desconhecida, de homem, disse.

— Essa mistura não pode ultrapassar um terço. Os nossos rapazes na rua disseram que estão reclamando que não ficam altos com apenas um pacote — outra voz, mais autoritária, reclamou.

— Eu não me importo com o que eles dizem, não somos uma empresa aprimorando o produto para ser o melhor do mercado — essa voz eu reconheci, era de Victor. — Faça com que a mistura seja de três quartos.

— Mas isso é muito, ninguém comprará da gente! — a voz autoritária revidou, de forma indignada.

— Quem é a porra do presidente desse clube, Arnald? — irritado e ameaçador, Victor disse e um silêncio se instalou no local. — Eu imaginei.

Eu queria me esconder, fugir e nunca mais me relacionar com esse tipo de pessoas. Eles deviam estar falando sobre o comércio de drogas e eu estava testemunhando isso. Caramba, eu havia transado, duas vezes, com o chefe do tráfico.

Eu não poderia mais ficar aqui, precisava sair, fugir, me esconder, que

fosse!

Dei passos para trás e esbarrei em um armário, que fez barulho alto. Merda, precisava tanto ser sorrateira! Saí correndo pela escada, sem olhar para trás. Entrei no meu *loft*, fechei a porta, coloquei a corrente e corri para dentro do quarto, trancando-a também.

Eu estava com as mãos tremendo, encarando a porta com o coração acelerado, pelo que tinha acabado de escutar e, então, concluído. Victor era perigoso e eu estava me envolvendo com ele.

Bateram na porta do *loft*, mas eu não respondi, apenas me cheguei para mais perto da cabeceira da cama, minhas pernas dobradas à minha frente, meus braços em volta delas.

Eu tinha força, enfrentava juízes e delegados quando necessário, mas comprovar que o cara que eu estava transando era realmente um bandido, quando eu só sabia na teoria, fez meu chão desabar.

Escutei um baque forte. Imaginei que a entrada fora arrombada – ou era apenas sua fúria ao abrir um cômodo – e a porta do meu quarto seria a próxima.

— Rachel, eu sei que era você no meu apartamento, me deixe entrar — Victor disse alto e forte, batendo novamente com a mão aberta.

Eu não disse nada, continuei na mesma posição, congelada, observando a porta.

— Estou abrindo a porta — anunciou e, com um clique na fechadura, ele a abriu e nos encaramos, eu um pouco assustada e ele mais feroz do que nunca.

— O que você queria no meu apartamento? Gravar minha conversa e

entregar para a polícia? — Ele se aproximou, seu tom de voz nem um pouco indicando cordialidade.

Eu o observei se aproximar de mim, pegar no meu tornozelo e me puxar pela cama, me fazendo deitar de costas. Soltei um grito e tentei me livrar de seu aperto e isso só o fez aumentar a força de sua mão em mim.

Com um impulso, ele me cobriu com o seu corpo. Seu peso ficou em cima de mim, me rendeu e me fez perder um pouco de fôlego. Eu estava de bruços quando ele colocou sua boca no meu ouvido.

— É melhor você abrir essa boca e começar a falar, senão eu vou chamar uma pessoa que não será tão gentil como eu — ele falou baixo e ameaçador.

— Eu fui até o seu apartamento para saber quando poderíamos agendar o encontro com JFreeman. Escutei sem querer, eu não queria, eu... — Oh, meu Deus, ele poderia me matar e meu irmão estaria vindo para a cova dos leões, ou melhor, das aranhas.

— Só vamos marcar o encontro com JFreeman quando o idiota do meu irmão recuperar o juízo perdido nesse apartamento. E agora que você escutou, você faz parte desse Moto Clube, se quiser continuar viva. — Ele se afastou de mim e eu virei para ele, atordoada.

— Eu não posso e não quero fazer parte desse clube. Eu só estou defendendo seu irmão, sou uma advogada — disse indignada e sem forças.

— Não mandei você xeretar onde não devia. — Ele se virou e saiu do quarto, me fazendo segui-lo em desespero.

Onde estava o homem confuso sobre ser pai de até alguns instantes

atrás? Será que essa era sua verdadeira personalidade?

— Victor, eu estou desistindo do caso, vou voltar para meu escritório e esquecer que você e tudo isso aconteceu. Eu prometo que...

— Não! — interrompeu meu diálogo de desespero e avançou em minha direção com sua testa enrugada e seus olhos brilhando de raiva. — Você é minha! Será anunciada e, então, fará parte do Moto Clube!

— Eu não serei sua prisioneira, Victor! Eu não quero fazer parte disso! Eu vou embora! — ganhei um pouco de força para falar alto e tentei enfrentá-lo com a mesma pose de ameaça dele.

— Então vá! — ele gritou e eu dei um passo para trás, assustada. Eu não estava esperando essa reação.

Ele virou e saiu do apartamento. Eu corri para minhas coisas e segui para o elevador, apertando o botão mais de quinhentas vezes até ele chegar.

Entrei, acionei o térreo mais outras quinhentas vezes. Apressei-me até a porta lateral do prédio e atravessei o estacionamento cheio de automóveis, mas desprovido de pessoas. Eu nem reparei se o segurança estava guardando a porta por onde eu saí.

Não sabia com qual meio de locomoção eu iria embora, então apenas continuei andando pela calçada, minha mala reduzindo minha velocidade e meus saltos judiando dos meus pés. Estava de noite, a rua muito vazia e muito sombria, mas eu não me importei, apenas continuei andando.

Como que, em um único dia, eu poderia começar de um jeito, ficar de outro e terminar de outro jeito, completamente diferente? Não parecia uma montanha russa, mas sim, um liquidificador de situações e emoções.

Depois de andar por um tempo e começar a me preocupar com o local por onde eu andava, busquei meu celular na bolsa e descobri que não o coloquei de volta lá, quando falei com meu irmão.

Lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto, de desespero, raiva e preocupação. Como eu cheguei nessa situação? Eu só queria ajudar, aceitar um desafio e, então, ter um momento de prazer com um homem muito bom no que fazia entre quatro paredes. Eu era de carne e osso.

Mas esse cara não era o certo para mim e meu coração decidiu amolecer justamente para quem era menos indicado. Toda a minha carreira, tudo pelo que batalhei, estava desmoronando e eu queria minha mãe, aquela que sempre falava para eu deitar minha cabeça em seu colo e dizer meus problemas para que ela tentasse me ajudar.

Aproximei-me de um bar e decidi entrar, mesmo não estando trajada com as roupas devidas a esse ambiente. Não reparei em nada, apenas entrei, me sentei em uma mesa bem longe e abaixei a cabeça em minhas mãos, apoiadas na mesa, terminando de chorar por tudo o que iria perder com essa confusão em que havia me metido.

Será que Victor faria algo contra mim por ter recusado fazer parte do seu Moto Clube?

— Deseja alguma coisa? — uma voz suave me perguntou e ergui minha cabeça para ver quem era. A moça sorriu para mim e procurei seu nome no crachá. Acabei não reparando em seu nome, apenas no símbolo do Selvagem Moto Clube nele.

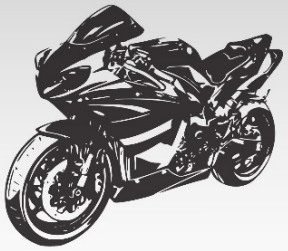
— Eu preciso falar com Valentine! — disse, pegando a mão da moça e a assustando. — Desculpe, eu sou amiga, preciso de ajuda.

— Eh, ah, qual o seu nome? — Ela se afastou, se soltando do meu aperto, e franziu a testa para mim.

— Por favor, diga que Rachel Collins precisa dela. Por favor — supliquei e ela se afastou da minha mesa. Um homem alto e muito musculoso a abordou, apontando para onde eu estava e gesticulando.

Abaixei minha cabeça novamente e rezei para que a ajuda viesse... de motocicleta.

Capítulo



Dezesseis

Victor

Eu poderia ter engravidado Rachel.

Ela havia testemunhado minha negociação de diluição da droga.

Ela havia fugido.

Assumir meus sentimentos e enfrentar as consequências estava sendo pior do que eu havia imaginado. Pensei que teria um pouco de resistência por parte dela, mas nunca acreditei que eu poderia sair de controle.

Gostar de alguém que não era do meu mundo poderia ser fatal, e o momento em que ela rejeitou estar comigo, no meu Moto Clube, me fez explodir.

Subi para meu apartamento, tranquei todas as entradas e me entreguei a alguns goles da bebida mais forte que eu tinha no meu bar. Depois, peguei minha guitarra, liguei-a no amplificador e toquei tudo e qualquer coisa. Só precisava extravasar.

Não poderia arriscar todo o Moto Clube pela minha inconstância. Precisava executar o plano sem desvios, uma vez que minha adulteração nas drogas poderia prejudicar Denny, com o ódio dos traficantes. Rachel precisaria entrar na linha antes que um de nós dois acabasse se fodendo de forma irreversível.

Pouco tempo depois, mais calmo e centrado, fui até o andar térreo, onde o responsável da comunicação estava de plantão vinte e quatro horas. O que

havia acontecido não poderia ser meu segredo, todos precisavam saber que Rachel era minha, essa era a única forma de protegê-la... ou transformá-la em um alvo.

Ned era o membro com mais ação dentro de quatro paredes do que qualquer outro. Com cinco monitores, dois teclados e uma enorme mesa cheia de computadores, parou o que estava fazendo assim que entrei no quarto.

— Preciso que todos saibam que Rachel Collins é uma Aranha agora. Ela não deve ser tocada.

— A advogada? — Sem ironia, apenas uma pergunta comum, Ned voltou suas mãos para os teclados.

— Sim. Ela está em um dos quartos da sede.

— Não mais. — O responsável pela comunicação apontou para um monitor e vi Rachel saindo com sua mala pelo estacionamento do Moto Clube. Soltei alguns palavrões e senti vontade de bater em algo... ou alguém.

— Quando isso aconteceu?

— Vinte e três minutos atrás. Ela parecia muito abalada.

Sim, tão abalada quanto eu estava.

— Quer que a rastreie pelo bairro? — Ned questionou.

— Isso, e informe que ela é minha.

— Feito, chefe. Enviarei atualizações para seu celular. — Sempre eficiente, Ned com certeza a encontraria em poucos minutos.

Enquanto aguardava inquieto as notícias sobre Rachel, voltei para o meu sofá, com a guitarra na minha mão e as notas de “*Stars*”, por Skillet, soando

nas cordas. S ó esperava que Rachel encontrasse abrigo antes que JFreeman a dizimasse primeiro.

Capítulo



Dezessete

Rachel

Eu estava na quinta dose de tequila quando vi Valentine entrar pelo bar, toda vestida de jeans e preto. Ela parecia uma mulher confiante e imponente, como eu me sentia algumas horas atrás. Senti-me desequilibrada e o álcool nas minhas veias havia me deixado muito sentimental.

— Rachel, você está bem? — ela perguntou ao se aproximar. Levantei-me e a recepcionei com um abraço forte e íntimo. Eu estava possuída pela minha versão embriagada e carente.

— Diga que você é minha amiga! — disse alto no seu ouvido e ela me afastou, segurando meus braços e olhando dentro dos meus olhos.

— Claro, eu sou sua amiga e... você está bêbada? — tentou apaziguar.

— Sim, mas não o suficiente. — Sentei-me na minha cadeira de forma desleixada e ela se sentou na minha frente, cotovelos apoiados na mesa, em alerta.

— O que aconteceu? A garçonete que te atendeu avisou Rock sobre você. Ainda bem que ele estava aqui e te reconheceu, porque esse não é nosso bar, apenas prestamos serviços aqui, como parceria.

— Eu entrei em uma enrascada, a pior da minha vida. — Terminei de tomar a minha dose de tequila, que estava na mesa e olhei para Valentine com cara de choro. — Eu sou uma vagabunda.

— Mulher, o que fez para estar assim? Você me pareceu sempre tão...

centrada. — Fez uma careta.

— Eu sou uma fraude. — Apoiei meu queixo na minha mão e meus cotovelos na mesa. — Tudo pelo que lutei está prestes a ser destruído por causa da minha libido.

Valentine riu alto por um momento e parou quando viu minha cara de desespero.

— Oh, Rachel, você até parece a Nina falando. Diga-me, quem é o homem?

— Victor — olhei para a mesa e sussurrei.

— Oi? Victor quem? — Ela se aproximou e eu soltei a bomba final:

— Victor Aranha. — Vi os olhos de Valentine se arregalarem e ela se levantar abruptamente, como se descobrisse que eu tinha uma doença contagiosa.

Lágrimas silenciosas começaram a escorrer dos meus olhos e eu escondi minha cabeça nos meus braços, que estavam apoiados na mesa. Pela reação dela, eu não teria ajuda de ninguém.

Comecei a chacoalhar de tanto soluçar e senti uma mão nas minhas costas deslizando para cima e para baixo.

— Não queira que eu fique feliz por saber que você está envolvida com esse homem. Ele prejudicou muito meu Moto Clube e não há perdão para isso, não na minha gestão — ela disse firme e chorei mais ainda. — Como você se envolveu com esse homem? Eu achei que você estava de rolo com Playboy.

Levantei minha cabeça, tentei limpar minhas lágrimas com as mãos e o meu nariz com o guardanapo, que estava na mesa. Valentine trouxe sua cadeira

para o meu lado, sua mão nas minhas costas ainda se movimentava de forma consoladora.

Concentre-se, me repreendi! Mesmo na neblina bêbada, eu consegui respirar fundo algumas vezes e começar a raciocinar de forma correta.

— Antes de mais nada, eu preciso ligar para o meu irmão. Você tem algum telefone que eu possa usar? É rápido — perguntei, tentando me controlar e não chorar mais.

Valentine colocou a mão atrás do seu corpo, pegou seu celular e o desbloqueou antes de entreg á -lo. Digitei o número do meu irmão e respirei fundo quando ele atendeu no quarto toque.

— Alô?

— Richard, é Rachel...

— Aconteceu algo? — Senti o pânico na sua voz.

— Calma, eu estou bem, mas não posso falar por muito tempo no telefone. Só quero que você saiba que não estou mais na sede do Aranhas. — Valentine estreitou seu olhar para mim e me encolhi. Ela não gostaria da história completa, tinha certeza. — Tente achar proteção, fique seguro. Eu acho que as coisas irão piorar para o nosso lado.

— Como assim, Rachel? Você não pode me deixar no escuro desse jeito. — Escutei o movimento de tecido e achei que ele estava andando de um lado para o outro, como costumava fazer quando estava irritado. — Eu tinha tudo programado e a situação apenas piorou? Eu preciso de informação para montar nossa estratégia.

— Por favor, apenas espere meu contato novamente. Não venha para cá,

é perigoso. Dessa vez, eu vou dar um jeito. Te amo. — Encerrei a ligação e fiquei com receio do meu irmão ligar de volta para mim, então encarei o celular em minhas mãos.

— Se você está esperando ele retornar, não vai acontecer. Meu número é bloqueado. — Ela retirou o celular da minha mão e removeu a mão acalentadora das minhas costas. — Agora, desembucha.

— Eu... — Suspirei, olhando para a parede, depois virando meu rosto para Valentine. Ela era forte, destemida e nem um pouco intimidada. Eu era assim, por que estava agindo como uma mulher frágil e desprotegida?

Porque você é, meu consciente bêbado falou ao mesmo tempo que o lúcido alertou: *porque você está alcoolizada*.

Precisava agir como a responsável pelos meus atos e colocar aquele gelo no coração que tinha antes. Necessitava parar com a frescura e usar o álcool para me dar coragem e contar toda a história. Doa a quem doer, iria assumir, porque ninguém era responsável pela minha vida a não ser eu mesma.

Resolvida essa discussão interna, me ajeitei na cadeira e contei a história para Valentine, desde o processo de Natacha, até a parte onde escutei a conversa sobre as drogas, mas não detalhando os fatos.

A presidente do Selvagem Moto Clube não me interrompeu, apenas mudou suas fei ções a cada vez que pronunciei o nome de Victor e JFreeman.

— Você não poderá mais ser assessora jurídica do meu Moto Clube — declarou de forma neutra, fazendo meu coração afundar, mas mantive minha postura firme. Eu não iria mais chorar e me lamentar, porque isso não me levaria a nada. O mínimo de lucidez, pelo jeito, começou a tomar conta de mim.

— Tudo bem, eu imaginei. — Respirei fundo e esperei pelos próximos golpes.

— Os Selvagens não poderão oferecer proteção, porque você me disse que Victor já te declarou como dele, e se eu entendo um pouco como eles funcionam, todos já devem estar sabendo — continuou com sua neutralidade, me deixando nervosa por sua falta de reação positiva ou negativa. Indiferença era a pior reação de todas.

— Todos quem? — perguntei, cautelosa.

— Todos os Moto Clubes, inclusive quem faz parte da Tríade. Moto Clubes, fora da lei ou não, utilizam determinadas comunicações onde precisamos alertar a todos, como sobre um membro traidor ou outros assuntos que para você não importa agora. — Ela chamou a garçonete, que a atendeu rapidamente. Valentine pediu um refrigerante para mim e para ela e voltou a me encarar. — Se ele falou assim como você me disse, você é responsabilidade dele e não posso fazer nada.

— Mas ele me mandou embora! — eu disse indignada, ignorando a dinâmica dos motociclistas. Fui expulsa, então, tudo deveria ser retificado, certo?

— Rachel, você tem que entender que os homens do nosso mundo funcionam diferente daqueles com quem você normalmente se relaciona. Não é possível se afastar de um deles se estão tão atraídos, como parece que Victor está por você. — Ela sorriu de lado, como se tivesse conhecimento de causa.

— Atração não tem nada a ver com relacionamento. Eu queria dormir com ele, não me casar! — Coloquei meu rosto nas minhas mãos e abafei um som frustrado.

— Apesar de não concordar e querer te expulsar desse bar apenas por você ter gastado o mínimo de tempo com esse homem, eu entendo seu lado de querer separar o sexo de paixão. Mas, Rachel, não se engane, existem homens que não conseguem fazer isso, ainda mais quando são eles os apaixonados.

— Eu não acho que ele vai querer alguma coisa comigo depois do que aconteceu. Ou melhor, ele vai querer alguma coisa comigo sim, e é me calar. — Encarei-a.

— O mais sensato seria isso, com certeza. Mas você está por conta, Rachel. — Ela bateu nas minhas costas no momento que nossos refrigerantes chegaram. — Saúde. — Ela abriu sua lata e tomou um gole.

— Alguma sugestão, se você estivesse na minha situação? — tentei abafar a ironia na minha voz e fiquei um pouco chateada com ela. Abri meu refrigerante e tomei um gole.

— Não fale assim comigo, Rachel. Os Aranhas mataram membros dos Selvagens, me perseguiram e ainda por cima me extorquiram com uma dívida que não era nossa — ela respondeu zangada. Comecei a beber meu refrigerante e tentei pensar em uma desculpa.

— Não foi minha intenção — sussurrei. — Mas ainda quero saber se você tem alguma sugestão, porque eu não sei o que fazer. Na verdade, a única opção que me vem à mente é ir para a polícia.

— Boa sorte, mas será perda de tempo, ainda mais se você tiver JFreeman na sua cola. — Ela olhou para mim por um momento e, então, pegou seu celular do bolso novamente e fez uma ligação. — Oi, Nina, tudo bom? Desculpe o horário, mas sua assessora jurídica entrou em uma enrascada e precisa de proteção.

Ela escutou por alguns segundos e me passou o aparelho. Eu coloquei no ouvido, e minha testa franziu pelo desconhecido.

— Nina?

— Rachel, eu não posso te deixar um dia sozinha que você já entra em apuros? — ela falou, divertida.

— Se você souber quem está atrás de mim não ficará tão feliz assim. — Suspirei e soltei a bomba: — Victor Aranha e Jomal Freeman parecem ter alguns problemas e eu entrei no meio deles.

— Puta que pariu, mulher, você quer me foder e nem me leva para sair antes? — Arregalei meus olhos por sua escolha de palavras.

— Eu sei que preciso de um bom corretivo, acredite, eu mesma estou me punindo por tudo o que fiz e por tanto transtorno que estou levando para meu escritório de advocacia e para meu irmão.

— Tudo bem, tudo bem, deixa comigo, eu providencio tudo. Você sabe que pode contar comigo, certo? — Nina disse mais conciliadora.

— Obrigada. Eu realmente agradeço o esforço.

— Agora, arranje um lugar para dormir lá no Selvagem, porque estarei na cidade apenas amanhã — concluiu com naturalidade.

— Valentine disse...

— Deixa eu falar com essa vadia. — Devolvi o celular e fui recebida com uma carranca e uma careta quando ela escutou o que Nina estava falando.

— Eu juro, um dia você ainda vai me matar. — Valentine terminou a ligação e me encarou feroz. — Vamos, vou te dar asilo por um dia.

Meu orgulho dizia para recusar, mas o instinto de sobrevivência e a embriaguez foram mais fortes e disseram o contrário. Levantei-me da mesa e apenas segui obediente atrás da presidente do Selvagem Moto Clube.

Capítulo



Dezoito

Rachel

Valentine fez uma ligação e esperamos do lado de fora do bar por Playboy, que não nos recebeu com uma cara amigável quando estacionou o carro e saiu dele.

— Você tem certeza disso, Valentine? — perguntou de forma intensa para ela e não me cumprimentou, muito menos reconheceu minha presença. Isso me afetou mais do que imaginava, acho que a bebida estava comandando.

— Entenda que isso está muito além de uma noite de refúgio. — Ela se virou para mim e indicou o porta-malas com sua mão. — Guarde sua mala e entre no banco de trás.

Fiz o que me orientou e não abaixei minha cabeça para o tratamento de gelo dos dois. Fiz com que o álcool na minha veia me desse coragem, ao invés de me fazer sentimental. Doeu, mas que se fodesse.

Joguei a mala no porta-malas energicamente, entrei no carro, que já tinha os dois acomodados no banco da frente, e bati a porta com força, de propósito.

— Ops — disse com cara de falsa culpa e, finalmente, Playboy olhou para mim, com muita raiva. *Entre na fila, companheiro.*

— Vamos embora logo — Valentine declarou e seguimos para a sede do Selvagem Moto Clube.

A viagem foi silenciosa e tranquila. Assim que adentramos os portões,

vi Brian na frente da porta do grande galpão que era o salão do Moto Clube. As feições dele refletiam as de Playboy.

Eu era a *persona non grata* do momento pelo jeito.

Saí do carro e fui direto para o porta-malas, escutando Brian discutir com Valentine, enquanto me aproximava deles.

— Todos já sabem a lealdade dela, Vi. Você está trazendo problemas para as nossas portas, não vê? — Brian disse, indignado.

— Você não escutou a história completa, então não discuta algo que sabe apenas pela metade — Valentine revidou e, se eu não os conhecesse melhor, diria que Brian dormiria no sofá hoje, mas eles eram assim, assuntos do Moto Clube não se misturavam entre quatro paredes.

— Vão precisar de mim? — Playboy se aproximou dos dois.

— Vá, Playboy, qualquer coisa eu te chamo — Valentine o dispensou e começou uma disputa de encarada com Brian.

— Não precisam brigar por minha causa. — Percebi que seria interrompida por eles, mas me adiantei, levantando minhas mãos. — Eu fiz a cagada. Até alguns minutos atrás queria fugir, mas agora eu assumo e estou pronta para as consequências. Estou com uma mira na testa e agradeço muito o refúgio, mas amanhã vocês não precisar ão ouvir mais falar de mim. Seus processos serão encaminhados para uma colega daqui da cidade, se vocês aceitarem minha indicação, ou digam quem vocês querem... eu preparo a papelada.

Uma emoção passou pelo rosto de Valentine, que identifiquei como sendo a preocupação. Com certeza não tinha nada a ver comigo ou com a

assessoria jurídica, o que me fez concluir que era com relação ao centro infantil que eles mantinham. Ela abriu a boca, mas me antecipei novamente:

— Não se preocupe com as doações, elas continuar ão anônimas, do jeito que sempre foram, será o único vínculo que manteremos. Você poderia, por favor, me mostrar onde ficarei? — Mantive-me firme, mas por dentro estava desolada e cansada.

— Não precisa ser desse jeito, Rachel. Nós podemos... — ela começou e foi interrompida por mim novamente:

— Só preciso passar a noite, não vamos mais torturar os membros do seu Moto Clube com a minha presença — pedi como uma súplica e fui recebida com olhares de respeito pelos dois, que apenas descartei. Quando a amizade estremecia, essas atitudes não tinham o mesmo significado.

— Estarei no escritório — Brian disse e se afastou, enquanto eu seguia Valentine.

Ela abriu a porta do mesmo quarto em que eu havia ficado da outra vez e uma olhada para a porta quase à minha frente me fez relembrar da minha noite com Playboy.

— Trancarei por precaução. — Ela esperou que eu entrasse e ficou a segurando. — Mais tarde, eu venho para saber se está bem.

— Eu não pretendo sair daqui sem te avisar, muito menos vagar pelo clube — disse, chateada por ela achar que eu faria algo como isso, depois de toda a ajuda que ela estava me oferecendo, mesmo que a contragosto.

— Não estou preocupada com você — a forma sombria como disse me assustou. Alguém poderia me prejudicar, era isso que ela queria dizer.

Meu acesso para fora do quarto se fechou e escutei o barulho de trava. Ficaria sozinha e praticamente cativa.



Não me preocupei em levantar quando os raios de sol invadiram o quarto. Eu não queria que minha noite de sono acabasse, porque a realidade estava muito difícil.

No dia anterior, eu nem tomei banho, apenas removi meus sapatos, deitei-me com a roupa que estava e dormi. Agradeci porque o álcool no meu sangue ajudou a não ter dificuldade quanto a isso.

Depois de rolar na cama, decidi que era hora de ir para o chuveiro e esperar que alguém viesse me libertar para que eu pudesse pegar o primeiro avião e voltar para a minha cidade. Não sã e salva, mas eu daria um jeito quando chegasse lá, junto com meu irmão.

Quando terminei o banho, voltei para o quarto enrolada em uma toalha, e fui surpreendida por Playboy sentado na minha cama com uma arma na mão. Eu não dei mais nenhum passo, apenas congelei na frente da porta do banheiro. Segurei minha toalha como se dependesse disso para viver e inspirei o ar audivelmente.

— Não se preocupe, ninguém fará mal a você, incluindo eu. — Ele se levantou e me encarou. Vi preocupação e mágoa nos seus olhos e não soube como interpretar sua presença no meu quarto, com uma arma. — Estou aqui para te ensinar a usar. — Ele soltou a arma na cama e percebi um carregador ao seu lado. — Vou aguardar você terminar de se trocar, então voltarei.

Ele não me deu oportunidade de falar nada, apenas saiu e não trancou a

porta.

Vesti-me o mais rápido que já fiz em toda minha vida e olhei para a arma, como se ela fosse um animal peçonhento.

Alguns minutos depois, Playboy entrou sem bater e dei dois passos para trás. Podia ter recomposto meu orgulho perdido na noite anterior, mas ainda estava cautelosa o suficiente sobre todos. Eu podia ir contra palavras, mas não contra armas.

— Relaxa, Rachel, Valentine só te trancou aqui ontem para te assustar. Ninguém fará mal a você. — Ele se aproximou da cama e pegou a arma e seu carregador.

— O seguro morreu de velho — eu disse, cruzando meus braços à minha frente.

— Se você não acredita em mim, acredite que se algo acontecer com você, enquanto estiver aqui, a ira dos Aranhas poderia nos destruir. É melhor que eles tenham uma dívida conosco por te socorrer do que arriscar tudo que construímos até hoje. — Fiquei chocada com essa revelação e agora entendia o motivo de me aceitarem aqui, mesmo depois de tudo o que havia acontecido.

Não fiquei brava quanto a isso, pelo contrário, fiquei aliviada por conseguir deixar pelo menos uma coisa boa para eles, depois de tanta dor que os Aranhas trouxeram para os Selvagens.

Observei Playboy colocar o carregador na arma e, então, puxar a parte de cima para trás.

— Isso é o *slide*, serve para armar — seu tom era neutro e firme, me deixando mais segura e menos desconfiada. Ele se aproximou de mim com a

arma na palma da mão. — Essa é uma G25. Segure.

Se não fosse seu tom de voz, eu não faria isso.

Peguei a arma e senti seu peso.

— Pegue-a dessa forma. — Ele ajeitou a arma nas minhas duas mãos. — Braço levemente flexionado, mão apoiada embaixo, mire a maior área no corpo para acertar e feche um olho para isso.

— Por que você está me ajudando? — Eu sabia o motivo de eu precisar de uma arma, mas não entendia por que ele estava.

— Diferente do que pode parecer, Rachel, eu ainda gosto de você, e a atual situação em que se encontra pode te levar a precisar se defender. — Nos encaramos e meu coração apertou pela sua declaração. Ele ainda gostava de mim. — Além de correr, você pode fazer algum dano e atrasar seu perseguidor.

Continuamos nos encarando e, se não fossem meus sentimentos conflitantes por Victor, eu o teria beijado e inventado uma declaração de meu amor.

— Eu quero te beijar — sua voz baixa e rouca, proferindo meu desejo oculto, fez meus olhos se fecharem. Seria tão mais fácil se meu coração tivesse se rendido a Playboy. Mas ele se provou ser bandido e escolheu o fora da lei.

Senti-o se aproximar, sua respiração estava no meu rosto e não tive coragem de abrir os olhos. Suas mãos cobriram as minhas, que estavam segurando a arma. Seus lábios suavemente se encostaram no canto da minha boca e segurei minha respiração.

Eu não teria coragem de interrompê-lo se me beijasse, não depois de sua declaração, não quando estávamos sozinhos.

— Use apenas se necessário. Ter a morte de alguém em sua consciência não é uma das melhores coisas. — Escutei sua voz longe e abri meus olhos para vê-lo na porta.

— Obrigada — sussurrei e ele me mostrou um sorriso triste antes de fechar a porta.

Se eu viajasse de avião, não poderia levá-la. N ão tinha o registro da arma, e comecei a perceber o padrão de ilegalidade no qual estava me afundando.

Guardei a pistola dentro da minha bolsa e fechei a mala, aceitando que meu castelo profissional e legal havia desmoronado. N ão adianta va resistir.

Só de pensar que eu não tinha mais a estabilidade e credibilidade que sempre lutei para ter, meu coração apertou e as lágrimas ameaçaram escorrer. Porém resisti a desmoronar e segui pelo corredor, com minha mala.

Quando atravessei a porta para o salão principal, me surpreendi em ver Victor de pé perto do bar, com jeans preto, camiseta cinza e jaqueta escura, com os braços cruzados e uma carranca no rosto, me encarando, parecendo como um anjo vingador.

Ele veio me buscar ou me rechaçar de vez?

Capítulo



Dezenove

Rachel

— O que você está fazendo aqui? — Desta vez, a indignação substituiu qualquer sentimento de tristeza e receio que eu estivesse sentindo. Abandonei minha mala e minha bolsa no caminho e me aproximei, sem me preocupar com o público que percebi ter, mesmo que não identificasse quem era.

— Eu te devolvo a mesma pergunta — sua voz saiu baixa e um tanto ameaçadora.

Meu sangue ferveu como quando estava prestes a duelar em um julgamento. Parei à sua frente, perto o suficiente para posar de forma ameaçadora, ou pelo menos tentar, já que minha altura e minhas roupas pouco sociais — calça jeans escura e uma blusa creme de renda — não estavam contribuindo.

— Estou encerrando nossos negócios. — Coloquei minhas mãos na cintura e inclinei meu tronco levemente para frente. Ainda estava ressentida de ser enxotada, mesmo não tendo facilitado nossa conversa. — Os Selvagens foram gentis o suficiente para me abrigar, já que você me expulsou, mesmo sabendo da ameaça de JFreeman nas minhas costas.

— Nossos negócios apenas começaram, Gatinha. — Sua feição mudou para relaxada e divertida, conforme a minha foi ficando cada vez mais irritada, principalmente pelo apelido.

Ele estava se divertindo com minha ira?

— Gatinha? — falei baixo e indignada.

— Vamos embora, não precisamos discutir nossos problemas na frente dos outros. — Ele passou por mim e foi na direção da minha mala.

— Você só pode ser louco se acha que vou para algum lugar com você. Deixe minhas coisas aí! — Avancei em sua direção, tentando remover minha mala e bolsa de sua mão.

— Pare de brigar, mulher, você não tem escolha. — Ele apertou meu braço e vi uma arma apontada para a cabeça de Victor. Ofeguei, dando um passo para trás, livre do aperto em que estava antes, e vi que Playboy fez a manobra. Victor estava tranquilo, mas me encarando de forma feroz.

— Você quer tratar uma mulher como lixo, você faz isso no seu clube, não aqui. Se ela não quer ir com você, arranje outro argumento para convenc ê - la. — Playboy se afastou, sua arma ainda apontando para a cabeça de Victor.

Olhei para os lados e percebi que estavam quase todos aqui, presenciando essa discussão. Ninguém com olhar feliz. Na verdade, a tensão estava espessa no ar, e era tudo o que eu menos queria para as pessoas que me acolheram. Sabia que foi a contragosto, mas eles me deram abrigo e eu estava em dívida com eles.

Lembrei-me do quanto Victor fez mal para esse Moto Clube e, numa tentativa de barganhar minha saída sem discussão, não querendo ver uma disputa entre Playboy e Victor, aproximei-me novamente do homem que me transformou em fora da lei.

— Eu vou com você, sem mais nenhuma discussão, mas você deverá um favor para os Selvagens. — Ele arqueou uma sobrancelha. — Um favor

muito grande.

— Eu já fiz o favor de não destruir sua sede ou mesmo suas vidas. Não há negociação aqui, Gatinha — ele zombou no final. Dei um passo à frente, fiquei na ponta dos pés, nossos narizes quase se encostando agora e meu olhar refletindo o seu irado.

— Qual é a sua, Victor? Existem vários advogados tão bons quanto eu, mulheres melhores de foda do que eu e, então, você olhou para mim e decidiu destruir a minha vida e tudo o que conquistei. — Vi algo brilhar em seus olhos, mas não consegui identificar o quê. Seu silêncio me instigou a continuar: — Você gosta de mim, é isso? Vou ser sincera, a sua atitude com essas pessoas definirá o que vou me permitir por você, e no momento, sinto apenas decepção.

Num rápido movimento, ele colocou uma mão na minha nuca e colou nossas bocas. O aperto era forte no meu pescoço e nos meus lábios. Fiquei um momento sem reação, mas no segundo seguinte, antes que eu pudesse afastá-lo, ele o fez e virou em direção a Valentine.

— Estou em dívida com você e, se tiver algo que eu possa fazer agora, me fale, se não, discutiremos depois. — Não houve vacilo em suas palavras e meu coração se apertou de um jeito bom, tanto pelo poder que eu tinha sobre ele, quanto por sua boa vontade em ser prestativo a alguém que ele havia prejudicado.

— Devolva a vida de Peter, para começar — Logan disse de sua posição, sentado em um banco perto do bar.

— Acabe com os seus traficantes — Johnny falou atrás do bar, seu olhar feroz na direção dele.

— Tenha o Selvagem como um território que não deve ser tocado — Valentine deu um passo à frente e falou para Victor, tão suave como era possível. — Você não é bem-vindo e só te recebemos como um acordo de cavalheiros, para que os Selvagens não sejam mais alvo de nada do que os Aranhas pretendem. — Ela esticou o braço para o lado e indicou dois rapazes que eu não tinha reparado, consideravelmente jovens. — Voltamos a recrutar e me faria dormir melhor se vocês, Aranhas, não fossem mais uma ameaça para nós.

Victor encarou Valentine por um momento e, então, balançou a cabeça em concordância.

— Estamos acorda... — ele tentou dizer, mas eu o interrompi, não me sentindo satisfeita:

— Espere, Victor — disse rápido e coloquei minha mão em seu braço. — Não faça só isso, mas também contribua para o centro de acolhimento de crianças que os Selvagens construíram, use o dinheiro da dívida deles para esse fim. — Fiquei apreensiva ao terminar de dizer isso, já que Victor estava olhando muito chateado para mim. Apertei seu braço suavemente, como uma forma de insistir que isso significaria muito para mim.

Muito tempo se passou e ele arrastou minha bagagem. Com uma mão na minha, me levou em direção à porta de saída. O silêncio pairou no local e apenas o barulho das rodinhas da minha mala pôde ser ouvido.

Antes de atravessarmos a porta, ele virou seu rosto e falou sobre seu ombro:

— Qualquer coisa que Rachel disser, farei. E sem divulgação sobre os detalhes dessa negociação, senão estará tudo cancelado. O Aranhas não é mais

uma ameaça para o Selvagem, ponto final.

Uma emo ção de euforia e conquista me invad iu, fazendo com que um sorriso brotasse em meus lábios. O peso nos ombros que estava sentindo, da ameaça e das minhas conquistas serem destruídas, diminuiu e me fez relaxar pela primeira vez desde que falei com Victor quando saímos do bar em que eu o ouvi cantar.

O *SUV* estava nos esperando do lado de fora do estacionamento, Clin no volante como da última vez. Carter, que estava na guarita, se despediu de mim com uma careta.

Assim que Victor colocou minha mala no bagageiro, eu praticamente pulei em cima dele, coloquei meus braços em volta do seu pescoço e uni nossas bocas em um beijo de boca fechada tímido, em agradecimento, surpreendendo-o e quase o deixando congelado no local. À medida que se recuperou da surpresa, ele colocou suas mãos na minha bunda, me ergueu e me fez envolver as pernas em sua cintura, deslizando sua mão por baixo da minha coxa, pressionando meu corpo contra o carro.

Senti-me vulgar e sem juízo, de um jeito que me agradou mais do que imaginava. Ele havia cedido, pisado em seu orgulho e se redimido perante os Selvagens, porque eu havia insistido.

Ele fez por mim.

— Gatinha, Gatinha, se eu não gostasse tanto de você, eu poderia apenas te surrar com um cinto, como uma criança travessa. — Ele mordeu minha orelha suavemente e depois beijou meu pescoço. — Vamos embora para que eu possa te comer do jeito certo e, dessa vez, não haverá misericórdia.

Ele me colocou no chão e me arrastou para dentro do carro. Ofegante, com o coração acelerado e sem nenhuma preocupação em mente, entrei no automóvel, excitada.

Clin seguiu dirigindo e Victor entregou meu celular para mim, ele o tinha achado. Percebi que estava carregado completamente e meu coração recebeu outro balde de água morna e colorida de atenção e carinho.

Desbloqueei e vi que tinha muitas mensagens e ligações não atendidas. Dei prioridade para o meu irmão, vendo da mais recente para a mais antiga e meu mundo colorido e sem preocupação desmoronou.

Richard>>> Nosso escritório foi totalmente destruído essa madrugada. Não sobrou nenhum papel, nenhum equipamento para ser recuperado. Por favor, me retorne, estou muito preocupado com você.

Ele sabia que eu estava sem celular, mas mesmo assim enviou a mensagem. Isso queria dizer apenas uma coisa, ele estava desesperado. Na mesma hora liguei para ele e Victor me observou sem demonstrar nenhuma emoção.

— Rachel? Está bem? — Richard falou no celular.

— Sim, Richard. E você? — Suspirei e ele continuou com sua voz de ansiedade que há muito tempo eu não escutava.

— Maravilha! Isso quer dizer que também está segura, certo? — Ele não me deixou responder, porque sua ansiedade tomou conta: — Espero que sim, porque aqui está uma loucura e não acredito que exista um local protegido para

mim. — Ele começou a ofegar. — Eu estou correndo até a empresa da sua amiga, Nina. Eu não usei o carro, muito perigoso.

— Irmão, pare um segundo, você está tendo uma crise de ansiedade! — Remexi no banco e senti a mão de Victor no meu braço. Ele estava querendo me dar apoio? Eu não sabia, seu rosto estava sem nenhuma emoção e o encarei confusa.

— Eu não posso parar, eu não tenho mais nada para seguir. Dispensei todos os funcionários até segunda ordem e já passei para a empresa de contabilidade nossa atual situação e como deverá proceder caso algo pior...

— Nada vai acontecer, Nina irá ajudar! Vou ligar para ela e resolver isso.

— Não se preocupe. Mesmo que aquela mulher me assuste, eu sou homem e não vou me intimidar. Apenas me mantenha informado e fique segura. Te amo. — Ele desligou e apenas olhei para o aparelho com preocupação. Suas crises de ansiedade eram raras e, quando aconteciam, não era nada bom, ele não parava de falar.

— Seu irmão está com algum problema?

— Sim. Na verdade, nosso escritório foi destruído. — Deixei com que as palavras finalmente fossem processadas. Meu estômago, que não via comida há muito tempo, apenas bebida alcoólica no dia anterior, se remexeu e me fez ter ânsia. Coloquei a mão na boca e comecei a respirar de olhos fechados. A mão de Victor continuou no meu braço e agora estava me apertando.

— Você está bem? — perguntou, preocupado.

— Sim, é apenas que... — Apertei meus olhos fechados e os abri para

encará-lo. — Estou arruinada — minha voz tremeu e eu tentei controlar minhas emoções, porque chorar não era uma opção agora.

— Itens materiais não são o motivo do seu sucesso. Você sabe disso.

— Não, eu não sei nada sobre disso — soei chateada e peguei meu celular. — Vou avisar Nina, antes que meu irmão tenha um ataque completo de ansiedade e enfarte.

— Quem é Nina? Eu posso acionar com o meu pessoal.

Interrompi-o com minha mão para cima em sinal de pare. Eu já tinha feito a ligação:

— Nina?

— Como vai, mafiosa? Mal chego à sede do Selvagem e descubro que você já virou a casaca — soou divertida, mas eu sabia que existia uma seriedade por trás.

Encarei a janela do carro e vi o prédio do Aranhas Moto Clube se aproximando. Percebi que o único momento em que deixei meu coração falar por mim, ele me colocou na pior das situações.

Capítulo



Vinte

Rachel

— N ão é tão simples assim, eu preciso que você ajude meu irmão, ele estava indo para sua empresa e pelo jeito, você não está nela — continuei a conversa no celular com Nina, ainda precisando de sua ajuda.

— Não estou trabalhando, mas tenho homens capacitados e devidamente instruídos para auxiliar seu irmão no que precisar. Mas por você, querida, eu não posso fazer nada, uma vez que saiu da minha jurisdição. Sério, Rachel? Se envolver justo com os Aranhas? — repreendeu-me, como se eu não soubesse quem eles eram.

Mas Victor tentou se redimir. Por mim.

— Não me julgue — disse ríspida. — Olha, eu só preciso de apoio para o meu irmão. Depois que eu fizer a negociação com Jomal, conversamos novamente.

— Meus contatos me falaram que JFreeman entrará em contato em breve para isso.

— Como assim? — Franzi a testa.

— Pelo jeito, a negociação pela qual você se envolveu em toda essa bagunça está prestes a acontecer. Boa sorte.

Novamente, o telefone foi desligado antes que eu terminasse de falar o que precisava com meu interlocutor.

— Precisamos marcar essa negociação com Jomal Freeman o quanto antes. Já estou cansada disso tudo — reclamei.

— Denny está focado nisso desde ontem, mas não está sendo fácil a comunicação. — Ele afastou sua mão de mim quando entramos no estacionamento da sede do Moto Clube.

Victor saiu do carro, pediu para Clin pegar minha mala dessa vez e seguimos para a porta lateral, em direção ao elevador, com minha bagagem em suas mãos. Vendo-o assim até parecia um homem normal.

Subimos apenas nós dois e, diferente do dia anterior, seguimos até o último andar, mas nenhum de nós fazendo contato visual. Não nos tocamos e havia um pouco de tensão no ar.

— Existe outro apartamento além do seu no último andar? — perguntei quando chegamos e Victor arrastou minha mala até o quarto onde tive minha primeira experiência com ele.

— Você ficará comigo — ele disse naturalmente e seguiu, me deixando para trás.

— Espere! — Eu o alcancei. — Eu não quero estar aqui, onde você faz suas negociações e gerencia todos os seus negócios ilícitos. — Tentei mostrar toda a insatisfação que tinha com relação à sua opção de trabalho. Já que tinha encontrado uma brecha, queria acabar com tudo de ruim que o cercava. Para ficar comigo, ele precisaria ser um homem mais... honesto.

— Não se preocupe, Gatinha, isso não vai acontecer. — Ele atravessou o quarto e foi até o closet para deixar a mala. Ele não parecia preocupado ou afetado com minha insinuação.

— Victor, pare um momento e veja o que você está sugerindo! — tentei apelar para um outro lado, já que não estava conseguindo abalá-lo. — Ficar aqui com você, como um casal, é assim que você quer? — Talvez ele não estivesse percebendo, mas estávamos começando a parecer um casal e homens poderosos costumavam não gostar disso.

Ele parou de costas e ficou imóvel por alguns segundos. Depois, passou por mim e não me respondeu. Isso me deixou furiosa e fiz um grunhido frustrado. Ele parou, se virou e me olhou, com um sorriso em seu rosto.

Ele parecia um galã de cinema quando sorria.

— Repete esse barulho novamente — pediu com malícia e veio na minha direção com olhos de predador e passos confiantes.

— Não! — Dei passos para trás e arregalei meus olhos, quando ele me pegou pelo quadril e, com alguns passos, me jogou na cama, cobrindo meu corpo com o seu.

— Ah, Gatinha, se toda vez que ficar irritadinha, você fizer esse barulho, não vai precisar de muito esforço para que eu fique duro. — Ele esfregou sua virilha na minha e arregalei meus olhos de antecipação. — A sua frustração é a minha motivação.

— Você é louco! — disse incrédula e ofegante.

— Na verdade, estou ficando louco. — Ele abaixou sua cabeça e beijou meu pescoço. — Eu não sei o que você tem ou o que você é, mas depois que entrou na minha vida, nada nela está fazendo sentido, a não ser o que você fala. — Victor beijou minha bochecha, depois a outra, meu queixo, meu nariz e então, minha boca. Ele a tomou de um jeito delicado, lento e torturante, enquanto seus

quadris se movimentavam colados aos meus.

Impossível resistir a todo esse jogo de sedução.

Envolvi meus braços em seu pescoço e decidi guardar minha raiva e frustração para um outro momento. Agora, queria apenas saborear tudo o que esse homem queria me dar. Eu não tinha entendido bem suas palavras anteriores e decidi recebê-las como algo bom.

— Pres, temos notícias sobre Jomal. — Clin invadiu o quarto e interrompeu nosso momento. Agradeci por pelo menos dessa vez eu continuar totalmente vestida. Ele bateu no batente da porta, como uma ironia, assim que Victor se afastou de mim e ficou de pé olhando para ele.

— Você estará tirando férias assim que essa merda acabar, Clin — Victor resmungou quando se aproximou dele, que sorriu divertido. Eu sentei no meio da cama, minhas pernas dobradas de forma indiana. — O que temos?

— Denny não conseguiu falar com Jomal por telefone, então foi lá acompanhado por Tom. — Clin fez uma careta e acreditei que nada de bom viria com a continuação dessa história. — Os dois voltaram com algumas contusões e um recado.

— Eu deveria terminar a surra que esse infeliz deu nos dois. Não tinham nada que ir em território inimigo, ainda mais Denny, que nem é parte do Moto Clube. — Ele esfregou as mãos em seu rosto, mostrando claramente sua frustração e irritação. — Eu já imagino o recado, mas vá, mande.

— Ele disse que os Aranhas desgraçaram sua família ao se envolverem com sua filha, que nenhum branco aguado iria mesclar com sua linhagem nobre. — Clin cruzou os braços à sua frente e esperou a reação de Victor.

— Ótimo, não bastava ser um criminoso, precisava ser um extremista. — Victor retirou o celular do bolso traseiro de sua calça e fez uma ligação. — Seu idiota, está satisfeito? — Ele disse ao telefone e depois escutou. Pude ver o fogo em seus olhos de onde eu estava.

Observei Clin e ele olhou para mim com suas sobrancelhas levantadas, como se dissesse: “olá, querida, olha nós aqui novamente”. Levantei minha mão e mostrei o dedo médio para ele junto com minha cara irritada.

Victor olhou de mim para o membro do Moto Clube e esticou o braço, indicando a saída do apartamento para Clin, que saiu sem mais nenhuma palavra.

— Pare de falar besteiras, Denny. Essa vida não é digna para ninguém, nem mesmo você, que acha que tem vocação. — Victor começou a andar pelo quarto e eu o segui com os olhos, virando a cabeça. Ele estava escutando. — Se você fosse tão bom quanto eu – ou melhor – teria pensado que uma abordagem direta e, com apenas um membro para te resguardar, era quase suicídio. — Ele escutou mais um pouco. — Negativo! Nós vamos seguir o que combinamos, faremos um acordo com respaldo jurídico. Nada afetará seus estudos ou... — ele parou, olhou para a parede e jogou o celular contra ela, fazendo-o se desmontar.

Eu não duvidei nada que tivesse quebrado a tela e seus componentes, mas, no momento, parecia recuperável.

— Estúpido adolescente mimado! — Ele esbravejou e saiu do quarto. Levantei da cama e o segui, tentando traduzir sua conversa, que eu havia escutado apenas de forma unilateral. Também estava processando o fato de que ele ainda queria usar os meus serviços jurídicos, mesmo eu tendo perdido tudo da minha empresa.

Victor seguiu para o bar lateral, serviu-se uma dose generosa de uísque

e tomou em apenas um gole.

— Se a intenção é se embebedar, está fazendo certo. — Estava próxima o suficiente para que me escutasse. Ele não parecia receptivo para conversar, muito menos para brincadeiras, mas eu estava disposta a todas elas, apenas para ver aquele homem charmoso e comum de volta à ativa.

— Não estou no humor. Fique no quarto e depois conversamos melhor. — Ele tentou me dispensar.

— Novidade, Victor, eu não estou a fim e não queria estar aqui, para começo de conversa, porém tudo está começando a ficar interessante. — Cruzei meus braços à minha frente, enquanto Victor se sentava em uma poltrona perto do bar, outro copo em sua mão, com uma grande quantidade de uísque nele.

— Apenas... não me teste. Não agora. — Seus ombros cederam em derrota e pareceu estar mais chateado que irritado.

— Seu irmão quer ser parte do Moto Clube, qual a dificuldade nisso? — questionei de forma branda e calma, querendo entender um pouco mais da situação entre os dois irmãos sem afetar o seu estado de espírito atual. Eu não queria conhecer sua fúria.

— Ele tem a oportunidade de fazer o certo e ser alguém nessa vida, e prefere trabalhar com homens perigosos, ilegalidade e problemas. Essa é a dificuldade, de aceitar que ele prefira a segunda opção. — Surpreendi-me por ele ter respondido à pergunta e um pouco do relacionamento entre os dois começou a ficar claro para mim.

— E então por que você faz parte? Por que escolheu essa vida? Nunca passou pela sua cabeça que ele iria querer seguir seus passos? — Observei

Victor tomar um pouco do líquido em seu copo. Ele me encarou, parecia em dúvida de contar, me observando de forma atenta e analítica. Então, ficou um tempo assim antes de responder, me surpreendendo mais uma vez.

— Esse Moto Clube é um legado de família e , desde que me conheço como gente, meu pai me tem envolvido em tudo isso, como se fosse a única opção e a que era certa. — Ele fechou os olhos e inclinou sua cabeça para trás, no encosto. — Há algum tempo venho me questionando se tudo o que estou fazendo é o que eu deveria fazer, se era realmente a única opção na minha vida.

Ele ergueu a cabeça e me encarou novamente. Seus olhos possuíam um calor que me atraía, então descruzei meus braços e me aproximei dele, dando passo por passo, de forma vagarosa, curtindo a antecipação. Ele me observou com olhos de falcão e fiz algo totalmente fora do meu perfil, que foi me ajoelhar entre suas pernas e colocar minhas mãos na sua coxa.

— Você já chegou a alguma conclusão? — minhas palavras saíram baixinho, quase em um sussurro. Apertei sua coxa e deslizei minhas mãos para cima e para baixo em sua calça, curtindo o jeans.

Victor era um homem em dúvida sobre sua índole, atraindo-me mais ainda para sua teia.

— Estou chegando a uma conclusão, e ela está realmente me preocupando. — Continuou me observando e esperei que continuasse a falar, mas ele não disse mais nada.

— Você se importa de compartilhar essa dissertação? — Parei meus movimentos e me inclinei para deixar um beijo rápido e singelo em seus lábios.

— Eu cheguei à conclusão de que posso ter a vida que escolhi e

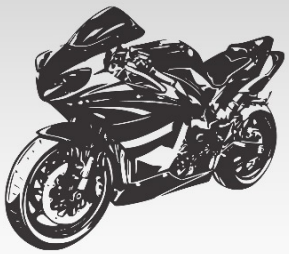
incentivei Denny a ter, ou não, mas meus pecados podem ser demais para que eu consiga desfrutar dessa nova vida. — Vi sinceridade em seu olhar e me chocou saber que ele realmente queria deixar de ser um criminoso. Eu sorri e meu lado que sempre admirou as leis e a legalidade fez festa.

Ele queria o mundo legal!

— Eu posso te ajudar. Na verdade, eu quero te ajudar a encontrar essa vida — declarei, fazendo-o esboçar um sorriso triste e amargo.

— E você vai, Gatinha, mas estarei curtindo essa vida na cadeia e rezando para que ninguém venha acabar com a minha vida enquanto durmo lá.

Capítulo



Vinte e um

Victor

A conta dos meus pecados estava pesando em meus ombros, acabando com meu psicológico, e Rachel estava ajoelhada aos meus pés tentando me consolar.

Gatinha.

Sim, ela tinha todas as características de um felino. Charmosa e manhosa quando satisfeita, e com as garras expostas quando a ameaça à sua vida estava por perto.

Sua arrogância e tentativa de me afastar muito me lembravam meu irmão. Estava acostumado a lidar com essas atitudes e não me intimidavam, pelo contrário, era atrativo, um convite para uma batalha de egos.

Rachel achava que eu tinha salvação apenas porque queria mudar de vida. Mal sabia ela que o caminho que eu iria trilhar estava longe do conto de fadas que imaginava.

Minha autossabotagem começou a transparecer para meus parceiros, meus inimigos e meu irmão. Não enganava mais ninguém, e as ameaças começaram a surgir.

Ninguém ao meu lado estava seguro.

Rachel merecia o melhor de mim, e apenas seguindo suas leis eu conseguiria estar com ela. Meu passado a assombraria se eu não fizesse dessa maneira. Precisava que não se afastasse por causa das minhas ações anteriores.

Era hora de concluir o que eu havia começado.

Capítulo



Vinte e dois

Rachel

Sua declaração me chocou. Ele queria seguir a vida de forma legal, pagando por todos os seus crimes na cadeia?

— Você quer pagar por todos os crimes feitos pelo Moto Clube? — perguntei o óbvio, me levantando e me afastando dele alguns passos.

— Apenas pelos meus, e eles não são nem um pouco amenos. Eu não sei o que você viu em mim, mas digo a você que estar ao seu lado me faz querer ser melhor, ao mesmo tempo em que quero me reprimir, por saber que não há perdão pelo que eu fiz. — Ele terminou de tomar todo o uísque do seu copo e se levantou, aproximando nossas bocas e nossos corpos.

Apoiei minhas mãos em seu peito e tentei afastá-lo. Victor cedeu no mesmo momento, de forma confusa. Eu n ão queria ficar no escuro, precisava saber mais.

— Eu quero saber — eu disse da forma mais sincera que poderia, minhas mãos ainda em seu peito.

— Saber o qu ê ? — Ele segurou meus cotovelos.

— Todos os seus pecados, desde o mais brando até o imperdoável. — Ignorei a voz lá no fundo da minha mente que dizia que eu não gostaria de conhecer nem metade dessa informação.

— Não vamos por aí, não há orgulho para se contar. — Ele se afastou e seguiu para uma janela, deixando com que eu ficasse a observar suas costas, que

possuíam o símbolo do Aranhas Moto Clube.

Olhei para o canto onde seus instrumentos musicais estavam e depois de volta para ele, pensando no quanto não conhecia esse homem.

Paciente, decidi me sentar na mesma cadeira em que ele estivera, que não era tão longe da janela e esperei. Ele parecia estar em uma fase de dilema em sua vida, onde tudo o que fez e estava fazendo não era o que queria para si. Ou, então, tudo isso estava conflitando com seus valores pessoais.

Ele cruzou os braços e se apoiou de lado na janela, ainda olhando para fora e não para mim.

— Tenho assassinos de aluguel, traficantes, cafetões e ladrões. Tirando os traficantes, todos executam algum serviço de acordo com o cliente. Eu tenho bares e casas noturnas, tenho a casa de sexo, suingue, mas nenhuma, nem ninguém, paga impostos, apenas propina. — Essa informação me fez gelar, minha forma de vê-lo era totalmente diferente de minutos atrás. Seus pecados eram piores do que eu imaginava. Assassinos, cafetões... tudo era... muito. — Há algum tempo, quando meu irmão me informou que queria fazer parte de todo esse negócio, eu o vi, na minha mente, como o meu pai. Eu vi a ambição, a corrupção e o ego tal qual meu pai tinha. Somos parecidos, mas sempre foi ele o mais semelhante ao meu pai, tanto fisicamente como de personalidade.

De alguma forma, acho que ele estava tentando amenizar, mas dentro de mim começou a se formar uma opinião muito sólida sobre ele, e isso estava me aterrorizando.

Será que ele merecia o perdão?

— Desde então, venho tentando burlar. — Vi um meio sorriso refletido

no vidro escuro. — Não estou fornecendo armas e munições para os assassinos, fazendo com que o ato de aceitarem um serviço acabe diminuindo drasticamente. Estou diluindo as drogas, deixando-as menos nocivas, para que as pessoas consigam se livrar gradativamente. À s mulheres que vendem o corpo para sobreviver, tanto no meu clube quanto nas casas de sexo, estou oferecendo bolsas de estudo de forma anônima. Quase metade aceitou e o movimento começou a diminuir.

Apoiei meu cotovelo no braço da cadeira e meu queixo na minha mão. N ão sabia aonde ele chegaria com essa revelação.

— E o engraçado de tudo isso, sabe o que é? — Ele se virou, seu sorriso agora triste — Eu comecei a fazer tudo isso e não percebia. Eu só tinha uma ideia e a executava. Meus parceiros reclamavam, mas no final aceitavam. E, em algum momento, achei que poderia dissuadir Denny de estar em torno da corrupção, mas foi o efeito contrário. A cada complicação e reclamação, ele aparecia com uma solução e me mostrava o quanto sabia mais do que deveria.

Ele começou a andar em minha direção e eu me levantei rapidamente da cadeira e fiquei atrás dela, usando-a como uma barreira entre nós. Ele imediatamente parou e franziu a testa, percebendo minha reação defensiva.

Eu precisava de tempo para digerir.

— Você quis saber. — Um pouco desesperado, ele deu mais um passo para frente e eu levantei uma mão em sinal de pare.

— Eu sei e, nesse momento, estou confusa. — Encarei-o com ferocidade.

— Se não estava preparada para as respostas, por que perguntou? —

Agora, ele parecia chateado.

— Porque estava decidida a entregar o meu coração para você. Como eu poderia fazer isso com dúvidas? Eu precisava saber se poderia lidar com tudo isso. — Olhei para seus sapatos, não tendo coragem de encará-lo.

— Entendo — sussurrou e a fragilidade em sua voz me fez encará-lo novamente. Porém não havia mais nenhuma abertura em sua postura. Ele tinha voltado para sua arrogância habitual. — Como um acordo, gostaria de me comprometer a protegê-la até o final dessa negociação, apenas isso.

Apenas isso.

Por que essas palavras doeram tanto se eu mesma estava o afastando?

Era fato que ele estava manchado com todas as suas ações do passado, e eu não sabia se conseguiria lidar com um homem que contribuía com a dependência química das pessoas, ou sexo... Meu coração queria tomar conta e apenas aceitar, já que seu arrependimento estava estampado em suas atitudes, mas minha mente mantinha o controle firme e forte.

Precisava resistir. A mim, a nós... à minha mente.

— Tudo bem — concordei com meu queixo erguido e minha postura profissional. N ão sabia como me comportar, então tentei da forma que eu mais sabia atuar, que era profissional.

— Você terá que ficar no meu apartamento enquanto isso, já que é o local mais seguro no momento. — Ele virou de lado e seguiu para a porta do apartamento. Não queria que ele fosse dessa maneira. Não chateado...

— Aonde você vai? — deixei escapar, com meus sentimentos duelando entre preocupação e descaso.

— Não tenha a ilusão de que a conversa que tivemos te deu liberdade para saber sobre o que eu faço.

Recebi essas palavras como um soco no estômago e me forcei a continuar encarando-o, apenas para que ele soubesse que eu estava na mesma página que ele e nada, nem ninguém, me afetava, apesar dos meus sentimentos estarem nas palavras ditas alguns minutos atrás.

Interrompendo o silêncio e nossa encarada nem um pouco amigável, seu celular tocou e ele seguiu para a saída do apartamento. Ele tinha mais de um celular? Pelo jeito sim.

Aproveitando a ideia do telefone, fui em busca do meu para ligar para Richard e ver como ele estava, se sua crise de ansiedade havia diminuído ou se seria necessária uma intervenção.

Voltei para o quarto de Victor e, então fui para o closet. Minha mala e bolsa estavam no meio dele e aproveitei para olhar todos os cantos desse cômodo. Muitas roupas pretas e verdes, de couro. Havia poucas roupas jeans e sociais, mas muitos coturnos, meias e cuecas, todos à mostra, nenhuma porta ou gaveta existente.

Peguei meu celular e, enquanto o telefone estava chamando, comecei a me aproximar de uma parte do armário que possuía objetos, que identifiquei assim que me aproximei mais, como armas e munições.

— Rachel, não é um bom momento. — Richard estava em modo profissional e calmo. Bem, pelo menos a ansiedade dele parecia ter desaparecido e um pouco da minha preocupação com ele foi substituída pela apreensão da situação quando ele disse não ser um bom momento.

— Como assim? Você está bem? Liguei apenas para isso.

— Estou, não há nada com que se preocupar comigo, apenas com os bens materiais — disse neutro.

— Sim, eu sei, nosso escritório está no chão. Eu prometo que vou pensar em uma solução. — Escutei vozes abafadas do lado da ligação do meu irmão e pressionei o aparelho ainda mais no ouvido, para saber o que estava sendo dito. Consegui reconhecer as palavras: queimado, carro, incêndio e o nome do bairro onde ele morava. — Quem está aí com você? Você está na minha casa? — exigi respostas, com o meu tom impaciente.

— Fique tranquila, eu resolvo tudo. Como disse, não é um bom momento, então, tchau.

— Desembucha, Richard, e não desligue antes de me falar — eu disse rapidamente, antes que ele encerrasse a ligação.

— Merda, Rachel, não fará nenhum bem você saber sobre isso. Depois... — interrompeu-me e eu fiquei furiosa. Fiz o mesmo com ele.

— Que se foda, Richard, fale logo antes que eu tenha uma crise de ansiedade como você!

— Os apartamentos se foram! — gritou, suspirou e xingou baixo. Eu apenas congelei, meus olhos encarando uma granada na prateleira de roupas de Victor.

— O que você disse? — perguntei pausadamente.

— Olha, eu estou resolvendo o que posso com a polícia e os seguranças que sua amiga me indicou. Então, não é um bom momento, depois nos falamos.

Desta vez, ele desligou o celular e eu apenas fiquei parada, tentando

fazer com que essas palavras não tivessem tanta força sobre mim quanto elas estavam tendo.

Eram coisas materiais, eu ainda estava viva e isso era o que importava.

Eram minhas conquistas pessoais, lembranças de viagens, bens adquiridos com o dinheiro da pensão vitalícia dos meus pais, já que meus lucros na empresa estavam sendo direcionados para Valentine e suas crianças.

Meu escritório e meu apartamento não existiam mais, nem o apartamento de Richard. Isso queria dizer que meu único refúgio no momento era aqui, no apartamento de um criminoso.

Eu estava declinando cada vez mais.

Capítulo



Vinte e Três

Rachel

Procurei na geladeira algo para comer e encontrei os mesmos recipientes bonitos e rotulados que havia no outro quarto em que eu tinha ficado. Decidi por um sanduíche natural e uma salada de macarrão. Precisava de carboidratos para compensar um pouco a tristeza que ameaçava me invadir.

Depois de tomar um banho rápido e colocar uma roupa confortável, mas que não era meu pijama habitual, com receio de alguém interromper ou mesmo Victor retornar, busquei um lugar para descansar.

Um bom tempo passou e percebi que não iria para a cama dele, muito menos dividi-la. Também não iria dormir no chão, então o jeito foi escolher um dos vários sofás apertados e desconfortáveis para me deitar. Optei pelo próximo à janela, e com um travesseiro e uma coberta recolhidos do armário, me encolhi ao máximo e fechei os olhos, esperando o sono vir rapidamente, mas ele demorou.

Em algum momento do meu sono ou sonho, senti que estava sendo carregada por braços fortes e pulsos firmes. Abri meus olhos e percebi Victor. Não havia luminosidade do lado de fora e arrisquei pensar que nem era madrugada ainda. Movimentei-me no mesmo instante, como se existisse espinhos em seus braços musculosos e cobertos de couro.

— Me solta — pedi, me mexendo em seu agarre.

— Não há necessidade de dormir no sofá quando existe uma cama. Se

acalme — falou baixo e um pouco irritado.

— É sua cama e eu não ficarei nela. — Remex i mais ainda e ele se curvou para me soltar, me colocando de pé. Sua mão foi para o meu braço rapidamente, antes que eu me afastasse mais. — Me solta — pedi brava e sonolenta.

— Qual o problema da cama ser minha? Eu não estarei nela com você, vim aqui apenas para ver como você estava e pegar algumas coisas — disse um pouco frustrado. Ele passou por mim e foi para o *closet*.

Fiquei no lugar por um momento, tentando me recompor e endireitando minha roupa quando escutei o clique de uma arma, o mesmo barulho que escutei quando Playboy me ensinou a empunhar uma.

Fui para o closet e cheguei a tempo de ver Victor se armando com pistolas e facas.

— Vai para a guerra? — perguntei da porta que dava para o quarto. Quando ele demorou a responder, lembrei-me das palavras dele antes de sair. — Ah, sim, não me interessa, não somos íntimos — zombei.

— Pelo contrário, Gatinha, isso muito te interessa. Irei até Jomal Freeman para marcarmos nossa reunião.

— E precisa se armar tanto? — perguntei cautelosa, mas curiosa.

— Depois do que Denny fez, a receptividade não será lá essas coisas. — Ele terminou de colocar os carregadores em presilhas em seu cinto. — Assim que terminar, estarei de volta com novidades. — Ele sorriu malicioso e não parecia nem um pouco com o homem que abriu seu coração algum tempo atrás. Pelo jeito, tentar se redimir não queria dizer que sua alma tinha mudado. — Que

cara de espanto é essa, Gatinha?

— Eu achei que você queria se redimir — falei baixo.

— Não há redenção para pessoas como eu, Rachel, e tive a prova sobre isso.

— O que você quer dizer? — Tentei lembrar tudo o que havia acontecido e imaginei que algo muito ruim o fez mudar de ideia quando ele saiu do apartamento.

— Por mais que eu tente me redimir, ninguém esquecerá os males que fiz. Não há vantagem em querer melhorar, quando todos apenas visualizarão o mal e o feio em mim. — Percebi que não queria demonstrar, mas existia um tom de derrota em suas palavras.

Naquele momento, estava sendo injusta com ele.

— Você está errado!

— Rachel, você comprovou que estou certo quando escutou minha confissão e não a recebeu com a mente aberta. — Ele seguiu em minha direção e achei que se aproximaria de mim para algo, mas apenas desviou e seguiu para a porta.

Eu queria dizer tanto a ele, dizer que estava errado, que minha reação não deveria ser interpretada como a única que poderia existir, que eu gostava dele, mais do que queria admitir e isso estava nublando meu juízo, que ele não deveria fazer isso em busca de aprovação alheia, a não ser a dele próprio... Minha mente estava a mil!

Gostar dele? Será que eu estava admitindo para mim mesma que eu estava gostando de um criminoso, que não fez nada em sua vida além de

prejudicar outras pessoas?

Eu estava, e desta vez, não sentia mais necessidade de esconder. Ele queria mudar de vida e eu não seria a pessoa a dissuadi-lo disso. Minha boca tomou a frente e expressou o que deveria:

— Você querer mudar de vida, buscar uma redenção, saiba que é muito mais do que amenizar seus atos. — Ele par ou e virou apenas seu rosto para mim, seu corpo ainda de costas. — Faça por você mesmo, se perdoe primeiro, depois busque o perdão de outro alguém.

Com um olhar intenso e a mandíbula rígida, ele me encarou, meu coração apertou e minha intuição disse que nada bom estava para acontecer, com ele, com a sua saída.

Com medo de nunca mais vê-lo, esquecendo tudo o que ele me disse, meus preconceitos e minha incapacidade de ver os esforços de um homem em querer mudar de vida, corri em sua direção. Meus braços foram para o seu pescoço, os seus foram para minha cintura e nossas bocas se chocaram em um beijo nada suave, todo bruto, forte e cheio de desejo. Suas mãos subiram pelas minhas costas e ficaram no meu pescoço e cabelo, forçando nossa união de forma desesperada.

Antes que eu pudesse dizer para que ele tomasse cuidado, ele se afastou de mim abruptamente e entrou no elevador, que estava com as portas abertas. Coloquei minha mão nos meus lábios judiados e as última s palavras de Victor para mim me deixaram ofegante:

— Eu possuo fortes sentimentos por você, Gatinha. — As portas se fecharam. Meus pés estavam como chumbo, me impedindo de sair do local antes de processar o que havia escutado da forma devida.

Capítulo



Vinte e quatro

Rachel

Dormi e acordei em intervalos de meia hora até os raios solares invadirem o apartamento. Não havia nada que eu pudesse fazer, mas meu consciente não queria deixar o subconsciente estar no comando quando Victor retornasse. Ele mostrou que sua ida até Jomal Freeman seria perigosa e arriscada, então, até saber que ele estava bem, nenhum músculo do meu corpo queria relaxar.

Sua declaração antes de sair mexeu comigo de um jeito que não estava esperando, nunca imaginei que alguém além do meu irmão teria... fortes sentimentos por mim.

Poderia andar pelo edifício e tentar encontrar alguém para me dar notícias, mas a memória da mulher de Clin me recordou o quanto os membros desse Moto Clube eram perigosos e nem um pouco amigáveis. Tão diferentes dos Selvagens, que seguiam as leis e eram muito mais receptivos.

Playboy veio à mente junto com o dia em que me mostrou como usar uma arma. Lembrando-me disso, levantei e verifiquei meu presente dentro da bolsa. Ainda estava lá, fria e pesada.

Decidi trocar de roupa a fim de estar pronta para qualquer atividade que surgisse. Peguei o celular, que estava perto de uma tomada, carregando, e conferi as horas. Quase sete da manhã e nada de Victor voltar. Liguei para meu irmão e ele não atendeu, nem depois de três tentativas, então deixei uma mensagem de

texto, preocupada com seu bem-estar. Não era normal ele não me atender, com certeza alguma coisa havia acontecido.

Andei pelo amplo apartamento e escolhi a poltrona mais próxima da porta do elevador para me sentar e esperar. Não era do meu feitio esperar que as coisas acontecessem, meu estômago estava embrulhado o suficiente para que eu não quisesse nem comer algo de café da manhã por causa dessa espera, mas minhas opções de ação estavam limitadas, enquanto eu estivesse enclausurada nesse prédio.

Olhei para os instrumentos musicais e meu coração apertou. Esse era um canto com muito de Victor, algo que eu queria que ele compartilhasse comigo. Será que ele tocaria para mim?

Sentei-me na poltrona e encarei meu celular, esperando que alguma ideia surgisse ou que meu irmão retornasse e, depois de alguns segundos, o nome de Nina apareceu no visor e o aparelho começou a tocar.

Parecia ou não parecia um chamado do destino?

— Olá, Nina — saudei, cautelosa.

— Olá, Rachel, está tudo bem com você? — sua voz estava branda, o que me fez sentar mais ereta na poltrona.

— Sim, sim, nada para se preocupar no momento, mas... — Fiquei em dúvida se perguntava ou não sobre meu irmão, já que seus homens estavam dando suporte para ele, e sobre o ocorrido no dia anterior, porque eu estava com medo do que ela poderia saber e me responder. Pelo silêncio na ligação, criei coragem e perguntei: — Meu irmão me ligou ontem, nossos apartamentos foram destruídos e não sei se você sabe, nosso escritório também. Eu não consegui

falar com ele hoje, você tem alguma notícia? Ele estava em busca de ajuda, acho que seus homens estavam com ele.

— Rachel, eu sinto muito — ela me interrompeu e meu coração gelou por um segundo e, então começou a bater acelerado. — Eu tinha dois homens de prontidão para cuidar de Richard. Depois do que aconteceu com seus apartamentos e enquanto ele estava conversando com policiais e bombeiros, ele simplesmente sumiu. Seu celular está com a polícia, guardado como prova do desaparecimento. Parece ter sido descartado ou abandonado quando ele desapareceu.

Coloquei minha mão na boca e me levantei da poltrona, muito agitada para conseguir ficar parada e receber essa notícia. Meu irmão estava desaparecido.

Era tudo culpa minha.

— Rachel, você ainda está aí? — perguntou, porque não emiti nenhum som e fiquei muda. As lágrimas não desceram e minhas emoções estavam tão em choque quanto eu mesma. Estava difícil processar que meu irmão havia desaparecido.

— Estou um pouco atordoada. — Respirei fundo algumas vezes, devagar, para tentar me controlar. — Você acha que Jomal o sequestrou?

— Na verdade, eu acho que foi o próprio Aranhas Moto Clube que o fez — ela disse um pouco sombria. — Homens com os mesmos modelos de motocicleta que os deles estiveram na cidade e rodeando por onde seu irmão andava, meus homens me reportaram.

— Estou confusa, Nina. Será, então, que foi Victor que destruiu nossos

apartamentos? — Mil e uma ideias e teorias surgiram na minha cabeça, fazendo com que minhas pernas se movimentassem para descarregar a energia que começou a se acumular.

— Eu não sei, não conseguimos nenhuma informação com a polícia sobre o que aconteceu com o seu escritório e apartamentos, mas estou providenciando — disse menos sombria e ficamos em silêncio. Eu não sabia o que dizer e achei que o assunto havia acabado.

— Me desculpa por envolver você e os Selvagens nisso tudo. Eu sei que estou errada em me relacionar com um...

— Não se desculpe pelas ações feitas pelo coração, Rachel — com ferocidade, ela me interrompeu. — Não sou a pessoa mais amorosa e sentimental que existe, mas uma coisa minha mãe me ensinou antes de morrer e foi que, quando o coração está em causa, a razão deve se compadecer. Acho que ela tirou isso de um livro, mas foi uma lição e tanto!

— Você diz isso como se eu estivesse apaixonada por Victor — tentei zombar da situação, mas de meus lábios as palavras saíram muito sinceras.

— Eu não sei, você é que me diz, está? — Não respondi e ela continuou: — Rachel, você sempre foi muito certinha, muito profissional e muito desapegada das pessoas. Apesar de você nunca ter me dado liberdade para ser sua amiga, ser mais íntima, eu me considero, porque essa sou eu, ajo sem pedir licença. Quando soube do seu envolvimento com o Aranhas Moto Clube, eu realmente não acreditei num primeiro momento.

— Sim, nem eu, para falar a verdade — resmunguei.

— Enfim... existe outro assunto que eu gostaria de abordar com você,

que foi o real motivo da minha ligação.

— Qual? Se eu puder ajudar... — disse desconsolada, apesar de disposta a ajudar.

— Um dos Selvagens presenciou um confronto ontem à noite. Definitivamente tinham Aranhas no meio, mas a dúvida foi em relação aos seus oponentes. Você sabe se Victor foi se encontrar com Jomal Freeman? — A curiosidade sobre o assunto abordado por Nina me deixou mais ansiosa.

— Eu acho que sim, ele saiu ontem para tentar marcar nossa reunião para negociação, mas ainda não voltou. — Suspirei e fechei os olhos, uma dor de cabeça começou a martelar meu crânio, consequência das poucas horas de sono, falta de comida e essas notícias nem um pouco agradáveis.

— Hum... — Nina disse, enigmática.

— Não faça mistério, Nina, apenas diga o que precisa! — insisti ansiosa.

— Eu não tenho muito a dizer, apenas que muita gente morreu nesse confronto. — Desta vez, coloquei minha mão na minha barriga e me curvei, as lágrimas agora sim conseguindo ultrapassar as barreiras dos meus olhos.

— Você acha que...

— Eu não acho nada, apenas queria dizer que estou disposta a te ajudar. — Escutei vozes baixas pelo telefone e ela respondeu abafado, provavelmente havia colocado a mão no aparelho. — Rachel, descubra se Victor vive ou não, se não, saia daí o mais rápido e vá até o mesmo bar que você foi da última vez. Alguém chamará Valentine e conseguirei com que você desapareça.

— Oh, céus, e meu irmão? — perguntei, desesperada.

— Vamos mantê-la segura, então... — O celular foi tirado da minha mão. Eu estava de costas para o elevador e não escutei pessoas chegarem.

— Você perdeu. — A mesma mulher que esbarrei no bar, mulher de Clin, jogou meu celular pela sala. Em seus lábios, um sorriso malvado estava estampado. Dois homens barbudos e com muito cabelo a acompanhavam, mais afastados.

— O que você quer dizer com isso? — Envolvi minha cintura com meus braços, dando um passo para trás. Seu sorriso malicioso aumentou, ao me ver recuar.

— Que eu posso fazer o que eu queria ter feito desde quando te vi. — Ela olhou para os dois homens ao seu lado e eles seguiram em minha direção.

Por instinto, corri como nunca antes até a minha bolsa, que tinha a arma. Peguei-a, apontei para eles e no mesmo momento pararam com as mãos para cima.

— Não se aproximem. — Minhas mãos e voz trêmula os fizeram sorrir. Um deu um passo para frente e atirei desajeitada, acertando de raspão o braço dele.

— Sua vaca! — exclamou e colocou a mão no braço ferido. Foi dar mais um passo em minha direção e eu levantei minha arma para sua cabeça.

— Eu vou atirar novamente, não se aproxime! — Alta e clara, minha voz ecoou e a mulher apareceu entre eles.

— A vadia está armada, Lena — o outro disse e esse nome não me pareceu estranho.

— Deixe a vagabunda achando que tem vantagem. Temos todo o tempo

do mundo. — Eles se viraram, com o homem machucado resmungando pelo caminho até a saída do apartamento.

— Eu direi tudo a Victor — gritei feroz, tentando intimidá-la. Segui seus passos, com a arma mirando no meio dos três.

Os homens continuaram seguindo para fora do apartamento, mas ela parou e se virou para me encarar com um sorriso vitorioso. Meu coração, já acelerado pela ação anterior, quase saiu pela minha garganta.

— Não gaste saliva. Victor se foi e é questão de tempo para Clin assumir. — Ela beijou a palma da sua mão e a assoprou em minha direção. Virou e seguiu para o elevador, que tinha os dois homens aguardando.

Assim que as portas se fecharam, deixei a arma cair no chão e corri para o meu celular. A tela estava toda quebrada, mas não me impedia de usá-lo. Com as mãos tremendo, foi difícil ligar para Nina e, antes que concluísse, a porta da cozinha, que dava para as escadas de emergência, se abriu e eu corri para minha arma, guardando o celular no bolso. Eu estava em alerta o suficiente para agir rapidamente e por instinto.

Vi Denny e Tom, com seus rostos machucados e carrancas aparecendo pela porta.

— Merda, você ainda está aqui? — Denny perguntou aborrecido e Tom socou seu braço de leve.

— Não seja idiota com ela novamente, Denny — Tom o repreendeu e se virou para mim, percebendo minha arma apontada para eles apenas nesse momento. Os dois pararam e ergueram as mãos em sinal de rendição. — Merda, mulher, não somos a ameaça, na verdade, precisamos de sua ajuda.

— O que vocês querem? — Continuei apontando a arma para eles. Se Victor realmente tivesse morrido, ninguém devia nenhuma cordialidade para mim.

— Ontem, o idiota do meu irmão atacou Freeman, em retaliação ao que ele fez comigo e com Tom. O poder de fogo desse homem era muito maior que o nosso e acabou nos destruindo. — Ele olhou para minha arma e me enfrentou. — Dá para apontar essa arma para outro lugar?

Como ele falava com tanta calma sobre o que havia acontecido? Sabia que toda a minha frieza era apenas uma fachada, mas sua calma apenas aumentou minha angústia. Meu irmão, Victor... estava sendo muito!

— Então, Victor está realmente morto? — minha voz chorosa fez com que Tom me olhasse com simpatia e Denny franzisse sua testa.

— Não, mas ele poderá estar se não conseguirmos com que você nos acompanhe, como nossa advogada, para intermediar essa negociação. — Percebi o azedume com que foram expelidas essas palavras de sua boca.

Abaixei minha mão e coloquei a arma no cós da minha calça, na parte de trás – como eu via que as pessoas faziam nos filmes. Precisava acionar meu lado profissional antes que surtasse.

— Certo, mas antes, quero saber onde está meu irmão.

Capítulo



Vinte e cinco

Rachel

Essa pergunta pegou os dois de surpresa. Sem que minha arma representasse alguma ameaça, eles abaixaram suas mãos e seguiram até o *closet*, provavelmente em busca de se armar, como Victor fez no dia anterior.

— O que tem o seu irmão? — Tom perguntou e acompanhou Denny até o arsenal de Victor. Ainda existia muita arma e munição ali.

— Tenho uma fonte que me informou que vocês o sequestraram. Eu o quero solto — ordenei, enquanto observava eles se equiparem como Victor fez antes de sair.

Victor!

O que será que aconteceu com ele e qual o motivo de indicarem que ele já estava morto? Com certeza tinha muita gente interessada em seu posto e poder. No lado mau da história, não havia cordialidade.

— Eu não posso afirmar nada, mas não houve nenhum trabalho para ser executado na sua cidade, então seu irmão não está com os Aranhas — Tom disse, enquanto colocava um cinto com espaços para munições.

— Tenha certeza disso, Tom. Preciso saber. Ele estava sendo observado por homens com motos iguais às suas e desapareceu. Se não foram vocês que o sequestraram, Freeman poderia ter feito.

— Não somos o único Moto Clube com Kawasaki Ninjas — Denny disse ríspido e se afastou do closet com Tom atrás. Eles passaram por mim e os

segui até a cozinha. Havia reparado que ele se incluiu no Moto Clube, agora, pelo visto, ele era um membro também.

— Não importa, preciso saber onde está meu irmão. Eu não sairei daqui sem alguma informação sobre isso — tentei barganhar.

Tom me observou com a testa enrugada e Denny seguiu para a geladeira, retirou um dos alimentos catalogados de dentro e começou a comer.

— Eu fico com ela, Tom. Tente descobrir algo antes de sairmos — Denny disse sem simpatia e se sentou em um banco do balcão.

Tom saiu e encostei-me à parede perto da cozinha, minhas mãos atrás de mim e perto da arma, caso precisasse us á -la. Estava pensando em como abordar o irmão do chefe do submundo sem ofendê-lo do jeito que eu queria.

— Onde realmente está Victor? Será que ele está bem? — perguntei neutra, tentando me manter profissional.

— Ele deve ter sido capturado por Freeman. — Mordeu o sandu í che natural que havia pegado da geladeira e me encarou. — Precisamos de você para oficializar tudo o que eles queiram e, se Victor realmente est á como refém, tentaremos libertá -lo com essa negociação.

— E o que eles irão querer para concretizar essa negociação?

— Nossas empresas, com certeza. — Ele deu outra mordida e mastigou rapidamente. — Ter nossa rota e clientes do tráfico será de grande ajuda para eles, que querem comercializar uma nova droga sintética.

— Mas isso poderia manchar a reputação de Freeman, por que ele iria se arriscar assim? — Tentei pensar de forma fria e esquecer que estávamos falando de raptos e tráfico.

— Ele tem a cidade inteira na sua mão e no seu bolso. — Ele terminou seu lanche, levantou e jogou os restos no lixo. — Coma alguma coisa, não sabemos quanto tempo demoraremos com Jomal.

— Não tenho fome. — Descartei minha dor de cabeça por causa da falta de comida. Olhei para a porta que dava acesso às escadas, esperando que alguma notícia viesse e Tom apareceu e a atravessou.

— Más notícias. — Ele se aproximou de mim, pegou no meu braço e saiu me empurrando para seguir pelas escadas. — Vamos, Denny, a coisa vai ficar preta, uma nova ordem foi lançada no clube.

— Por quem? — Denny perguntou e eu acompanhei os dois, confiando neles para a minha segurança, por instinto. Era o irmão de Victor, afinal de contas, eu simpatizando com ele ou não.

— Clin e sua mulher, Lena — disse Tom, sombrio.

— Eu já ouvi falar nessa mulher — intrometi-me, enquanto descíamos as escadas. Seriam muitos degraus, muitos andares até chegar ao térreo.

— Claro que sim, é a viúva do ex-presidente do Selvagem Moto Clube. — Uma luz acendeu na minha cabeça, fazendo minha memória retornar. Aquela mulher... — Além de ser uma oportunista, está fazendo a cabeça de muitos do Moto Clube. Se Clin quer tomar a presidência, não seremos mais bem-vindos, por isso que precisamos dar o fora daqui.

— Ela esteve no apartamento me ameaçando, antes de vocês chegarem — informei e tropecei em um degrau. Tom segurou meu braço e me sustentou para que não caísse no chão.

— Ela nem esperou a notícia se espalhar. Lena é a delatora, com

certeza — Tom concluiu com raiva e deduzi que Lena era uma traidora.

— Não temos tempo para ficar de papo, precisamos pegar um carro e seguir até Jomal — Denny reclamou e estava ofegante como todos nós, cansados de descer todos os lances de escada.

— Como avisá-lo que estamos indo em paz e com uma civil? — Tom questionou. — A última vez não funcionou muito bem.

— Precisamos nos arriscar, Rachel vai primeiro, mostra sua cara e nos anuncia — Denny disse e recebeu uma porrada de Tom.

— Você quer matar a mulher do seu irmão? — repreendeu e meu coração, já acelerado do esforço físico, aumentou de velocidade pelo risco que estaria enfrentando.

— Não, estou querendo usá-la para o que foi contratada. — Chegamos ao térreo, Denny espiou pela porta antes de atravessá-la e seguirmos para fora do prédio.

— Fique atrás de mim — Tom me pediu e eu o obedeci.

Seguimos para o estacionamento, que parecia deserto. Denny tentou abrir as portas de todos os carros que estavam no local até achar um aberto e com as chaves na ignição. Era um carro esportivo e com apenas dois lugares.

— Terá que vir no meu colo. — Tom abriu a porta do passageiro e se sentou, como se seu pedido fosse algo natural de se fazer.

— Vocês estão loucos, como traremos Victor num carro desses? — Afastei-me e achei um SUV destrancado. Entrei no banco do motorista e fiz sinal para que os dois entrassem no automóvel.

— Eu dirijo — Denny falou para mim da janela da porta do motorista

do carro.

— Eu não serei o rosto que irá negociar e enfrentar os caras malvados? — Não esperei ele responder. — Então, entre no carro e me oriente para onde devo ir.

Os dois não questionaram e apenas entraram no veículo. Dei partida e segui as orientações de direção de Tom. Denny ficou no banco de trás, mas estava inclinado para frente entre os bancos dianteiros.

— Vamos até a empresa deles no centro da cidade, menos arriscado de nos alvejarem. — Denny seguiu me orientando pelas ruas.

— E se não quiserem nos receber? Ou pior, receber e sermos alvejados? — palpitei.

— Mortos? — Denny concluiu para mim e seu rosto jovial e machucado agora aparentava ser velho e estar muito cansado. — Eu não posso garantir nada, mas também não vou apenas fugir, quando meu irmão está desaparecido e o Moto Clube está sendo tomado por ratos.

— E qual será a estratégia de negociação? — Respirei fundo ao ver o grande prédio de uma das empresas de Jomal Freeman próximo de nós. Eu precisava organizar as minhas ideias e ficar no modo profissional. Também não poderia esquecer sobre o paradeiro do meu irmão.

— Faça como quiser, tente barganhar ao máximo e não nos faça levar um tiro — o irmão de Victor disse e se recostou em seu banco, quando apenas uma quadra nos distanciava do nosso destino. — Diga que é assessora jurídica de Victor Aranha e que precisa falar com Jomal Freeman, pois você tem uma oferta irrecusável para ele.

— E que oferta seria essa? — Franzi a testa, reduzi a velocidade para virar e parar na guarita do enorme prédio. Eu não era boa em negociar, Richard sim. *Fique bem, meu irmão,* fiz uma oração.

— Se perguntarem, diga que Denny Aranha se entrega e abdica de seu relacionamento com Vanessa Freeman. — Olhei para trás. O jovem rapaz, que há um tempo parecia um rebelde sem causa, sugeriu se sacrificar para apaziguar toda essa situação.

Esses homens Aranha não eram umas caixinhas de surpresa?

Parei o carro, abaixei o vidro e disse para o interfone:

— Olá, senhores, gostaria de falar com Jomal Freeman — cumprimentei com minha voz mais confiante e firme.

— Senhorita, reuniões com o senhor Freeman apenas com agendamento prévio e em seu escritório particular — uma voz masculina pôde ser ouvida pelo interfone. Olhei para o portão verde escuro à minha frente e voltei para o interfone.

— Senhor, é de suma importância que você entre em contato com seu patrão. Sou assessora jurídica de Victor Aranha e ficarei aqui, bloqueando a passagem de quem quiser ir e vir dessa empresa, enquanto não falar com ele. — Encarei feroz o aparelho pequeno com alguns furos.

Alguns segundos se passaram e nenhuma resposta soou. Comecei a perder a confiança de que minha ameaça tenha valido a pena e, então, orei na minha mente em desespero.

— Senhora, qual o seu nome? — A voz que saía pelo interfone perguntou e uma onda de alívio me atingiu.

— Rachel Collins, da empresa Collins Associados — segui com minhas falas profissionais e confiantes.

O portão começou a se mover. Tom exalou de forma audível, provavelmente estava segurando a respiração até nos aceitarem de forma efetiva.

— Siga o nosso manobrista, ele indicará onde deverá estacionar e, então, como entrar no prédio para a sua reunião.

Conduzi o carro para o estacionamento e segui as orientações do rapaz franzino até parar em um andar no subsolo.

— Merda, ele quer nos encurralar — sussurrou Denny e tentei controlar minha respiração para que não ficasse tão acelerada como o meu coração.

— Vamos ficar frios. Confiantes — Tom disse, mas parecia não acreditar em suas próprias palavras.

Desci a rampa. Luzes com detectores de movimento se acenderam e o manobrista indicou uma vaga de difícil manobra de saída de traseira para que eu estacionasse. Sem me preocupar com o tempo, estacionei o carro de ré, não me intimidando com sua má intenção e mostrando que eu não era tão ingênua como ele achava que era.

— Bem pensado, Rachel. — Tom deu um tapinha na minha coxa antes de desafivelar o cinto para sair do automóvel.

Desliguei o carro e saí com Tom e Denny nem um pouco apresentáveis como companheiros e escolta. Nossas armas estavam nos corpos, escondidas, e a incerteza pairava sobre nós quando, silenciosamente, seguimos o tal manobrista para uma porta de elevador.

Capítulo



Vinte e seis

Rachel

Parecia ser um padrão os chefes estarem no último andar. Seguimos para o topo desse edifício pelo elevador. O manobrista, que tinha todos os trejeitos de um mordomo, se apresentou como Eme – ou só a letra M – nos acompanhou e não nos dirigiu nenhuma olhada mais demorada. Era como se fosse normal receber uma mulher e dois homens com os rostos bastante machucados todos os dias para reuniões muito suspeitas.

— Por favor, me acompanhem — M disse e seguimos por um hall e depois um corredor, ambos desabitados por pessoas.

O piso era em porcelanato marrom claro, as portas de madeira com quase o mesmo tom e as paredes brancas e imaculadas. Poderia parecer simples e limpo, mas o ar do local gritava luxo e superioridade.

Olhei para Tom, que estava ao meu lado, com certa desconfiança. Ele olhou para Denny, que estava atrás de nós e então para mim novamente. Ergueu os ombros em sinal de incerteza e se aproximou de mim, nossos braços quase se esbarrando enquanto andávamos.

Na penúltima porta antes de acabar o corredor, M a abriu e indicou para entrarmos.

— Por favor, fiquem à vontade. Senhor Freeman irá atendê-los assim que possível.

Entramos no cômodo, que mais parecia com uma sala de televisão

residencial, com dois sofás de três lugares cada, duas poltronas, uma mesa de centro e um rack com televisão de muitas polegadas em cima. Dois quadros de paisagem enfeitavam uma parede cada e uma estante com livros de capa dura ornava a parede do fundo, que possuía outra porta. Não era uma sala grande, mas parecia espaçosa e pertencer a uma revista de decoração.

Depois de avaliar o lugar, me virei para M, para saber quanto tempo esperar í amos Jomal, mas o homem fechou a porta e, pelo barulho, trancou-a também.

— Merda, estamos presos — Denny disse ao confirmar com a mão na maçaneta redonda.

— O jeito é esperar. — Tom se sentou de forma confortável em um dos sofás e colocou ambos os braços em cima do encosto. Sua pose transmitia despreocupação.

— Não sei como você pode estar tranquilo, enquanto estamos presos aqui. — Denny seguiu até a outra porta, havia uma pia e vaso. — Um banheiro. Pelo menos continuamos armados. — Atestou-o e foi se sentar numa poltrona.

Eu fiquei de pé, muito ansiosa para tentar relaxar. Aproximei-me da estante de livros e me distra í lendo os tomos ali presentes. Estavam todos intactos, limpos e brilhando. Eram clássicos da literatura mundial, Shakespeare, Dostoi é vski, Nietzsche e... um nome me chamou atenção, por não fazer parte desse grupo de escritores pertencentes a antes do século XX: Stephen Hawking.

Atrás de mim, escutei os meus acompanhantes conversando sobre os homens que foram abatidos e os nomes dos homens que poderiam estar apoiando Clin nesse golpe contra Victor.

Estendi minha mão e tentei remover o livro do seu lugar, mas ele parecia preso pela parte de baixo, já que os lados pareciam visíveis e livres. Empurrei a parte de cima do livro para baixo e escutei um clique alto, como se uma trava tivesse sido ativada ou desativada.

— O que você está fazendo, Rachel? — perguntou Tom e se levantou do sofá para seguir em minha direção.

— Eu não sei. — Olhei para todos os lados da estante, tentando achar de onde havia saído o barulho. Empurrei o livro novamente e o barulho soou com a mesma intensidade.

— Eu não acredito, isso é uma passagem secreta? — Denny se aproximou de mim e tentou mover o móvel para os lados e para frente, mas parecia preso ao chão e à parede.

— Não poderia ser mais óbvio? — Tom disse arrogante. Apertou o livro e ergueu a estante, que subiu como se tivesse trilhos. Ele nos olhou cauteloso antes de se agachar, levant á-la até o teto e espiou pela passagem. — Merda.

— O que foi? — perguntei, não acompanhando Denny para olhar.

— É uma sala de interrogatório. Esse é o lado escuro do espelho. — Tom atravessou e entrou no outro ambiente.

— Vocês estão loucos? E se nos pegarem? — disse nervosa e observei Denny seguir Tom.

Merda, teria que segui-los, não ficaria aqui sozinha.

Fiz como eles fizeram, estávamos em uma sala de interrogatório. Observei todos os lados e arregalei meus olhos ao ver um homem estirado no chão, do outro lado do vidro.

— O que será que... — parei de falar, porque uma avaliação melhor no homem fez com que o reconhecimento me congelasse no lugar. Eu conhecia aquelas roupas e aquele sapato. Era meu irmão. — Richard! — falei alto e fui detida por Tom, com uma mão na minha boca.

— Não adianta gritar, ele não vai escutar e denunciará nossa localização. — Chiei sob a sua mão, tentando me soltar, e ele aumentou seu aperto. — Acalme-se, Rachel. Se você for ouvida, será pior para todos nós. — Denny olhou feroz para mim e eu me acalmei. Tom me soltou e corri para o vidro, minhas palmas abertas nele. — Quem é ele?

— É meu irmão — respondi chorosa. Foquei no meu único parente vivo, tentando encontrar alguma ferida ou um sinal de que estava vivo, mas não identifiquei nada. Ele estava de costas para mim, suas roupas estavam amassadas e sua posição parecia como se estivesse desfalecido.

— Bem, o encontramos, vamos usar isso ao nosso favor. — Denny pegou na minha mão e me afastou do vidro. — Vamos voltar para a sala, não encontramos nada que possa nos ajudar desse lado e a única forma de entrarmos e sairmos daqui é por onde entramos. — Resisti ao sair de lá.

— Eu não vou sem meu irmão — decretei, feroz.

— E vai fazer o quê? Quebrar um vidro blindado com as próprias mãos para chegar até ele? Ou vai tentar arrombar a porta da outra sala para tentarmos sair? — Denny foi grosso e me fez querer socá-lo. Olhei com raiva para ele e saí da sala secreta.

Nada mudou no nosso ambiente original. Para acalmar minha ansiedade, comecei a andar de um lado para o outro. Tom foi o último a voltar, colocou a estante no lugar e apertou o livro da trava.

Ficamos em silêncio, eles sentados e eu gastando energia das minhas pernas.

— Você está me deixando tonto — Denny me criticou.

— Feche os olhos e não olhe para mim — rebati e continuei com minha caminhada.

— Não sei o que o meu irmão viu em você — resmungou.

Qual era o problema dele comigo? Eu só queria ajudar desde o início e ele não foi nem um pouco receptivo.

Tempos depois, o suficiente para nós três até utilizarmos o banheiro anexo, a trava da porta fez barulho e uma mulher apareceu, cabelos cacheados bem tratados, sua pele um chocolate derretido, que reconheci como sendo Vanessa, a namorada de Denny.

Ele praticamente pulou do sofá e correu ao seu encontro, mas parou seus movimentos quando ela ergueu a mão e mostrou sua palma para ele, em sinal para que interrompesse seus avanços. Seus olhos não transmitiram nada e suas feições neutras me diziam que ela era muito fria... ou fingia muito bem.

— Preciso que todos vocês me entreguem suas armas. — Ela ergueu um saco de lona à sua frente e o abriu. Ninguém reagiu e Denny cruzou os braços diante do corpo. Eu segui para ficar ao lado de Tom, que havia se levantado do sofá e estava em alerta.

— Sem elas não temos garantia de sairmos vivos ou ilesos daqui. Elas ficarão — O irmão de Victor disse a Vanessa, que o olhava com a mesma feição neutra com a qual entrou.

— Preciso que todos vocês me entreguem suas armas — repetiu e

continuou com o braço esticado e a sacola aberta. Como não fizemos nenhum movimento, seu rosto neutro mudou para amedrontado. Denny descruzou os braços e eu olhei para Tom, que me olhou também e franziu o cenho com confusão e receio.

— Van, me diga, o que está... — Ela arregalou os olhos e os fechou por um momento. Respirou fundo e então, voltou a nos olhar com a mesma cara neutra de antes.

— Preciso que todos vocês me entreguem suas armas — repetiu e Denny avançou nela, segurando seus braços e a chacoalhando.

— Diga alguma coisa além disso, mulher! — quase gritou e Vanessa fechou os olhos, enquanto lágrimas escorriam deles. — Eu posso te ajudar — sussurrou. Vanessa abriu os olhos marejados pelas lágrimas e disse apenas com o movimento dos lábios “eu te amo”.

— Preciso que todos vocês me entreguem suas armas — ela suplicou e, então, Denny removeu sua arma de trás das costas e a colocou dentro do saco.

Ele se afastou, agachou, retirou a faca e outra arma menor de seu tornozelo e as colocou no saco. Virou para nós e as lágrimas não caídas em seus olhos apertaram meu coração.

O que será que estava acontecendo entre os dois?

— Vamos, coloquem tudo no saco. — Ele seguiu em nossa direção e se sentou no sofá, os braços apoiados em suas pernas e o corpo inclinado para frente.

Ameacei dar um passo, mas Tom me interrompeu.

— Fique com Denny. Você não tem nenhuma arma para ir até ela, muito

menos sabe usar uma. — Soltou a informação falsa e eu apenas obedeci, com medo de descobrirem que estava armada, apesar de escondida.

Observei Tom se desarmar, encarar a garota e voltar para o nosso lado. Ela nos encarou por um momento e então, se virou para ir embora. A trava soou novamente.

— O que aconteceu entre vocês? — perguntei quase com um sussurro para o homem em desespero silencioso ao meu lado.

— Eu não sei. — Ele suspirou e levantou o tronco para apoiar suas costas no sofá. — Uma ameaça, estamos sendo observados, escutados... eu não sei — disse derrotado.

— Eu vi que ela...

— Você não viu nada — interrompeu-me de forma feroz. — Ela está seguindo os passos do pai, não há mais nada entre nós. Na verdade, nunca houve, eu a usei e ela, provavelmente, me usou também. — Olhou-me de forma significativa, tentando passar alguma informação além de suas palavras.

Hum, talvez ele não quisesse que discutíssemos isso, porque poderíamos estar grampeados.

Não discuti mais nada e me encostei ao sofá como Denny. A arma nas minhas costas me cutucou e, sem esboçar nenhuma reação, continuei do jeito que estava. Essa poderia ser nossa única salvação se alguém ou alguma coisa nos atingisse.

Poucos minutos depois, a trava novamente soou e um homem alto, negro, de cavanhaque e muito bem vestido entrou na sala com mais dois homens do mesmo porte atrás dele.

— Senhores, a que devo essa reunião? — o olhar ameaçador e as palavras ditas de maneira firme e imponente só me fizeram concluir que aquele era Jomal Freeman em carne e osso.

Capítulo



Vinte e sete

Rachel

Acompanhando-me, Denny e Tom se levantaram assim que eu o fiz. Jomal não se aproximou muito de nós, ficou perto da porta, que foi fechada por um dos homens de sua escolta pessoal.

Como o silêncio e os olhares cautelosos reinaram, decidi interceder, mesmo que minhas pernas parecessem maria-mole.

— Olá, senhor Freeman. Estou aqui, em nome de Victor Aranha, para negociarmos.

— Ah, você é a advogada — Jomal me interrompeu e disse minha profissão com malícia. — Eu odeio advogados, eles sempre querem tirar vantagem de nós.

— Garanto que minha intenção não é prejudicá-lo — tentei ser o mais cordial possível.

— E o que você quer acordar comigo? — Ele cruzou seus braços musculosos à sua frente e, por um momento, duvidei que ele pudesse ter mais de trinta anos. Se não fosse sua pose ameaçadora, diria que seria muito bonito e simpático.

Não, esqueça que pensei isso, ele não tinha nada de simpático.

— Primeiramente, sobre as ameaças que Denny vêm sofrendo. Estamos dispostos a assinar um termo de confidencialidade e nada do que ele viu ou presenciou será revelado. — Meu coração começou a bater tão forte que ficou

difícil engolir a saliva. Ele não alterou sua feição e percebi com quem Vanessa havia aprendido a ser indiferente.

— Não me interessa esse tipo de negociação. Próximo.

— Senhor, nós realmente gostaríamos de saber o que será preciso fazer de nossa parte para que Denny fique livre de ser perseguido — insisti e mantive minha postura cautelosa.

— Morrer? Desaparecer? Eu não me importo, só não quero mais ouvir falar desse moleque no meu território depois de hoje. Próximo — disse a última palavra de forma enérgica e engoli em seco.

Olhei de relance para Denny, que me incentivou com o olhar para continuar.

— Gostaríamos de um acordo referente a Victor Aranha e sua liberdade — disse incerta e ele percebeu meu vacilo. Falar sobre Victor e, então, lembrar-me do local onde meu irmão estava me fazia fraquejar. Droga, eu não poderia hesitar, não agora.

— Liberdade de Victor? — Ele ergueu uma sobrancelha, como se não entendesse o que eu estava tentando dizer. Respirei fundo e insisti.

— Ontem, vocês se confrontaram, Victor não voltou para o Moto Clube e temos fortes indícios de que ele foi capturado por vocês. Quero negociar sua liberdade.

— Oh, sim, o confronto de ontem. — Ele olhou para nós três e sorriu de forma perversa, a única emoção que ele demonstrou até agora, e não foi agradável. — Por que eu deveria fazer o que você diz?

Ele ainda não havia afirmado que estava com Victor e eu precisaria ser

cautelosa com isso, para não fazer um acordo e, então, ele não ter Victor sob custódia e nós nos prejudicarmos por nada.

— Se você estiver com Victor Aranha, queremos a liberdade dele e, para tanto, estamos dispostos a pagar o preço que você estipular, se estiver ao nosso alcance.

— Preço. — Ele me olhou da cabeça aos pés e fez uma careta de nojo. Oh, Senhor, ele estava me avaliando como um produto a ser barganhado? Internamente, respirei aliviada por, aparentemente, não ser de seu gosto. — Se você fosse um pouco mais bronzeada, estaria disposto a tê-la como pagamento.

— Senhor, peço encarecidamente que se atenha ao preço *material* para resgatar a vida de Victor Aranha. — Não era meu perfil, mas estava me humilhando por conta do desespero. Meu irmão e Victor precisavam de mim.

Mesmo estando em desvantagem, a mulher em mim não conseguiria permitir um comentário desses passar sem uma resposta à altura.

— Hum. — Ele olhou para Denny e ficou com uma expressão neutra, então, voltou a me encarar. — Victor possui bares e casas noturnas que me interessam, ele também possui os fornecedores e traficantes que lá atendem. Poderíamos começar por aí a negociação.

Não respondi de imediato, lembrando como meu irmão tratava essas negociações e exigências unilaterais. Olhei para Denny, que franziu o cenho para mim, não sabendo o que eu queria com o olhar para ele. *É apenas uma encenação,* falei mentalmente para ele.

— Bem, senhor Freeman. — Voltei a olhar para o homem imponente e ameaçador à minha frente. — Podemos fazer negócio, se estiver disposto a

provar que Victor está com você.

— Ele está comigo — respondeu rápido e isso me fez desconfiar.

Estar com ele não especificava se estava vivo ou morto, então fiz uma ressalva.

— Ótimo, traga -o até nós para podermos começar com os tr â mites administrativos. — Tentei transparecer confiança.

— Não se engane, moça, quem faz as exigências sou eu e meus advogados entrarão em contato com você para realizar as transferências necessárias e colher as assinaturas devidas. Depois disso, poderemos falar sobre Victor. — A sua superioridade ligou um interruptor em mim e esqueci qualquer cordialidade.

— Se engana se acha que faremos qualquer coisa sem uma prova concreta de que Victor ainda vive. Além do mais, você está com meu irmão e ele seria objeto de negociação também. — Imperturbável, Jomal não se incomodou com minhas palavras, apenas olhou para a estante de livros e então, de volta para mim.

— Eu não preciso de nada de vocês, então podem ir embora. N ão haverá negociação. — Suas palavras me assusta ram e tentei fazer meu cérebro pensar em uma solução rápida, antes que nossa vinda à toca do inimigo tivesse sido por nada.

Ele e seus acompanhantes, que pareciam ser seguranças, nos deram as costas e seguiram para sair da sala.

Antes que eles abrissem a porta, em um ato de desespero, tirei a arma às minhas costas e atirei de forma displicente em sua direção. Os três se viraram

e acertei o segurança do lado direito, que caiu após ser atingido em algum lugar de seu abdome, o deixando incapacitado. O segurança do lado esquerdo tentou proteger Jomal e eu atirei novamente. Enquanto eu fazia os disparos, Denny e Tom correram em direção ao nosso inimigo, e um começou a revistar o segurança caído, enquanto o outro afastou o segurança, que foi atingido pelo meu segundo tiro, e prendeu Jomal. Para um homem com o porte dele, pareceu muito fácil rend ê -lo.

Os homens que atingi estavam gemendo no chão e fora de combate. As palavras de Playboy, sobre matar uma pessoa, tentaram invadir minha mente e deixei para pensar nos meus atos em outro momento. Precisava tirar meu irmão dali, precisava resgatar Victor.

Tom entregou uma arma para Denny, que apontou para Jomal e o fez ficar de joelhos no chão. Sua feição enfurecida não me intimidou mais e me aproximei com a arma apontada para ele.

— Agora, é sua vez de me escutar e aceitar minhas exigências — disse ríspida, não me reconhecendo. De protetora, virei uma fora da lei. — Traga Victor e meu irmão para cá, sem alarde, ou haverá consequências.

— Ou o qu ê, vai me matar? — t entou me intimidar. — Você não é uma assassina, apesar de ter ferido meus homens. Isso, no final do dia, te destruirá.

— Você não me conhece e acho melhor começar a me escutar e fazer o que estou mandando. — Ajeitei a mira da minha arma e não tirei meus olhos dos seus, assombrosos e ameaçadores. — Denny, qual é o próximo passo?

— Como assim? Não sei, você que me diz, você que está toda louca ameaçando Freeman. Estaremos mortos assim que sairmos daqui — as palavras de adolescente irresponsável e não do homem que parecia muito determinado

um tempo atrás, antes de entrarmos nesse prédio, me irritaram.

Afastei-me dos homens e abaixei minha arma, para enfrentar Denny. Antes disso, vi se Tom estava devidamente intimidando Jomal.

— O que aconteceu? Para enfrentar o seu irmão, você arranja mil e um argumentos, e agora que você precisa colocar essa mente criminosa para funcionar, você se faz de adolescente perdido? — repreendi-o furiosa.

— O acordo era negociarmos nossa saída e não atirar nele — tentou se justificar.

— Eu deveria ter atirado em você — falei baixo, furiosa. Voltei a encarar Jomal, que sorria vitorioso. — Denny, pegue o celular das roupas de dele e veja se ele também está armado. — Ele me obedeceu sem reclamar e Freeman tentou escapar com um movimento surpresa para cima de Denny, mas foi interrompido por uma coronhada de Tom.

— Vocês não sairão vivos daqui — Jomal disse de forma sombria, acariciando sua nuca, local onde levou o golpe.

— Sim, sairemos. Você anunciará para sua equipe de relações públicas que adquiriu o Aranhas Moto Clube, vai pedir para trazerem Victor e Richard para cá e, então, sairemos todos juntos — contei meu plano e ergui minhas sobrancelhas para o inimigo. — Comece na ordem em que te falei, ligue para a relações públicas e faça isso no viva-voz.

Ele não aceitou o celular oferecido por Denny e seu olhar de desafio me deixou nervosa. Eu precisaria ter sangue de aço agora.

— Escolha um pé, direito ou esquerdo? — perguntei para Jomal com ansiedade, que me olhou de forma interrogativa. — Eu vou pedir mais uma vez,

ligue para a sua relações públicas, senão atirarei no seu pé. — Ele tentou abrir a boca, mas eu o interrompi. — Não me teste. Considere-me uma namorada louca, uma irmã irritada e uma mulher que est á de TPM.

Ele pegou o celular e fez o que orientei. N ão estava apontando para el e, mas a arma se mantinha empunhada, pronta para ser usada caso fosse necessário.

— Camilo? — Jomal falou em direção ao aparelho, mas me encarando.

— Sim, senhor Freeman? — a voz masculina soou pelo aparelho.

— Preciso que você veicule uma notícia na mídia de que eu acabei de adquirir o Aranhas Moto Clube.

— Apenas em nosso site ou em todos os veículos de comunicação que temos acesso? Para quando? — Ele me olhou de forma desafiadora depois que seu funcionário fez a pergunta e eu o encarei o suficiente para que ele soubesse a resposta certa. Seriam em todos, para ontem.

— Todos os veículos de comunicação, e para hoje — ele disse a contragosto e complementei por ele.

— Camilo, por favor, faça isso rápido e nos informe onde consultar para verificar se a notícia já está espalhada. Minha vida depende disso — disse sincera, mesmo que soasse como uma brincadeira.

— Senhor Jomal? — O funcionário fiel não aceitou minhas ordens e entortei minha boca para isso.

— Sim, Camilo, faça o que a moça disse, para ontem! — Ele encerrou a chamada e emendou em outra. — Constantine?

— Sim, senhor Freeman? — a voz grossa e obediente me indicou que

esse devia ser um dos capangas do lado obscuro desse homem.

— Traga o Aranha e o advogado para a antessala de interrogatório.

— Mas, senhor...

— Agora, Constantine! — ordenou e desligou o celular, me desafiando a pedir mais alguma coisa a ele.

— Temos um acordo, senhor Freeman? — minhas palavras o atingiram como um dedo em uma ferida aberta.

— Sim, senhorita, temos um acordo — disse com um sorriso malicioso, mostrando-se superior e me perguntei se alguma coisa pior estava para acontecer, algo para o qual não havíamos nos precavido.

Capítulo



Vinte e oito

Rachel

Não precisamos esperar muito para a porta abrir e um Victor muito machucado e com as mãos atrás de seu corpo entrar. Junto dele estava Richard, sem nenhum ferimento aparente e com as mãos também para trás. Um homem corpulento e forte os precedia. Assim que o capanga de Jomal nos viu rendendo seu chefe, ele empurrou os dois prisioneiros para o lado e tentou empunhar sua arma, mas Denny foi mais rápido e apontou sua pistola para a cabeça dele.

— Pode ficar bem quietinho. Jogue sua arma para mim, ajoelhe no chão e não faça um pio. — Denny rendeu o homem e ele o obedeceu.

Victor e Richard vieram em minha direção e, por instinto, recebi meu irmão com um abraço caloroso, mas suas mãos estavam presas atrás dele, transformando esse abraço em um unilateral. Queria poder abraçar os dois, porque ver Victor daquele jeito machucou meu coração, tanto quanto saber que meu irmão foi raptado por minha causa.

Assim que terminei o abraço no meu irmão, vi Victor seguir para perto de Tom, que o ajudou a se soltar de suas amarras nos pulsos e então, dar um soco no rosto de Jomal. O grande e poderoso homem se desequilibrou e caiu de lado. Bem, não parecia tão imponente assim, agora, estirado no chão. Apesar de não estar desacordado, ele apenas encarou o piso.

— Seu filho da puta! — esbravejou um Victor muito ferido e andando de forma contraída. O que será que fizeram com ele? Sua roupa preta de

motoqueiro impedia que eu avaliasse melhor seus machucados.

Tom seguiu na direção de Richard, o libertou e ele me abraçou com força.

— Sua louca, louca de pedra — meu irmão continuou dizendo apavorado e me apertou com força, mais e mais. Seu ataque de ansiedade parecia controlado, mas não duvidei que ele surtasse a qualquer momento.

— Tudo bem, Richard, depois conversamos, precisamos pensar em como sair daqui. — Soltei-me de seu aperto. Precisava pensar de forma racional agora. Fui até Victor e tentei acalmar um pouco o meu coração por ele. — Você está bem? — perguntei de forma suave e cada machucado que percebi em seu rosto e corpo dilacerou meu coração. Por que fizeram tudo isso com ele?

— Ficarei bem, assim que eu colocar uma bala na cabeça desse idiota. — Ele chutou Jomal, que se encolheu e gemeu de dor por ter acertado seu estômago.

— Tudo bem, percebemos que você cortou relações com Freeman, agora, precisamos sair daqui. — Mesmo que eu quisesse apaziguar a ira dentro de Victor, respirei fundo e pensei em focar no que precisávamos fazer.

— Vamos descer pelo mesmo elevador em que chegamos, não parece ter ninguém na recepção — Tom disse e Denny olhou para seu irmão preocupado, depois para mim e, então, seguiu para a porta, para ver se existia alguma ameaça do lado de fora.

— Não há ninguém, nem barulho por aqui. Podemos arriscar e ir.

— Denny, me d ê sua arma. — Victor se aproximou dele e estendeu a mão. Denny recuou e não entregou a arma.

— Esqueça a vingança, irmão. Freeman é o nosso passaporte para sair daqui. — Tentou colocar um pouco de juízo em sua cabeça.

— Eu não me importo. Esse homem me fodeu e eu irei retribuir à altura. — As palavras de Victor me fizeram reagir. Ficar brigando não levaria a nada e precisávamos sair dali o quanto antes.

De forma assertiva, mas cautelosa, toquei o ombro de Victor, que se assustou e se afastou de mim. Em seus olhos pude ver uma nuvem sombria de rejeição e raiva. Ignorei a dor que senti com sua ação e comandei:

— Chega de discussão. Vamos sair daqui. Levaremos Freeman conosco até que toda a divulgação seja feita. — Meu irmão, que tinha se aproximado de mim, pegou na minha mão.

Olhei para Tom e Denny, num comando silencioso para seguir com o plano. Denny foi até a estante de livros, abriu a passagem e arrastou os homens machucados até o local. O capanga que trouxe Victor e Richard também seguiu para lá, rendido por uma arma. Não precisávamos deles, Jomal era o único valioso para sairmos com vida.

Denny foi o primeiro a sair pela porta, seguido de Jomal e Tom. Eu segui com meu irmão.

— Que divulgação, Rachel? — Victor interrompeu meus passos, mas não dos outros homens, que seguiram para fora sala. Jomal estava de cabeça baixa e sua submissão fácil me alertou para uma possível reviravolta.

— O Aranhas Moto Clube não te pertence mais, Freeman o adquiriu e também todas as suas empresas. — Vi a raiva em seus olhos e não o deixei concluir seus pensamentos maliciosos sobre o que fiz. — Não me olhe assim,

seu Moto Clube não te pertence mais, uma vez que Clin e sua mulher, Lena, estavam dando um golpe e assumindo antes de chegarmos aqui. — A raiva não tinha se dissipado de suas feições, mas foi acrescida de surpresa.

— Clin?

Sem lhe responder, segui atrás de Tom, que empurrava um Jomal Freeman com cara de derrotado.

— Sim, Clin. Agora, vamos sair daqui.

Fiz meu irmão ir à minha frente, atravessar a porta e, então, me virei pra Victor. Eu queria poder acalmar o que lhe afligia. Nesse momento estava assumindo para mim mesma, meu coração e mente, que nutria fortes sentimentos por esse homem. Mas não era tempo para isso.

Saí da sala, com Victor próximo a mim. Inesperadamente, ele me abraçou por trás e inspirou profundamente com o nariz nos meus cabelos. Eu parei meus movimentos e observei os homens seguirem pelo corredor. Suspirei, porque estava quase acreditando que tudo isso poderia nos afastar, justo agora.

— Vamos — comandou, segurou minha mão e seguiu não muito firme em seus passos.

Ele queria me dizer algo ali, naquele gesto e eu queria saber o que realmente era, porque um mau pressentimento tomou conta de mim.

Assim que chegamos ao elevador, Denny apertou o botão para cham á - lo ao andar. Segundo depois, a porta se abriu e M estava dentro dele. Quando nos viu, ele arregalou os olhos e colocou as mãos para trás.

— Não se mexa! — Denny anunciou, mas M não deu ouvidos, sacou sua arma e atirou na direção de Tom.

Tudo aconteceu rápido e ao mesmo tempo. Victor me empurrou para cima do meu irmão, que tinha grudado na parede atrás de nós, em surpresa. Tom caiu no chão e Jomal estava em cima dele, em uma disputa acalorada pela arma. Denny atirou na perna de M, que se virou em sua direção e atirou. Eu não soube se acertou, mas Denny teve força suficiente para descarregar toda a sua munição em M, que desfaleceu no chão do elevador, sobre uma poça de sangue.

Victor havia ajudado Tom e feito Jomal submisso novamente. Tom estava com novos machucados e Victor havia conseguido a arma, que apontava para o dono da empresa.

— Se você tentar mais alguma coisa, eu não me importarei com nada, a não ser seu sofrimento e morte — Victor empurrou o grande homem para dentro do elevador, depois que Tom se aproximou do corpo de M e removeu sua arma.

Da maneira mais silenciosa que consegui, peguei na mão do meu irmão e acompanhei todos os outros homens para dentro desse cubículo que chamavam de elevador. Como estava próxima ao painel, apertei o botão do estacionamento, as portas se fecharam e ele se movimentou.

Senti Richard começar a ficar ofegante e nervoso, pelo suor de sua mão na minha e o tremor. Aproximei-me dele, para que eu pudesse falar apenas para ele escutar.

— Vai dar tudo certo — sussurrei e ele apertou minha mão com força.

Ele era o mais sensato de nós dois e o mais forte, por ter superado o que passou na vida. Porém, perder tudo e ser sequestrado o fez regredir no que com muito custo e esforço ele tinha conseguido.

Ignorei que existia um homem morto no mesmo ambiente que eu.

Tentei rejeitar a ideia de que estava me tornando uma fora da lei ao raptar um empresário. Evitei pensar que, não muito tempo atrás, eu havia atirado em dois homens, possivelmente os matando.

Foi tudo legítima defesa, questão de sobrevivência, tentei me convencer e ao meu subconsciente, que teimava em querer seguir por caminhos justos e éticos.

Antes de chegarmos ao andar do estacionamento, escutei sussurros ditos pelos homens, mas não entendi nada. Tom e Denny se posicionaram à minha frente. Olhei para o lado e vi Victor cuidando de Jomal.

— Fique atrás de mim com seu irmão — Victor ordenou e apenas o segui. Minha arma continuava na minha mão, pesada, mas era meu bote salva-vidas.

A porta se abriu, as luzes se acenderam no estacionamento e nada parecia ser ameaça. Corremos até o SUV estacionado. Denny subiu no banco do motorista e esperamos ele avançar com o carro alguns centímetros para que Victor pudesse colocar Jomal no porta-malas. Tom se sentou no banco do passageiro na frente, Victor, eu e Richard no banco de trás.

Mal meu irmão fechou a porta, homens vestidos para o combate começaram a surgir de uma porta próxima ao elevador.

— Acelera! Vamos, vamos! — Victor bateu no banco de Denny, que pisou no acelerador e saiu cantando pneu.

Sem cuidado, ele bateu com o canto da frente do carro em um pilar, destruindo a lanterna. Xingamentos e maldições foram ditos antes de Denny fazer a curva e subir a rampa. No topo, havia mais homens mirando suas armas

para nós e um deles atirou.

Eu me abaixei e abafei um grito. Victor colocou seu corpo em cima de mim e gritou:

— Atropele todos, esse carro é blindado!

O carro derrapou algumas vezes até começar a acelerar e Tom xingar após um estrondo seco. Levantei-me depois e olhei para trás, constatando que o portão havia sido totalmente destruído.

Um agradecimento para quem decidiu colocar um portão fraco o suficiente para ser arrancado por um carro como o nosso foi proferido em minha mente.

— Sigo para onde? — gritou Denny, acelerando e desviando de carros, sem nenhuma prudência.

— Fora da cidade! — respondeu Tom.

— Vá com calma, você vai nos matar! — gritou Richard, que estava chacoalhando o banco da frente em desespero.

— Seu louco, vamos morrer se eu não acelerar! — respondeu o motorista de forma enérgica. — Pare de balançar meu banco!

— Calma! — Arranquei as mãos do meu irmão do banco e as mantive com força em seu colo. — Tome! — Mostrei a arma para ele, removi a munição e o fiz segurar. — Segure e não deixe cair.

Acenando com a cabeça, sacudi-a um pouco e segui o movimento do carro quando Denny fez uma curva em alta velocidade. Focar em outra tarefa ajudaria meu irmão a parar de pensar com sua ansiedade. Ele focou seus olhos na arma e assim ficou.

Virei para Victor, que franzia a testa em minha direção. Segurei minha respiração antes de perguntar.

— O que vamos fazer? — Soltei minha respiração e observei suas feições preocupadas.

— Você parece ter tudo sob controle. Você me diz — falou de forma controlada e fechei meus olhos ao absorver o que ele havia dito.

Estava orientando homens em uma ação criminosa, não sabia mais quem eu era. Mantive meus olhos fechados e me recostei no banco, minha cabeça inclinada para trás.

O que seria de mim se ou quando tudo isso acabasse?

Capítulo



Vinte e nove

Rachel

— Merda! — Denny gritou e fez uma curva inesperada e em alta velocidade, me fazendo despertar da minha autoavaliação de alguns segundos atrás.

— Estão nos perseguindo — esclareceu Tom. Victor olhou para trás ao mesmo tempo em que eu o fiz. Percebi dois carros sendo imprudentes tanto quanto nós pelas ruas.

A tensão invadiu o ar dentro do carro e coloquei minha mão na do meu irmão, para passar algum conforto. Olhei para ele, que estava olhando pela janela, e tentei imaginar o que estava se passando em sua cabeça.

— Precisamos de uma saída — anunciou Denny.

— Vá até o nosso Moto Clube — ordenou Victor.

— Não temos mais nada lá. Você não escutou quando falamos que Clin está tomando a sede? — retrucou Denny, continuando a fazer manobras nem um pouco prudentes.

— Não sobraram muitos membros para contar história depois de ontem, Denny. Lá é nosso território, podemos...

— Não voltaremos lá — decretou. — Sua mulher foi atacada por Lena, não há mais nenhuma lealdade lá. — Seria essa uma tentativa de me defender? Estranho, mas não comentei sobre os argumentos utilizados por Denny.

Olhei para Victor, que me encarou preocupado. Descartei sua preocupação com um movimento da minha mão e sugeri outro local para irmos.

— Não há nenhum campo aberto nos limites da cidade?

— E vamos fazer o quê? — Victor bufou. Recostou no assento e fechou os olhos. — Não temos poder de fogo, não poderemos revidar. O jeito é tentar despistar.

— Vire aqui! — Tom anunciou e Denny respondeu rápido à sua sugestão. Atrás de nós, um dos carros colidiu com outro. Agora, só tínhamos um do qual fugir.

Denny e Tom vibraram no banco da frente. Deixei minha preocupação com meu irmão por um tempo e me concentrei em Victor. Mesmo com o veículo chacoalhando, tentei firmar minha mão e equilibrá-la em seu rosto machucado.

Assim que minha mão tocou sua face, seus olhos se abriram e sua mão segurou meu pulso, firme.

— O que fizeram com você? — perguntei baixo, quase um sussurro.

— Algo que você não tem a necessidade de saber — disse brando.

— O que posso fazer para amenizar sua dor? — Aproximei-me dele e ele beijou o dorso da minha mão, depois a colocou em seu colo.

— Você já está fazendo. — Com a outra mão, ele me puxou pela nuca e uniu nossos lábios, os deles estavam machucados e ásperos. Ele me afastou e olhou para frente, sem dizer mais nada, como uma forma de encerrar a nossa interação.

Não houve paixão, nem a emoção luxuriante que eu normalmente sentia. Parecia que algo dentro de Victor havia morrido e eu me preocupava que

tudo isso serviria para afastá-lo de mim. Eu tinha feito tanta coisa errada, que prejudicaria minha carreira, na intenção de estar com ele, e por um momento pensei que teria tudo sido em vão.

Eu era uma idiota, e essa verdade foi confirmada quando Denny fez uma nova curva brusca, depois mais outras duas. Nós estávamos sendo perseguidos, raptamos um empresário e eu estava divagando sobre meus sentimentos por Victor.

Os homens no banco da frente vibraram em vitória.

— Estamos livres — Tom anunciou e olhou para nós no banco de trás.

Richard parecia catatônico. Eu estava com a testa franzida e Victor olhava para frente com ferocidade.

— Mais alguém com alguma sugestão para nos safarmos? — Denny perguntou e a leveza da sua voz me acalmou um pouco.

— Nina — meu irmão anunciou e me olha. — Será que essa sua amiga não poderia nos ajudar? — Sua voz estava neutra e sem emoção.

— Richard, eu não vou envolvê-la nisso, ela já fez muito por nós — descartei sua sugestão.

— Ela não estava fazendo nenhum favor, nós pagamos pela proteção dela — reclamou.

— Isso enquanto estávamos na nossa cidade. Aqui, tudo não passou de um grande favor. — As palavras que saíram da minha boca pareciam amargas.

Era como se meu relacionamento com Nina fosse apenas profissional. Na verdade, eu não queria acreditar, mas nos distanciamos assim que escolhi o outro lado. Não havia ninguém para recorrer, ninguém para pedir ajuda.

— Vamos sair da cidade — Denny interrompeu meus devaneios. — Estou com minha carteira, tenho um pouco de dinheiro e então...

— Faremos o qu ê ? Dormiremos em um hotel de beira de estrada com um refém no porta-malas? — Victor zombou. — Fim da linha, irmão, estamos na merda. Deveríamos deixar Rachel e seu irmão na frente de uma delegacia e, então, abandonar Freeman na estrada e fugir cada um para um canto.

— Eu não vou largar você — as palavras saíram da minha boca antes que eu as filtrasse. Pareceram muito aterrorizadas e precipitadas.

— E você vai seguir um criminoso? Viver escondida, fugindo da polícia? — Comecei a balançar minha cabeça de forma negativa e ele continuou, suas palavras pareciam estacas no meu estômago. — Enquanto estamos aqui, a polícia já deve estar atrás de nós. Repare as manchetes que serão veiculadas com os nossos atos: “Presidente de Moto Clube e advogada sequestram empresário do ramo farmacológico” — zombou. — Livre-se de mim enquanto é tempo. Eu não sirvo para você, nem para ter um relacionamento tradicional como deveria ter.

Enquanto o silêncio tomava conta do ambiente, percebi que Denny havia abrandado sua condução. Olhei pelas janelas e percebi que estávamos quase chegando à periferia da cidade e, mais um pouco, estaríamos fora do distrito urbano.

Olhei para as casas que dominavam a paisagem, e tentei me imaginar em uma delas, com um relacionamento padrão e tradicional, como Victor sugeriu, e nada em mim aceitou essa visão. Eu era uma mulher que buscava seguir as leis, mas nada dentro de mim aceitava padrões pré-definidos.

Eu fazia sexo casual, nunca havia namorado, tinha pulso firme e

comandava um escritório de advocacia.

N ão queria o clássico, queria o moderno e escandaloso.

— Farei você engolir suas palavras — disse com raiva, fugindo até do padrão de implorar pelo seu afeto. Ele me olhou surpreso e minha vontade foi de lhe dar um banho de água fria, para ver se despertava desse sonho de autoaversão.

Estávamos em uma situação delicada, mas poderíamos sair dela se conseguíssemos um bom acordo.

Acordo!

— Richard! — gritei e ele se assustou. Tom olhou para mim confuso e Denny me observou pelo retrovisor. Victor foi ignorado e ficou oculto pelas minhas costas. — Um acordo, precisamos de um acordo!

— O que você está falando, Rachel? Acordo com quem? — perguntou-me, confuso.

— Com Freeman! — Sua confusão aumentou e eu tomei a arma da sua mão, para que ele pensasse de forma clara e sem distração. — Vamos encontrar um local seguro e parar. Faça um acordo com Freeman, libere-o em troca de não nos denunciar e não mais nos caçar também.

— Posso tentar.

— Não vamos parar — Denny reclamou . — É muito perigoso.

— Apenas alguns minutos, vocês não precisam ficar, sigam suas vidas. Eu e Richard ficaremos com ele — disse entusiasmada, um novo plano na minha mente estava sendo formado.

— Você enlouqueceu — escutei Victor dizer atrás de mim e o ignorei.

Encarei meu irmão, que estava focado em mim e, apenas com o olhar, conseguimos nos comunicar o suficiente para seguirmos com meu plano.

— Fechado. — A cabeça do meu irmão começou a trabalhar, seus argumentos e estratégias estavam surgindo para nos ajudar. Ele se ajeitou no banco e bateu no da frente. — Vamos, homem, pare apenas um minuto e nos deixe sair.

— Você não vai. — Victor tentou me interromper.

— Eu estou apenas fazendo o que você falou, Victor. Deixando você ir. — Olhei para ele e pensei em dizer mais alguma coisa para convencê-lo, mas sabia que tudo o que surgisse a partir dali iria magoá-lo. Eu não sabia a extensão dos ferimentos que lhe causaram na empresa de Freeman, então não queria piorar a situação com outros, mesmo sendo psicológicos. — Agora...

Cacos de vidro, lata amassada e barulho de pneus derrapando invadiram meus ouvidos. Parecia que tudo acontecia em câmera lenta. A SUV derrapou, Denny gritou e giramos... uma vez, duas vezes... na terceira vez, parecia que tínhamos sido jogados para o ar.

O carro capotou.

Na primeira volta, estávamos de ponta cabeça, Victor olhou para mim com os olhos arregalados e com os braços esticados em minha direção. Ele queria me segurar, me proteger de alguma forma, mas quem precisava disso era ele. Tentei me encolher o máximo que consegui, mas as batidas na minha cabeça e os cacos de vidro na minha pele me fizeram tensionar.

Na segunda volta, minha bunda bateu no assento macio do carro. Busquei meu irmão que estava do meu outro lado e percebi que a porta fora

aberta e ele não estava mais conosco dentro do carro. Essa volta me fez ir em direção à porta aberta e nada me fez ser rápida o suficiente para buscar apoio em alguma coisa.

Minhas pernas ficaram para fora, mas fui arremessada novamente para dentro quando mais uma meia-volta aconteceu e o carro parou de se mover. Minha perna estava sob o teto do carro, que estava de ponta cabeça no asfalto.

Soltei um grito dolorido e sofrido. Tentei remover minha perna, mas não consegui. Um movimento no carro me faz gritar mais, o carro estava se fundindo com minha perna e Tom saiu do seu lado.

— Merda! — escutei ele esbravejar e abrir a porta do lado de Victor.

Ele estava mole e em uma posição nem um pouco natural. Tom o removeu com cuidado e meus gemidos pelo movimento do carro fizeram com que ele parasse o que fazia e me observasse.

— Caralho, Rachel, aguente firme. Eu ajudarei você assim que tirar Victor daqui.

Tom tentou me confortar e ser o mais cuidadoso possível, mas sem sucesso, porque Denny soltou seu cinto de segurança e desmoronou no teto do carro. Vi estrelas e chorei. Ele saiu engatinhando e, assim que todo o seu corpo estava livre, ele se jogou de costas no asfalto.

Com lágrimas nos olhos e sentindo que minha pressão estava abaixando, pois pontos pretos estavam anuviando minha visão, escutei uma ameaça nem um pouco bem-vinda nesse momento, de uma pessoa desagradável e que deveria apoiar seu presidente.

— Vocês estão mortos. — Clin se aproximou e apontou uma arma em

minha direção. Fechei meus olhos e tentei aceitar meu destino.

Capítulo



Trinta

Rachel

Um tiro soou, mas minha dor não aumentou, nem apareceu em outro lugar, ela continuava concentrada na minha perna. Abri meus olhos e vi que Tom havia acertado o tórax de Clin. Escutei um grito de mulher e mais tiros foram disparados por Tom em seu ex-companheiro de Moto Clube. Um carro saiu apressado e cantando pneu.

Clin ficou ali, estendido no chão, uma poça vermelha em volta dele começando a se formar. Ele estava morto. Mais uma morte contabilizada para o dia e eu não me permitia refletir sobre isso. Minha dor atual estava mais forte que qualquer pensamento humanista que pudesse ter.

Eu não consegui ver direito quem eram as pessoas no carro ou o que havia acontecido. Pouco tempo depois, Tom se aproximou com um Victor desfalecido em seu colo e meu coração parou de funcionar, eu não conseguia respirar.

Lágrimas de dor e desconsolo escorriam pelos meus olhos, soluços também podiam ser ouvidos.

Não, ele não poderia ter morrido.

Meu irmão chegou cambaleando até nós e se jogou em uma posição sentada ao meu lado.

— Merda, querida, precisamos chamar ajuda. — Ele beijou minha testa e começou a apalpar meus bolsos. — Preciso de um celular.

— Aqui. — Denny gemeu e estendeu seu braço até ele com um celular em sua mão.

Meu irmão pegou o aparelho, apertou algumas vezes na tela e o colocou no ouvido. Enquanto isso, observei Tom colocando Victor perto de Denny, no chão.

— Olá, emergência? Sofremos um acidente de carro... em que local? — Ele olhou para nós, em busca de orientação e Tom observou os arredores e informou um endereço. Meu irmão repassou as informações para o atendente. — Isso, precisamos de mais de uma ambulância, temos um inconsciente e outros bem machucados. — Ele escutou por um momento e ficou em silêncio. — Tudo bem, obrigado.

Ele encerrou a ligação e se deitou no asfalto com um suspiro derrotado.

Gemidos e batidas no carro nos alertaram para o nosso refém no porta-malas, além da dor na minha perna. Será que nunca iriam parar de mexer nessa lata?

— Merda, esquecemos do Freeman. — Tom, o único que parecia menos afetado pela batida, provavelmente por causa do cinto de segurança que estava usando, seguiu para a traseira do carro.

O momento em que ele tentou abrir o porta-malas me faz gritar. Olhei para o local onde minha perna sumia debaixo do automóvel e mais lágrimas escorreram dos meus olhos. *Como vou sair daqui?*

— Eu vou perder a minha perna — resmunguei desconsolada e meu irmão sentou novamente e me abraçou o mais delicado possível.

— Vai ficar tudo bem — Richard tentava me confortar e isso só piorava

meu choro e desespero.

— Ajudem-me com isso, Denny e Richard — Tom pediu e trouxe um pedaço de madeira de construção.

Olhei para os lados e percebi que existia uma construção abandonada perto de nós. Não havia muita coisa ao nosso redor, apenas uma casa abandonada, uma em construção e terrenos baldios. Estávamos sozinhos, praticamente isolados da civilização.

Como uma alavanca, Tom tentou colocar a madeira debaixo do carro. Não só ele, mas Denny e meu irmão que, com muita dificuldade, o ajudaram.

Em um esforço conjunto, eles ergueram o carro o suficiente para que minha perna fosse liberada. Facilitou que ela estivesse dobrada e eu só precisei me afastar um pouco do automóvel tombado.

Eu tinha medo de me mexer, a dor era imensurável. Coloquei a mão perto do meu joelho e tudo parecia dormente e muito esfolado. Virei meu rosto para olhar para Victor, mas ele parecia largado, praticamente...

Eu me recusava a aceitar que ele estivesse morto.

Com outro esforço, Tom conseguiu abrir o porta-malas e um Jomal gemendo e xingando caiu no asfalto.

— Vocês estão mortos. — Jomal tossiu e riu ao mesmo tempo. — Eu não vou deixar vocês se livrarem disso facilmente, ainda mais com vida. Vou matar todos vocês!

— Senhor Freeman, nós só queremos seguir com nossas vidas, sem ameaças ou transtornos. — Meu irmão se aproximou dele, que estava estirado no chão, tentando recobrar um fôlego perdido.

— Se preparem, eu irei ameaçar e torturar todos vocês até suas últimas gerações. — Tentou se levantar e não conseguiu. A frieza de suas palavras me fez temer por Richard, que estava muito perto.

— Senhor, por favor, eu imploro, não nos prejudique mais — meu irmão clamou e toda essa mendicância começou a me parecer estranha. Essa não era a linha de negociação que meu irmão normalmente fazia, então o que será que ele pretendia com tudo isso?

— Vou te escutar implorar, enquanto arranco cada unha de seu dedo e coloco um pouco de álcool por cima. — Tossiu e cuspiu sangue. A imagem da sua sugestão de tortura me fez ter ânsia de vômito.

— Todas as empresas do Aranhas Moto Clube serão doadas para o senhor. Não há necessidade de tudo isso. — Meu irmão se ajoelhou e ficou na mesma altura que Jomal. — Por favor, senhor, não faça mais mal para nós.

— Chore, seu desgraçado. Quero ver você chorar e implorar para que meus homens comam o seu rabo ao invés de fazer isso com um cabo de vassoura. — Ele tentou se levantar novamente e falhou. Sua perna parecia ter uma fratura. — Vocês fizeram isso comigo e tomar as empresas de Victor é apenas o começo. Eu irei dominar essa cidade, cada político e cada cidadão que for usuário de drogas. Eu confiscarei todas as prostitutas e todos os assassinos que aquele clube tem, todos irão responder a mim! — terminou de forma enérgica.

— Siga com seus negócios ilegais, nós só queremos voltar para casa e seguir com nossas vidas em paz — meu irmão parecia que ia começar a chorar.

O que meu irmão conseguiria com esse drama todo?

— Que casa? A que eu destruí? — Riu alto. — Não se engane, qualquer lugar que você chame de casa novamente, colocarei no chão com fogo, muito fogo — prolongou a palavra muito e olhou para Tom, que estava de pé, apenas observando a interação. — Vou começar a tortura por você, rapazinho.

— Tente me pegar, vovô — respondeu Tom, mas deu um passo para trás, o que fez Jomal rir ainda mais.

— Nos deixe em paz, Freeman, por favor — implorou meu irmão.

— Não enquanto eu não tiver a minha vingança — ameaçou.

— O que fizemos para você querer vingança? Nós estamos tentando fugir de você desde o início, desde quando Denny viu o carregamento ilegal na sua empresa.

— O carregamento ilegal não é problema. Esse moleque roubou a virtude da minha filha. Todos que se envolverem com ele serão mortos! — esbravejou.

— Tudo isso por causa de um relacionamento de duas pessoas maiores de idade? — questionou descrente meu irmão. — Sério, você precisa rever seus conceitos.

— Eu não preciso me explicar, a virtude dela fazia parte dos negócios — resmungou Jomal e me espantei com tal frieza de um pai, se eu poderia chamar isso de pai.

— Então, sua filha é apenas uma peça no meio dos seus negócios ilícitos? — instigou ele a falar.

— Para que você quer saber dessas coisas? Vocês estarão mortos quando menos esperarem.

— Já que morreremos, eu só gostaria de saber o motivo, para não ficar vagando no limbo. — Desacreditei das palavras que meu irmão falou e escutei sirenes soarem.

— Não se preocupem, vocês descobrirão meus pecados lá no inferno. — Cuspiu no rosto do meu irmão. Nesse momento, ouvimos as sirenes soaram mais alto.

Meu irmão se levantou, ficou de costas para Jomal e de frente de mim. Ele ergueu o celular em minha direção de forma discreta e sorriu. Então, toda essa encenação e especulação fez sentido. Richard não estava para negociar de forma padrão, ele precisou usar outros recursos.

As sirenes soaram mais alto ainda, anunciando que o socorro estava muito perto. Minha vista começou a embaçar e, sem que eu conseguisse anunciar, deitei-me no chão e fechei meus olhos. Escutei vozes ao fundo, mas não pude reconhecer nenhuma delas, nem o que falavam. Tudo parecia muito lento, muito sofrido e dolorido de continuar olhando.

Um instante depois, abri meus olhos e percebi pessoas se aproximando, gritando ordens e me tocando. Olhei para o lado e vi o corpo de Victor, com pessoas fazendo o mesmo com ele, mas ele não parecia reagir. Colocaram-no em uma maca e seguiram para longe.

— Você pode me dizer o seu nome? — uma mulher me perguntou e, então, colocou uma lanterna no meu olho. Pisquei várias vezes e tentei bloquear sua tentativa de fazer o mesmo com o outro olho.

— Calma, senhora, está me cegando.

— Seu nome, pode me dizer seu nome? — insistiu.

— Rachel Collins, e o seu? — Usei minha cordialidade padrão.

— Doutora Kent, estou aqui para ajudá-la. — Ela fez um movimento e se aproximou da minha perna. — Existe um machucado muito feio aqui, precisaremos cortar suas roupas para avaliar melhor.

— Tudo bem — eu disse, cansada.

Fechei os olhos novamente e deixei que as pessoas ao meu redor continuassem com sua inspeção no meu corpo. Algumas vezes me faziam perguntas, pediam para que ficasse acordada e com os olhos abertos, eu respondia, mas nem sempre conseguia cumprir com o que me era orientado.

Escutei Jomal começar a esbravejar de um canto e, quando tentei me levantar, me colocaram em uma maca.

— Fique imóvel, senhorita. Precisamos colocá-la na ambulância e depois encaminhá-la para o hospital. Você precisará de cirurgia nessa perna. — Acenei em concordância com a cabeça e procurei Jomal com meu olhar.

Meu irmão apareceu do meu lado, enquanto a maca estava sendo dirigida para a ambulância.

— Como você está? — ele me perguntou. Seu semblante cansado e seu sorriso triste me diziam que algo havia acontecido e que eu não iria gostar de saber.

— Victor. Como está Victor? — Estava frenética e só serviu para que eu levasse bronca de outro médico socorrista.

— Ele foi encaminhado para o hospital, o estado de saúde dele é grave — disse sombrio. — Se preocupe com você, como você está?

— Eu não sinto minha perna. Estou bem, eu quero... — Elevaram-me e

me colocaram dentro da ambulância. Meu irmão me olhou de fora, com ar de saudade. — Você não vem comigo?

— Eu preciso prestar alguns esclarecimentos para a polícia antes de ir. Fique bem, estarei no hospital assim que estiver livre.

— E Jomal? — As portas traseiras da ambulância começaram a fechar.

— Tudo sob controle. — Ele acenou um tchau e a porta se fechou em sua figura.

Recostei-me na maca e suspirei pela incerteza e agonia do que estava por vir.

Capítulo



Trinta e um

Rachel

Cheguei ao hospital e já me levaram direto para uma sala, que era o preparatório para a cirurgia. A anestesia geral foi aplicada e só acordei minutos ou horas depois, não sabia dizer ao certo, havia perdido a noção do tempo.

— Como se sente, senhorita? — perguntou um homem com roupas e gorro azuis, um sorriso acolhedor e semblante cansado.

— Com frio — disse a primeira sensação que me atingiu. Ele pegou outro lençol hospitalar e me cobriu.

— É o efeito da anestesia, passará logo. Sente alguma dor? Sua perna?

— Sinto ela dormente. — Tentei mexer minhas pernas e percebi que uma estava imobilizada. —Estou engessada?

— É ape nas uma tala provisória. Precisamos colocar pinos para que ela continuasse grudada no seu corpo. — Ele sorriu aliviado e apertou meu ombro com sua mão. — O efeito da anestesia logo passará, você foi muito forte e corajosa naquela mesa de cirurgia.

— Como assim?

— Fui o médico chefe que comandou sua operação. Você teve uma parada cardíaca enquanto estávamos mexendo na sua perna e descobrimos que você estava com uma costela quebrada. Você não reclamou de dores abdominais, então desconsideramos qualquer lesão nessa região. Porém, quando viramos você na mesa de cirurgia, a posição não foi favorável e a costela quebrada quase

perfurou seu pulmão. — Suspirou de fadiga. — Lutamos contra o tempo e, com sua ajuda, conseguimos conter todos os danos.

Arregalei os olhos por saber tudo o que havia acontecido. Eu quase morri.

— E Victor? — perguntei, assim que a palavra morte invadiu meus pensamentos.

— Seu irmão? — O médico estava confuso.

— Não, o homem que foi socorrido primeiro no mesmo acidente que eu — esclareci, ansiosa pela resposta.

— Eu não sei te informar. — Franziu a testa. — Você é parente dele?

— Sim, sua noiva. — Forcei a mentira nos meus lábios e não me arrependi. Precisava saber como ele estava.

— Vou pedir que levem você até seu quarto e, então, orientarei a enfermeira do andar a te dar notícias. Tudo bem? — ele disse gentil e não tive coragem de insistir.

— Tudo bem, obrigada. — N ão me senti satisfeita, mas fui educada.

— Fique bem. Daqui a doze horas estarei no seu quarto para verificar sua recuperação. — Ele fez sinal para um homem com roupas verdes de hospital e me encaminhou por corredores e depois elevador.

Pouco tempo depois, eu estava no meu quarto, sozinha e desorientada. Procurei o telefone ou botão para chamar a enfermeira. Precisava de notícias o quanto antes, precisava acalmar pelo menos um pouco as minhas angústias.

— Sim, senhorita. Precisa de algo? — uma enfermeira prestativa e simpática entrou no quarto e me abordou.

— Por favor, eu preciso saber do meu noivo. Ele estava no mesmo acidente que eu, mas parecia em estado mais grave. — Tentei me mexer na cama, sem sucesso. Estava fraca e com o corpo ainda dormente.

— Não fique nervosa, não se mexa, tente descansar. — Ela se aproximou e começou a me ajeitar na cama.

— Victor Aranha. Por favor, traga notícias dele para mim — supliquei, enquanto ela me ajeitava.

— Tudo bem. Farei isso se prometer não se mexer mais. — Ela sorriu de forma acolhedora e eu suspirei de gratidão.

— Sim, prometo. — Pelo menos até ter notícias dele, porque, depois, eu não responderia por mim.

Ela apertou meu braço de forma carinhosa, sorriu aguado e saiu do meu quarto.

Antes que eu pudesse surtar, enquanto esperava o retorno da enfermeira, meu irmão entrou no meu quarto. Sua postura firme e confiante parecia ter voltado e sua crise de ansiedade estava amenizando.

— Rachel, como está? — Ele se aproximou, beijou minha testa e segurou minha mão. Seus olhos me transmitiram conforto e seu aperto de mão me deu segurança.

— Poderia estar melhor, mas vou sobreviver — disse com um meio sorriso.

— Nós sobreviveremos. — Ele sorriu de boca fechada e, então, ficou sério. Essa mudança de feição me fez ficar em alerta. — Não tenho boas notícias sobre nosso envolvimento com Freeman.

Fiz uma careta e respirei aliviada. Eu não me importava com os danos morais e psicológicos que sofremos durante a tentativa de negociação com Jomal Freeman. Tudo isso poderia ser recuperável, mas não a vida, não se alguém tivesse morrido, se Victor morresse.

— Quão ruim? — perguntei, enquanto meu irmão buscava uma cadeira. Ele a trouxe para perto da cabeceira da cama e se sentou. Sua mão, que há pouco tinha saído da minha, voltou.

— Não sei se você lembra, mas tentei tirar o máximo de confissão de Freeman antes que o resgate chegasse. Eu filmei toda a minha conversa, as ameaças, e suas revelações foram satisfatórias e servirão para algo.

Ergui minhas sobrancelhas, não entendendo o quão ruim isso poderia ser.

— Tudo bem, eu lembro disso. Apesar de, na hora, ter achado tudo muito confuso. Nunca tinha visto você implorar e se rebaixar daquele jeito.

— Tudo parte da estratégia. — Ele piscou um olho para mim e voltou à sua seriedade. — Falei com os policiais e com os advogados do Freeman. Tudo convergiu para um grande processo de sequestro contra você, Denny, Tom e Victor.

— Que absurdo! — indignei-me e fiz uma careta. Senti uma dor começar a surgir debaixo do meu peito e acreditei ser a costela quebrada. Meu irmão me olhou preocupado e eu esclareci: — Costela quebrada, eu tenho que me manter imóvel.

— É tão ruim te ver tão pálida e deitada nessa cama ! — Ele pegou a minha mão e a beijou, sua preocupação comigo estava evidente em seus olhos.

— Eu também não gostei de vê-lo ansioso.

— Fazia tempo que não me descontrolava tanto assim, mas consegui superar a tempo. — Sorriu sem graça.

— Claro que sim. — Tentei reconfortá-lo.

— Então, vocês serão acusados de sequestro e ele, está sendo acusado de tortura, cárcere privado, tráfico de drogas, sonegação fiscal e por aí vai. A lista está enorme.

— Quem processou Jomal por tudo isso?

— Collins Associados, claro. — Ele sorriu com orgulho para mim. — Apesar de ter passado pouco tempo do acidente, eu estive trabalhando muito.

— E você não se machucou gravemente — apontei.

— Eu vi a colisão antes de acontecer e tive uma reação rápida de abrir a porta e me jogar do carro antes que ele capotasse. Eu estava quase surtando de ansiedade. S ó não imaginava que essa porta aberta poderia causar as lesões que você sofreu. — Culpa pes ou em seus ombros e eu apertei sua mão para dissuadi-lo do dolo.

— Não se culpe, não havia como saber todos os riscos no milésimo de segundo que você decidiu agir dessa forma. — Suspirei e voltei ao assunto. — Será que as notícias sobre a compra do Aranhas Moto Clube se espalharam como deveriam?

— Você, minha irmã, teve uma sacada de mestre ao fazer isso — disse empolgado. — Apesar de não ser oficial e ele ter alegado coação para tal divulgação, você despertou um interesse muito grande nele. Freeman vai querer as empresas do Moto Clube e essa poderá ser nossa barganha para nos livrarmos

do processo e continuarmos com nossas vidas sem ameaças.

— Como assim?

— Por enquanto, tudo o que te disse aqui foi apenas verbalizado. Processos, juntar provas e colher depoimentos leva tempo, que para nós é útil, mas para Freeman, é perda de dinheiro. Então, amanhã é tempo suficiente para deixá-los pensar e eu entrar com nossa negociação.

— Que seria?

— Entregar as empresas do Moto Clube, extingui-lo e não divulgar o vídeo de confissão de Freeman. Voltamos para nossa cidade, reconstruímos a nossa vida e ficamos apenas com um olho aberto enquanto dormimos. — Sorriu com vitória contida.

— É um bom plano. — Desviei meu olhar dele e encarei o teto. — Eu só não sei se nossa carreira e escritório ainda estarão da mesma forma que antes.

— Nunca voltará a ser como era antes, Rachel. — Eu voltei a encará-lo, pois ele apertou minha mão para chamar minha atenção. — Passamos por situações perigosas e surreais esses dias, vamos enfrentar uma negociação com um empresário poderoso e muito perigoso. Vamos apenas aprender com tudo isso e construir um novo caminho.

— É, pode ser. — Estava sem confiança. — E como estão os outros rapazes? Sabe alguma coisa de Victor? — Lembrei que a enfermeira deveria ter voltado com informações há um tempo.

— Denny e Tom tiveram ferimentos leves, foram atendidos e liberados. Eu não conversei com eles, não saberia o que dizer ou perguntar. — Ele deu de ombros. — Victor deu entrada no hospital e foi direto para a sala de cirurgia,

como você. Não somos parentes, precisamos pedir que Denny venha solicitar informações se quisermos saber como ele está.

Alguém bateu à porta e a enfermeira voltou com um sorriso cauteloso.

— Voltei, senhorita. Está tudo bem? — Abri minha boca para perguntar, mas ela não me deixou falar. — Você já bebeu um pouco de água? Apesar do soro, seria importante começar a ingerir um pouco de líquido para fazer seu estômago voltar a funcionar como deve.

Ela pegou um copo e um canudo e veio na minha direção. Eu não queria parecer desesperada na frente do meu irmão, não depois de tudo pelo que havíamos passado, então apenas obedeci ao que me foi orientado, bebi um pouco de água e fechei os olhos, para me preparar para a notícia.

— Não vou mais te torturar, querida, mas você precisa ser forte por você e seu noivo. — Abri meus olhos e olhei para o meu irmão de olhos arregalados, pedindo que não me desmentisse e para que ele entendesse o meu lado desesperado. Ele apenas sorriu com conhecimento de causa e apertou a minha mão. — Ele teve o baço – órgão que ajuda a filtrar o sangue – removido em decorrência da batida, mas não há grandes alardes sobre isso, a pessoa pode viver uma vida saudável sem esse órgão. Seu corpo está cheio de lacerações e contusões, seu noivo sofreu muito. — Ela tentou segurar uma careta e lágrimas encheram meus olhos.

Será que foi isso que Victor disse que passou? Machucaram todo o seu corpo como tortura?

Respirei fundo e me preparei para saber mais sobre seu estado de saúde.

— Como ele está? Vai sobreviver? Posso vê-lo? — Mesmo eu tentando

segurar, não consegui controlar a minha ansiedade.

— Ele está na UTI, devido à gravidade de seus ferimentos e para um monitoramento mais preciso. Ele está estável e, se continuar assim, poderá sair da UTI em poucos dias. — Ela sorriu e não entendi o que tudo isso queria dizer.

— Ele vai sobreviver? — perguntei com esperança e com medo do que a enfermeira pudesse me dizer.

— Sim, ele vai sobreviver.

Capítulo



Trinta e dois

Rachel

Depois das notícias sobre Victor e sobre os processos que meu irmão explanou, decidi que precisava de, no mínimo, cinquenta horas de sono.

Vários profissionais da saúde iam e vinham me avaliar, examinar ou fornecer algum tipo de medicamento, enquanto eu tentava encontrar o tão aclamado sono de descanso.

Meu irmão havia me deixado para ter um bom banho e um sono da beleza. Ele havia me contado sobre seu sequestro. Pessoas totalmente encapuzadas, como o cara que havia tentado me sequestrar, o raptaram em um momento de distração enquanto estava na rua do seu apartamento, conversando com policiais e bombeiros. Ele foi encapuzado e, desde então, não soube por onde andou ou o que aconteceu ao seu redor, teve apenas duas paradas para ir ao banheiro – acompanhado e encapuzado – e foi jogado na sala de interrogatório. Não o agrediram, mas fizeram com que ele tomasse um calmante de alta dosagem, que o deixou muito grogue.

Meu último visitante foi um fisioterapeuta, que me receitou várias sessões para fortalecer os músculos da minha perna. Eu precisaria de um mês de repouso, então, deveria buscar acompanhamento fisioterápico para minha perna machucada. Não discuti, até porque não sabia como seria minha vida quando saísse desse hospital.

Parecia que a ameaça de JFreeman fora amenizada devido ao processo e

iminência de negociação com meu irmão. Tive que agradecer ao santo de todas as vaidades e egos, porque Jomal Freeman estava mais preocupado com sua reputação e prest í gio perante a sociedade do que em exterminar com os ratos que o incomodaram.

Bem, assim eu esperava que fosse, caso contrário a vida, que nem sabia que me aguardava do lado de fora do hospital, poderia se transformar em um pesadelo, enquanto estivesse acordada.

Cansada de tanto analisar os acontecimentos, decidi continuar com minha tentativa de dormir e descansar por três dias consecutivos. Mal fechei meus olhos, alguém bateu à porta e uma cabeça com uma cabeleira loira apareceu.

— Podemos entrar? — Nina perguntou e não consegui reconhecer o tom de voz ou suas feições. Quem quer que estivesse com ela não poderia me causar mais mal do que já haviam feito comigo.

— Sim — respondi, sem muita convicção.

Vi-a hesitar, olhar para trás e, então, abrir a porta completamente, revelando Valentine e Brian.

Ótimo, o que será que eles que riam dessa vez?

Observei-os se aproximarem, e apesar de parecerem confiantes em sua postura e jeito de andar, seus olhos refletiam uma certa cautela e receio.

— Como você está? — Nina perguntou e sorri sem emoção.

— Essa não é a pergunta do momento? — zombei. — Estou bem, estou viva.

— Soubemos o que aconteceu com o Moto Clube dos Aranhas e sobre

Jomal Freeman. — Valentine me encarou e não desviei do seu olhar de perícia em mim. — Nós não poderíamos tomar partido do Moto Clube, porém Victor Aranha foi deposto do cargo e todos os homens de sua confiança foram expulsos. Sendo assim, você não tem mais vínculo com aquele clube e nossa ajuda poderá ser prestada. — Sorriu sem graça e eu não alterei minhas feições sérias. — Eu sei que você pode estar um pouco chateada com nossa postura, mas pense bem, você ajudaria alguém que estivesse relacionado com a morte de um ente querido?

Eu sabia o que ela queria dizer, sabia o mal que Victor havia feito, mas, por apenas um momento, eu queria pensar de forma emocional e fazer um bico com meus lábios em sinal de contrariedade.

Porém Valentine era muito esperta e sabia jogar com todas as cartas, porque sua proposta de paz foi irrecusável.

— Trouxe Brian comigo, porque conhece o pessoal que cuidou de Victor, e ele conseguiu permissão para que você o visite. Ele acabou de sair da UTI. — Arregalei meus olhos com suas palavras.

— Você viu Victor? Como ele está? — Tentei me sentar, mas, novamente, a dor que senti me impediu o movimento.

— Calma, está sendo providenciado, não precisa ficar agitada. — Brian se aproximou de mim e apertou meu braço. — Posso não gostar daquele homem, por todo o mal que causou aos Selvagens, mas acredito que, estando ao seu lado, ele possa buscar se redimir para estar à sua altura.

— Ele já está buscando... — soltei, esquecendo que essa revelação poderia causar muito mais conflito do que imaginava. — Por favor, não falem com ninguém sobre isso, mas ele estava tentando acabar com seu próprio

negócio. Ele não queria mais o posto que ele tinha, não queria mais trabalhar na ilegalidade.

As expressões de espanto e um pouco de descrença que os três fizeram me incentivaram a encerrar esse assunto. Não cabia a eles julgar ou saber o que Victor estava pretendendo fazer com sua vida.

— É quase impossível sair da vida que Victor levava — Valentine franziu a testa e atestou.

— Bem, não sou eu que irá dissuadi-lo. Ele quer isso, e eu estou disposta a ajudá-lo. Tentarei ao máximo não julgar seu passado. — Respirei fundo e fechei meus olhos, lembrando que cheguei a julgá-lo da mesma forma. Não mais. — Quando poderei v ê-lo ?

— Agora — Brian disse e se afastou, saindo pela porta. Abri meus olhos e encarei as mulheres, confusa.

— Ele foi buscar uma cadeira de rodas. — Valentine sorriu e deu um passo à frente para segurar a minha mão. Ela apertou-a de modo reconfortante e tentou me transmitir segurança. — Eu sei que nossa última interação não foi...

— Eu entendo e respeito. — Apertei sua mão e a encarei. — Antes de tudo, você pensa em prol da família, do seu Moto Clube, e eu estava confraternizando com o inimigo.

— Sexo selvagem mudou de nome? — Nina interrompeu o momento de seriedade e me fez rir. Elas me acompanharam no riso.

— Bem que você queria algo parecido. — Valentine a provocou e colidiu seu ombro no dela.

A amizade das duas me causou tristeza e elas repararam. Nina colocou a

mão junto com a minha e de Valentine e apertou.

— Perua, não precisa fazer essa cara, existe Nina para todo mundo. — Ela piscou um olho para mim e não me importei de meu novo apelido, parecia íntimo. — Inclusive para o gato do seu irmão. Onde ele está? Parece que o destino conspira para que não nos encontremos.

— Nina, ele é muito comportado para o seu bico — disse, esquecendo nossas antigas diferenças.

— Perua, você não sabe, mas esses são os melhores. — Nina envolveu um braço ao redor de Valentine e tentou me envolver também, em um abraço coletivo. Nós rimos e logo ela nos soltou. — Agora que não estamos mais em lados separados, podemos ser melhores amigas para todo o sempre?

Apesar da brincadeira e do tom leve de sua declaração, meu peito apertou e hesitei ao respondê-la.

— Eu te entendo, Rachel, e você pode levar todo o tempo do mundo para superar o que aconteceu. De minha parte, eu sempre te ajudarei, agora que não faz mais parte dos Aranhas — Valentine me justificou.

— E eu sempre estive do seu lado, só não conseguia executar tudo ao meu alcance por contas das restrições impostas pelo seu homem — Nina complementou.

E, então, percebi. Não havia nada de errado comigo, e sim com Victor. Sua escolha de vida e o quanto ele prejudicou os Selvagens as fizeram cautelosas comigo, mas apenas por causa dele. Eu não era o problema, mas minha companhia, minha opção de parceiro, era.

Victor estava disposto a buscar uma nova chance e pagar por todos os

seus pecados. Ainda hoje, quando penso no que ele me falou, sobre tudo o que fez no passado, me sinto desconfortável e receosa de continuar com ele. Mas algo dentro de mim, lá no fundo, soou sincero quando decidi que devia apoiá-lo. O passado, deixaria para ele resolver. Comigo, apenas o futuro deveria importar.

Meu lado profissional se meteu no meio do meu devaneio e apontou um empecilho para seguir com o que me motivava a viver: ser uma advogada. Será que me relacionar com Victor Aranha atrapalharia minha carreira profissional? Será que eu realmente me importaria caso a resposta à pergunta anterior fosse afirmativa?

Eu ainda tinha muito a refletir antes de decidir o que realmente queria para mim. Nesse momento, só queria saber se ele estava bem e o que eu poderia fazer para amenizar a sua dor.

Brian entrou no quarto guiando uma cadeira de rodas. Com o clima mais leve entre nós mulheres, ele olhou de forma questionadora.

— O que vocês pensam que vão aprontar? — perguntou com a testa franzida, parado e apoiado no encosto da cadeira.

— Nada para se preocupar ou se arrepender — Valentine disse com emoção. — Vá, Doc, coloque Rachel na cadeira, ela precisa ver o homem dela.

Sorri para as duas. Brian se aproximou da cama e, de forma muito educada, me ajudou a levantar, me sentar e, então, me transportou para a cadeira. Minha perna ficou esticada e suspensa.

— Eu a conduzo! — Nina disse eufórica e Brian assumiu o posto antes que a mulher o fizesse.

— Eu não me arrisco com você na direção. Rachel precisa da perna

inteira para poder andar novamente. — Vi Nina fazendo beicinho. Valentine a consolou de brincadeira e eu sorri.

Talvez a nossa amizade não fosse a mais firme e confiável, mas seria boa e companheira o suficiente. Eu, também, precisava assumir as consequências de escolher um homem fora da lei como meu parceiro amoroso.

Uma viagem de elevador apenas para deslocar um andar. Um corredor muito silencioso e cheio de tensão no ar nos recepcionou. Nina e Valentine ficaram aguardando ao lado do elevador, enquanto Brian seguiu me guiando até o quarto onde descansava Victor.

Ele abriu a porta e me conduziu para dentro, puxando a cadeira de costas. Quando ele virou para que eu pudesse ver Victor, fiquei chocada com sua situação atual. Ele estava intubado. Havia fios, tubos e bandagens por todos os cantos em seu corpo. Meu coração apertou com a visão e senti uma enorme dor no peito ao vê-lo dessa maneira.

Será que ele já não havia pagado por seus pecados o suficiente apenas por estar assim?

Vi Brian olhando seu prontuário fixado em sua cama. Ele franziu a testa em alguns momentos e depois suavizou suas feições.

— Ele está estável e, daqui algumas horas, um exame será feito para detectar infecção ou água nos pulmões. Caso seja negativo, eles irão tirar o suporte ventilatório, os tubos na sua boca e garganta.

— Isso é bom? — perguntei com voz baixa, como se o elevar da minha voz fizesse com que Victor acordasse.

— Sim, quanto menos aparelhos sustentando a sua vida, melhor. — Ele

se aproximou de mim, colocou a mão no meu ombro e apertou de forma reconfortante.

Olhei para Victor e tive vontade de me sentar em sua cama, colocar sua cabeça no meu colo e embalá-lo em um sono profundo apenas fazendo cafuné.

— Ele vai se recuperar, é forte — eu disse, para me convencer.

— Além de ser jovem e possuir indícios de que praticava atividade física. Isso quer dizer que o hábito saudável, mesmo que sem muita frequência, será um grande colaborador para a sua recuperação — o médico complementou.

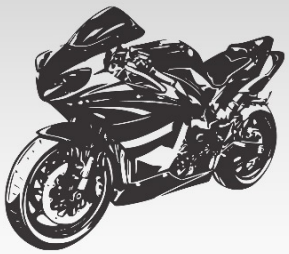
— Posso toc á -lo? — Encarei Brian e tentei meu olhar mais convincente em sua direção.

— Não há necessidade de pedir, fique à vontade. Apenas tome cuidado com os aparelhos — disse de forma gentil.

Ele arrastou a cadeira o mais próximo possível e, sem hesitar, minha mão encontrou a de Victor em um aperto reconfortante e revigorante.

— Aguente firme, Victor — sussurrei e depositei toda a minha crença em sua plena recuperação com apenas um apertar de mão.

Capítulo



Trinta e Três

Victor

— Freeman tem muita gente no bolso. Sem nem ao menos um julgamento, sua sentença de prisão já está pronta para ser executada assim que você sair do hospital — Richard, irmão de Rachel, concluiu seu discurso de advogado conciliatório. Eu queria minha Gatinha, esse homem já estava me dando nos nervos, sua calma me irritava.

Meu irmão, Tom e Richard estavam comigo há algumas horas, conversando sobre todos os acertos necessários para tentarmos viver em paz. Era impossível, mas não custava tentar.

A qualquer minuto, Rachel entraria pelas portas e era tudo o que mais queria nesse momento.

Quando acordei, não conseguia pensar em nada além daquele acidente, Rachel solta dentro do carro e vidros quebrados a machucando. Não estava na melhor das condições para socorrê-la, mas nunca a deixaria se ferir.

Passar pela sessão tortura na empresa JFreeman foi pior do que eu havia imaginado. As agressões físicas foram além do que meu corpo resistia. Socos, cortes, queimaduras e água. Fui afogado com uma toalha no rosto e água jorrando nela. Achava que o desespero tinha começado aí, mas foi a privação do sono e saber que todos com quem eu me importava seriam caçados que me fez perder as esperanças.

Era aterrorizante estar preso, impotente e derrotado, quando tudo o que

realmente me importava estava ameaçado.

Meu pai sempre dizia que ter sentimentos nos levava a fraquejar, virava nosso ponto fraco. E era verdade, mas também nos motivava a reagir. Sem ninguém para nos esperar do lado de fora, era fácil nos entregar e simplesmente nos render.

Sentimentos nos davam uma razão para lutar e eu o faria até o fim pela minha mulher.

Nunca quis machucar o meu pai, mas quando ele ameaçou prejudicar Denny, com a intenção de retirá-lo da escola e transformá-lo em um traficante, não pensei duas vezes ao me opor. Nosso relacionamento não era como o de pai e filho, mas como o de chefe e empregado, por isso não me surpreendi quando uma arma foi apontada para mim no meio da nossa conversa. Ele comandava o Moto Clube com punhos de aço e ameaças eram comuns no seu dia a dia.

Não comigo.

Assim que ele se distraiu com o toque do seu celular, peguei a minha própria arma e atirei nele. Direto no coração.

Por alguns dias, fiquei mal com o que fiz. Assim que assumi o Moto Clube e descobri que foi uma de suas amantes que matou minha mãe, todo o pesar passou.

Ele foi tarde para o inferno.

Pouco se falou da morte do meu pai, uma vez que lealdade se comprava com drogas e dinheiro. Meu irmão nunca me questionou sobre o que realmente havia acontecido e nunca me interessei em esclarecer esse passado. Ele sabia que nossa mãe fora morta por culpa do nosso progenitor.

Com mãe não se brincava.

Enquanto eu tentava processar tudo o que meu novo advogado falava ao mesmo tempo em que relembrava algumas coisas do meu passado, meu irmão se manifestou.

— Você sabe que tudo isso foi necessário, não é? — Ele ainda estava inseguro com tudo o que aconteceu. Acho que agora entendia o quanto sua vida perfeita era boa, já que precisaria se esconder para sobreviver. Adeus faculdade, até logo farra entre amigos.

— Meu silêncio não é por contrariedade. Já tinha aceitado essa sentença antes dela existir. Só estou preocupado com a segurança de vocês, enquanto eu estiver encarcerado.

— Você sabe que sua situação é pior do que a nossa, certo? Tentarão te matar dentro da prisão. — Sorri com mal í cia quando Denny disse sua preocupação. Eu tinha aliados também, não se constrói um império ilegal como o meu sem a pior das alianças.

— Eu sou um Aranha.

Escutei um toque na porta e vi, entre os homens no meu quarto, Rachel em uma cadeira de rodas. Finalmente a pessoa que eu queria ver. Será que ela aceitaria bem o resultado dessa negociação? Se eu bem a conhecia, com certeza iria preservar seus sentimentos. Dessa vez, não precisava pensar em mais nada a não ser eu, ela e nosso futuro.

Capítulo



Trinta e quatro

Rachel

Foi depois de dois dias que a enfermeira anunciou que Victor foi transferido para um quarto e que ele poderia receber visitas. Eu nem a deixei sair do meu quarto, mantendo-a cativa através da minha mão, segurando seu braço. N ão aguentaria esperar para vê-lo, então, ela chamou outra pessoa para trazer a cadeira de rodas para minha locomoção.

— Desculpe minha intromissão, mas esse homem não é o presidente de um Moto Clube que chefia o tráfico de drogas da cidade? — o homem que me ajudou a sentar na cadeira de rodas perguntou de forma muito cautelosa. Por causa da educação, eu respondi tranquilamente:

— Ele era. Jomal Freeman está assumindo todas as empresas e seus negócios. — Deixei implícito que o próximo rei dos traficantes era o rico empresário do ramo farmacêutico. Eu não deixaria seu nome seguir limpo, como tinha certeza de que ele não faria com o nosso.

Ele me guiou sem mais nenhuma pergunta ou comentário. No momento em que ele parou para abrir a porta do quarto de Victor, eu quis me levantar e correr até ele, mas meu pé não veria o chão tão cedo. Estaria andando de muletas assim que minha costela estivesse forte o suficiente.

Assim que entrei, vi Denny, Tom e meu irmão rodeando a cama de Victor. Eles estavam conversando. O assunto parecia tenso pelas feições em seus rostos. Eles me encararam e Victor não estava visível para mim.

— Rachel! — meu irmão me anunciou e veio em minha direção, dispensando o rapaz que me trouxe até aqui. — Como você está?

— A pergunta é: o que você está fazendo aqui com Denny e Tom? — Evitei falar de Victor, minha vontade era estar sozinha com ele.

— Venha, vamos te atualizar sobre tudo. — Richard foi para trás de mim e empurrou a cadeira até o outro lado da cama. Denny e Tom murmuraram uma saudação e meus olhos encontraram os de Victor.

O que fizeram com ele?

Apesar da agressividade que ele emanava, existia uma leveza e despreocupação em seu olhar. Agora, aqueles olhos verdes transmitiam também pesar e uma bagagem desagradável de tortura. Seu rosto parecia melhor, mas ainda possuía os vestígios de seu cárcere nas mãos de Jomal Freeman.

Cansada de controlar meus sentimentos e ações, displicentemente, levantei-me com apenas uma perna, me inclinei e colei minha boca na de Victor em um beijo singelo, carinhoso e de matar a saudade. Senti seus lábios sorrirem nos meus, e minha respiração, que parecia estar parada há anos, voltou a funcionar novamente.

Afastei meu rosto apenas o suficiente para olhar novamente para esse homem e toda a sua decadência nessa cama de hospital.

— Você está proibido de entrar em confronto com qualquer que seja a pessoa — ordenei e tentei minha melhor cara de séria.

— Eu também amo você, Gatinha — ele disse com a voz rouca e baixa, simples assim, e fez meu coração pular em meu tórax e quase sair pela boca.

Meu rosto esquentou e meu irmão me lembrou que tínhamos uma

plateia ao nosso redor com um pigarro.

— Não é porque eu falo sacanagem com você, que preciso presenciar isso. — Richard colocou as mãos debaixo dos meus braços e me forçou a sentar. — Você ainda não pode ficar de pé e Victor precisa se recuperar antes de fazer movimentos pélvicos...

— Cara, você pode falar sacanagem com sua irmã, mas eu não sou obrigado a saber essas coisas sobre meu irmão — Denny interrompeu Richard, que beijou minha testa e sorriu de forma maliciosa para ele.

— Eu não sei vocês, mas quero resolver as coisas logo — Tom interrompeu a brincadeira com seus dizeres sérios.

— Tudo bem, me deixe apenas atualizar Rachel sobre isso. — Meu irmão olhou para mim, mas apenas foquei em Victor e peguei na sua mão. Eu só precisava disso para poder respirar novamente. — Tudo bem, foque em Victor — resmungou com um tom de ciúmes. — O Aranhas Moto Clube está temporariamente desativado. Seus membros estão desaparecidos e Lena, a ex-mulher do finado presidente do Selvagem Moto Clube e, agora, do finado Clin, parece estar à frente de alguma coisa mais sombria e criminosa do que apenas ser amante. Valentine me informou que descobriu, através de um contato, que Lena está envolvida com um homem muito poderoso, porque foi anunciada a proteção dela por parte do Piratas Moto Clube.

Franzi a testa e olhei para meu irmão.

— Como assim? Esse Moto Clube não é da nossa cidade?

— Exatamente isso, Rachel. Parece que ela foi plantada nos dois Moto Clubes aqui do estado de propósito. Só falta descobrir para qual finalidade.

— É óbvio, estar no topo e no poder . Ela só ficou com os chefões. — Olhei para Victor e fiz uma careta. — Ou o aspirante a chefão, como Clin.

— Bem, essa é uma das coisas em que precisamos ficar alertas assim que voltarmos para casa — Richard anunciou com naturalidade e Victor apertou minha mão.

— Eu não vou ficar longe de você — sussurrei.

— Você terá, eu irei para cadeia assim que sair desse hospital. — Victor quase estraçalhou meu coração.

— O qu ê ? — Apertei sua mão e olhei para todos, percebendo que esse assunto já fora discutido e acordado.

— Rachel, outro ponto que estávamos discutindo era o acordo com Jomal Freeman. — Ele abaixou o tom da sua voz e falou como se fosse um segredo: — Victor deverá ser preso por no mínimo três anos, transferirá todas as suas empresas para JFreeman e Denny desaparecerá do mapa.

— Não! — Recusei-me a aceitar essa solução. — Jomal Freeman tem que pagar alguma coisa, parece que só nós estamos perdendo nesse acordo.

— Era isso ou a vida de todos nós em constante ameaça, Rachel — Tom suavizou e encarei Victor com ferocidade.

— É melhor assim... — ele falou baixo, com sua voz rouca e com um pouco de emoção.

Respirei fundo e soltei minha mão da dele. Eu não aceitava esse acordo, estava tudo muito errado.

— Rachel. — Meu irmão se ajoelhou à minha frente e apoiou suas mãos na lateral da cadeira de rodas. — Lembra que eu costumo dizer que um

acordo é bom quando...

— ...ambas as partes saem insatisfeitas. Eu sei, mas não me obrigue a concordar com isso. — Cruzei meus braços e ele se levantou.

— Bem, explicado o que já conversamos, vamos para outra parte. Denny, você já tem um local para ir? Sua saída da cidade é imprescindível e deverá ser feita o quanto antes.

O jeito profissional de lidar com a situação do meu irmão começou a me irritar e senti o peso do olhar de Victor em mim. Olhei para ele, que estendeu a mão em busca da minha. Contrariada, coloquei minha mão na dele e compartilhamos um pouco do calor humano.

Ele não deveria ser preso, mas merecia, independente do que Jomal havia acordado com eles, e isso estava me abalando. Minha mente aceitava a situação, mas não meu coração.

— Não tenho destino certo. Vou pegar minha moto, algumas roupas e sumir do mapa — Denny disse sem emoção e olhando para a parede.

Será que sua mente também estava duelando com seu coração, onde um dizia para fugir e o outro para resgatar Vanessa? Bem, eu nunca saberia, porque ele se inclinou, disse algo no ouvido do seu irmão e saiu do quarto sem se despedir verbalmente de todos nós.

— Certo. Tom, precisamos que você consiga tudo o que tem valor informativo na sede do Aranhas Moto Clube. Feito isso, encaminhe tudo para o meu hotel, irei analisar e fazer os últimos ajustes nos contratos sociais.

— Sem problema. — Tom piscou um olho para mim e fez com que um pouco da minha preocupação por ele se dissipasse. — Victor. — Ele se despediu

com um levantar e abaixar de queixo e foi embora.

— Bem, minha parte está quase concluída. Assim que Victor assinar todos os contratos e se recuperar, todo o pesadelo de perseguição terminará — disse com naturalidade.

— Não se engane, Richard. Freeman pode ter aceitado tudo isso sem colocar uma bala em nossas cabeças, mas isso não o impede de nos assombrar — Victor informou.

— Eu sei e é por isso que pretendo voltar para minha cidade. Já falei com Kevin, um dos seguranças da empresa da sua amiga Nina para estar por perto sempre. — Ele sorriu de forma natural, como se andar com um segurança fosse a coisa mais normal do mundo. — Ele conseguiu um apartamento para nós ao lado do dele. É simples, mas, para nos reerguermos, está ótimo.

— E você, Victor? — Eu queria saber a opinião dele sobre tudo.

— Estarei com você assim que os três anos passarem. — Tentou sorrir, mas pareceu uma careta.

— Três anos é muito tempo, eu posso ter mudado até lá. — Apertei sua mão com força e transmiti toda a minha insatisfação com seu destino. — Demorei tanto para aceitar tudo isso e agora...

— É um mal necessário, Gatinha. — Ele puxou minha mão, para que eu me levantasse e eu o fiz. — Eu prefiro me arriscar a perder você para outro homem do que para a morte.

Eu encostei meus lábios nos dele, que estavam secos e ásperos. Ele abriu a boca e a umidade de sua língua invadiu a minha boca, o frio me atiçou e me fez aprofundar o beijo.

Um desequil í brio da minha parte fez com que eu colocasse o pé indevidamente no chão. A dor irradiou da minha perna para todo o meu corpo e procurei algum lugar para me apoiar, mas meu irmão me socorreu e gemi pela dor.

— Merda, Rachel, chega de peripécias sexuais. Aguarde Victor sair dessa cama para você inventar moda. — Richard me colocou sentada na cadeira e fechei meus olhos para controlar a dor.

— Vá descansar, Rachel, é melhor. — Victor parecia culpado e apenas acenei em concordância, com medo de abrir a boca e mais gemer de dor do que falar.

Sem que eu me despedisse adequadamente, meu irmão me levou para meu quarto e me ajudou a deitar na cama.

— Você vai ficar bem? — ele me perguntou.

Refleti sobre tudo o que foi dito, tudo o que seria necessário para que nossas vidas voltassem ao mínimo possível do normal e entristeci. Segundos depois, coloquei um sorriso no rosto e encarei meu irmão.

— Fisicamente, eu irei me recuperar. Profissionalmente, eu não sei, mas estou pronta para enfrentar os novos desafios que vierem. Dificuldade ou provocações é uma questão de escolha.

— E emocionalmente?

— Pergunte-me daqui três anos. — Fechei meus olhos e me rendi ao mundo dos sonhos e do relaxamento.

Capítulo



Trinta e cinco

Rachel

Minha rotina por quase um mês foi me dividir entre meu quarto e o de Victor. Apesar de Valentine ter oferecido para que eu ficasse no seu Moto Clube, eu não queria ficar longe de Victor, além de não me sentir tão confortável para estar perto de Playboy. Ele foi um bom homem para mim e eu não queria magoá-lo de nenhuma forma, muito menos o rejeitando com educação.

Depois de duas semanas, eu conseguia me locomover com muletas e ninguém me segurava no meu quarto. Eu e Victor ficávamos horas conversando sobre nós, gostos musicais, cinema, livros e nossas profiss ões. Era incrível como o imponente e perigoso havia se transformado em um homem comum e tranquilo. Em certos momentos, principalmente quando enfermeiros apareciam enquanto eu estava no quarto, sua pose ameaçadora vinha à tona e ninguém se dignava a dirigir um olhar em minha direção.

Evitávamos falar do futuro ou do que iríamos fazer quando ele tivesse alta. Eu estava no hospital apenas por causa dele, com a desculpa de ser monitorada para não piorar a situação da minha costela. Esse último, Brian conseguiu – com seus contatos – colocar em meu prontuário, já que o hospital não era um hotel, como eu o estava fazendo.

Victor ainda estava muito fraco e machucado. Apenas no dia anterior ele havia conseguido se levantar da cama para tomar um banho. Eu não fui de grande ajuda, mas estive lá, ao lado dele e de duas enfermeiras, acompanhando

todo o procedimento.

Nós nos beijávamos constantemente e parávamos quando dava vontade de algo a mais, o que era muito frequente e, às vezes, passava rápido. Não poderíamos começar algo que não poderíamos concluir, não quando o médico não havia liberado relações sexuais, a contragosto de Victor.

As noites eram tristes e solitárias. Cada um ficava em seu apartamento, e se não fosse pela minha perna machucada, eu já teria me aconchegado na cama dele todas as madrugadas. Victor havia se mostrado um namorado muito atencioso e carinhoso, algo que eu não imaginava que o chefe dos negócios ilegais poderia ser. Eu não comentei isso com ele, talvez nem ele tenha percebido que estava sendo dessa forma.

Não tivemos notícias de Denny, e Victor dizia que era melhor assim, enquanto ele mesmo não tivesse cumprido sua pena. Freeman havia assinado todos os contratos, assumindo todas as empresas de Victor, e não se ouviu mais sobre o Aranhas Moto Clube. Uns diziam que os integrantes haviam migrado para outra região, outros apenas diziam que foram se filiar a outro Moto Clube. Valentine informou que, na cidade, os Aranhas foram enterrados junto com seu domínio. Era o fim de uma era.

Jomal Freeman, assim que tomou posse de todos os estabelecimentos cuidados por eles, fechou-os. Não entendíamos qual foi a intenção dele nisso, já que demonstrou aberto interesse sobre eles. Meu irmão dizia que era apenas aparência e Victor concordou, arriscando um palpite de que não demoraria para ele abrir um grande estabelecimento com as mesmas intenções que os fechados.

Valentine tinha indicado Tom para trabalhar com Nina, em sua empresa de escolta e segurança pessoal. Depois que descobrimos que ele apenas fazia a

parte burocrática e possuía treinamento de artes marciais por conta própria, Valentine mais do que depressa o encaminhou para sua amiga. Ela mostrava ter um coração de ferro, mas, no fundo, se importava com todos que possuíam bom coração e Tom tinha um, apesar de sua origem corrupta.

Numa manhã, a poucos dias da alta de Victor, decidi fazer uma surpresa para ele. Sem um pingo de vergonha, perguntei a Brian, que nos visitava pelo menos uma vez por dia para saber nosso progresso, se poderíamos fazer um pouco de preliminares ao invés do ato em si. Eu estava preocupada sobre ficar três anos sem relações sexuais e, então, uma vontade avassaladora me atingiu. Ele anuiu com um sorriso no rosto.

Eu sabia que tinha dito a Victor que poderia encontrar outro alguém, mas era uma mentira deslavada, era meu despeito e descontentamento falando por mim. Eu não teria coragem de fazer nada contra a nossa relação. Eu não facilitaria para ele, ou aceitaria tudo como uma mulher submissa, mas também não executaria minhas ameaças.

Coloquei uma lingerie sensual e um vestido simples e solto no corpo, que Tom havia resgatado na minha mala que tinha ficado na sede do Moto Clube, quando buscou todos os documentos solicitados por meu irmão. Eu estava indo para surpreender Victor, e faria isso quando trancasse sua porta e me despisse. Depois que coloquei um pouco de brilho nos lábios, apenas para deixá-los com um aspecto molhado e despertar sua imaginação, alguém bateu na minha porta e a abriu.

Apoiada pelas muletas, virei meu corpo e congelei ao identificar quem era minha visita: Playboy.

— Olá, Rachel. — Ele sorriu de forma natural, mas eu não sabia como

reagir, e continuei congelada no lugar. Ele percebeu minha hesitação e se aproximou, eu segurei a respiração. — Não precisa ficar sem graça, eu não vim pedir o seu amor ou para você largar Victor. Estou aqui como um amigo.

Exalei de forma audível e ele riu, muito divertido com minha reação.

— Você se valoriza muito se achou que não te esqueci. — Ele piscou um olho e fiz uma careta para ele. — Tudo bem, é tudo verdade, mas sei investir onde eu tenho futuro e, nessa situação, eu sei que não tenho. — Sorriu triste.

Próximo a mim, ele se inclinou e beijou a minha bochecha. Fechei meus olhos e absorvi tudo o que ele estava me dando de boa vontade. Ele era um bom partido.

— Você é um bom homem, Playboy — disse assim que ele se afastou.

— Eu sei, sou um dos melhores, não é mesmo? — Ele se vangloriou, de brincadeira e eu sorri para sua tentativa de humor.

— Não se valorize tanto — devolvi suas palavras, ditas em outro momento nosso, o que o fez sorrir ainda mais. — Por que veio?

— Brian me contou que faltam poucos dias para Victor ter alta e para você retornar à sua cidade. Eu só queria me despedir a tempo, porque sei que não ir á até a sede do Selvagem Moto Clube.

— Eu não irei mesmo, já levei muitos problemas para vocês — compartilhei meu verdadeiro sentimento quanto a isso.

— Se engana ao pensar que tudo o que você passou foi um problema para nós. Assim é a amizade, parceria nos momentos difíceis e confraternização nos momentos bons, depois de tantas situações difíceis.

— Eu não sei.

—Acredite quando eu digo, os Selvagens são seus amigos, independente de Victor. Ele se mostrou uma pessoa leal a você. Não estamos dispostos a perdoar ao ponto de recebê-lo em nossa sede, mas iremos ajudar no que precisar, porque as pessoas que se sacrificam merecem o nosso respeito.

Meus olhos se encheram de lágrimas e as controlei, impedindo sua queda. Suas palavras me fizeram perceber o quanto eu era fechada e precisava me abrir mais para receber a amizade das pessoas que queriam estar ao meu lado.

— Saber disso é muito importante para mim. Obrigada, Playboy. — Abracei-o com apenas um braço e ele colou seu corpo no meu, seu calor sendo um bálsamo para um lado do meu coração que eu desconhecia.

Alguém pigarreou, o que me pegou de surpresa e arregalei meus olhos ao ver que era Victor, de pé, na porta do meu quarto, com sua roupa habitual de couro.

Esqueci minha visita e, mancando com a ajuda das muletas, saí em disparada até ele, o sorriso no meu rosto impossível de conter. Victor estava com cara de zangado, mas mudou suas feições quando me viu desesperada e sorrindo indo até ele.

— Você está de pé! — constatei eufórica e me joguei nos seus braços, nos fazendo quase cair. Victor teve que se apoiar na parede.

— Calma, Gatinha, quase nos derrubou e aumentou para dois meses o tempo da minha recuperação — sorrindo, ele brincou. Droga, esqueci completamente disso.

Tentei me afastar, mas tinha largado as muletas no caminho e quase caí

para trás, se não fosse Playboy me segurando pelos cotovelos.

— Obrigada — agradeci a ele, que se agachou e pegou minhas muletas para mim.

— E você, é quem? — Victor pergunt ou com a mesma cara com que chegou, fechada e de poucos amigos. Era a postura do mesmo homem de aço que conheci à frente do Aranhas Moto Clube.

— Sou um amigo. — Playboy estendeu a mão para cumprimentar Victor, mas ele apenas olhou para a mão estendida e não fez nada.

— Amigo ou não, seu tempo de visita acabou. — Ele se afastou da porta e a indicou para que Playboy saísse. Ele seria grosso assim com quem não fez nada para ele? Não mesmo.

— Victor, não há necessidade de ser rude — repreendi com meu olhar e direcionei um sorriso para o membro do Selvagem. — Obrigada pela visita. Eu agradeço muito suas palavras.

Playboy sorriu e ia se inclinar para me beijar, mas Victor se interpôs entre nós e o empurrou em direção à porta.

— Não abuse da sorte, eu não estou no humor — resmungou e o membro do Selvagem saiu rindo alto.

Mal Playboy atravessou a porta, Victor a fechou e virou a chave para trancá-la. Seu olhar saudoso e cheio de luxúria me aqueceu de uma forma que qualquer atitude ciumenta que ele teve minutos atrás foi esquecida.

— Será nosso último dia juntos — anunciou e todo o sorriso que eu estava pronta para esboçar esvaiu.

— Como assim? Eu pensei que você precisava de mais tempo para se

recuperar.

— Eu não estou pronto para ter alta hospitalar, mas serei transferido para uma unidade dentro do presídio, e lá vou concluir a minha recuperação. — Ele se aproximou de mim o suficiente para envolver seus braços na minha cintura e unir nossos quadris. Ele poderia não estar totalmente recuperado do acidente, mas outras regiões, as prazerosas, pareciam muito bem recompostas. — Eu consegui um último momento com você e farei valer a pena, o suficiente para você não me esquecer nesses três anos.

— Eu vou te visitar — anunciei.

— Não faz parte do acordo e você sabe disso — disse de forma serena.

Além de ficar preso, Victor estava proibido de receber visitas, exigência de Freeman na assinatura dos contratos, o que foi uma surpresa para todos. Eu não estava nem um pouco contente com isso, mas não havia nada que pudesse fazer para burlar.

Ele abaixou sua cabeça e começou a deslizar o seu nariz pela minha bochecha e, então, meu pescoço. Inclinei minha cabeça para trás e liberei acesso a toda essa região, que estava sendo aproveitada ao máximo com lambidas e beijos.

— Não se preocupe, eu farei essa despedida inesquecível para nós — sussurrou em meu ouvido.

Segurando apenas uma muleta, eu inclinei meu rosto e uni nossos lábios em um beijo feroz. Eu não queria me despedir, não queria pensar nos anos que ficaríamos separados. Deixando de lado tudo o que iria atrapalhar nosso momento, me afastei dele, manquei com a muleta até a cama e virei para ele com

um sorriso zombador.

— Tenho certeza de que você irá fantasiar muitas vezes comigo e essa muleta. — Soltei-a no chão e me escorei na cama.

Como eu havia planejado, removi meu vestido e exibi a lingerie. Ele avaliou todo o meu corpo e, por um tempo, ficou apenas me admirando. Eu não me importei e me sentei de lado, estiquei minha perna e a outra ficou suspensa, formando um ângulo de mais de noventa graus. Ele olhou entre as minhas pernas e avançou em minha direção, depois seus olhos encararam os meus e tudo o que pude ver e reconhecer foi o amor.

— Eu amo você — sussurrou e observou minha reação a essas palavras. Engraçado que um homem tão endurecido como ele conseguia proferir o amor e eu, que sempre tive isso com meu irmão, sentia dificuldades de falar para ele.

— Eu não sei nada sobre isso — provoquei e consegui outro beijo na boca, nem um pouco recatado e muito excitante.

Forçando minhas costas no colchão, ele subiu na cama com um pouco de dificuldade e fiz uma careta. Ele disfarçou sua dor cobrindo o meu corpo com o seu. Minha costela estava melhor, então consegui suportar seu peso sobre mim. Seu quadril se moveu contra o meu e a fricção e a vontade de estar com ele acendeu a chama da minha libido.

Nossa união parecia tão certa.

— Será que tudo isso é suficiente para provar que te amo? — Ele movimentou seu quadril com vontade entre as minhas pernas, e as abri para esfregar em sua coxa. — Será que você precisa de mais? — sua voz saiu rouca e eu gemi de desespero para tê-lo em mim.

— Eu quero mais — gemi e Victor capturou meus lábios com seus dentes em uma mordida suave e excitante.

— Você terá, assim que eu a fizer gozar uma vez antes de estar dentro de você.

Ele soltou seu peso em cima de mim e sua mão foi de encontro a minha calcinha. Afastando-a de lado, ele abusou do meu ponto sensível e apenas a pressão e o movimento certo me fizeram gozar e gemer de satisfação.

Sim, há quanto tempo eu esperava por isso? Parecia que uma eternidade.

Ele se ajeitou sentando entre minhas pernas, abriu o zíper da sua calça e removeu sua masculinidade o suficiente para me provocar.

— Parece um padrão. N ão conseguimos estar totalmente sem roupa para transar . — Eu o observei levar a mão para cima e para baixo no seu membro.

— Você mexeu comigo. — Ele encaixou seu membro em mim e, suavemente, me penetrou.

— Mudou minhas prioridades — confessei. Fechei os olhos e ofeguei quando ele começou a entrar e sair de mim. Era tão bom.

— Me fez ter certeza de que estava no caminho certo.

Ele estava sendo cuidadoso e cauteloso, talvez pela nossa situação médica não tão adequada. Diferente de como ele foi comigo antes, seus movimentos lentos e suas revelações estavam me deixando em um êxtase muito além dos outros que já tive.

Estávamos desnudando nossa alma.

— Você me fez amá-lo. — Assim que as palavras saíram da minha boca, ele acelerou seus movimentos e, segundos depois, cobriu meu corpo com o seu novamente e manteve a velocidade e intensidade. Nossos lábios estavam unidos, se saboreando, e juntos encontramos nossa libertação.

Ele soltou seu corpo em cima do meu e escondeu seu rosto no meu pescoço.

— Uau — eu disse e comecei a fazer cafuné em sua cabeça. O amor era bom.

— Será que foi o suficiente para não me esquecer por três anos? — Ergueu-se com uma mão para me encarar. Apesar do sorriso brincalhão nos lábios, a pergunta tinha um fundo de verdade.

— Me pergunte daqui a três anos. — Eu trouxe sua cabeça até a minha e demonstrei com meus lábios o quanto ele estava marcado em mim.

Ficamos nos curtindo durante o resto do dia, com as roupas que estávamos, deitados na cama de hospital. Apenas quando o sol começou a se p ô r ele me deu um beijo de boa noite e disse que não iria se despedir, porque nós iríamos nos reencontrar. N ão havia motivo para o drama padrão.

Vi-o sair do quarto e deixei que as lágrimas invadissem meus olhos. Eu sabia que iríamos nos encontrar novamente, mas nada iria impedir que eu sofresse enquanto esse dia não chegasse.

Eu havia começado a nossa relação muito cautelosa, pensando em minha carreira profissional e, agora, eu só queria saber se ele estaria bem o suficiente para estarmos juntos depois que tudo isso terminasse. Eu havia aceitado essa mudança em mim, o lado pessoal acima do profissional, e nada me

faria voltar a ser como eu era antes.

Capítulo



Trinta e seis

Rachel

Faltavam dois anos, onze meses e duas semanas. Apesar de não assumir para ninguém, eu estava contando o tempo na minha mente. Seguiria com minha vida ao mesmo tempo em que a pausaria.

Eu e meu irmão voamos juntos para nossa cidade e quem nos recepcionou na chegada foi Nina.

— Como você chegou até aqui tão rápido? N ão estava em outra cidade? — cumprimentei-a com um abraço e percebi os olhares entre ela e meu irmão.

— Nada que uma viagem de moto não resolvesse, Perua — Nina se aproximou de Richard, deu um beijo no seu rosto e o vi prender a respiração. Uau, ele tinha uma queda por ela. — Não deixaria o destino me controlar dessa vez. Precisava ver você. Como foi o voo?

— Be-bem... — meu irmão gaguejou e minha boca se abriu em choque!

— Não precisa ficar sem graça, Richard. Não escondo de ninguém que te acho gato. — Ela piscou um olho para ele e pegou uma das malas da sua mão. — Vamos, tenho um carro esperando por vocês, vou ajudá-los nessa nova fase.

Vi meu irmão em choque e acanhado olhando para Nina. Cutuquei suas costelas com um dedo e brinquei:

— Para de secar a bunda dela sob o jeans. Você poderá vê-la, é só pedir.

Ele piscou algumas vezes, olhou para mim com um olhar feroz e seguiu minha amiga.

— Não crie ilusões absurdas. Ela é muito...

Deixei sua afirmação no ar, enquanto seguíamos a alguns metros de Nina. Nunca imaginei que as brincadeiras dela tivessem um fundo de verdade... apesar de que ela fazia isso com todos os homens. Talvez fosse mais uma zoação.

Entramos dentro de um SUV, com Nina dirigindo, Richard ao lado dela e eu no banco de trás.

— Já estou selecionando nosso melhor segurança para vocês. Tudo de melhor para o Lorde — olhou para o meu irmão e rapidamente voltou a olhar a estrada.

— Meu nome é Richard — comentou, incomodado.

— Mas é um lorde inglês. Eu dou apelidos para as pessoas que moram no meu coração — com seu jeito despojado e divertido, Nina deixava meu irmão mais e mais constrangido.

Ele realmente era um cavalheiro com as mulheres, eu não sabia se entre quatro paredes seguia esse mesmo padrão, já que nunca o ajudei nesse quesito. Vê-lo desse jeito me fez esquecer um pouco da saudade de Victor.

— Você é louca — meu irmão resmungou.

— Sim, também sou linda e loira. Por qualquer um desses apelidos, eu atendo. — Dei uma risada contida e Nina me olhou pelo retrovisor central do carro. — O que foi, Perua? Não vou te chamar de cunhada quando conquistar o coração do seu irmão.

— Como é que é? — Richard estava apavorado e eu ri mais ainda.

— Pare de assustar o advogado, Nina. Ele ainda não está preparado para o impacto que é você.

Nina bateu duas vezes na perna dele e piscou um olho para mim, olhando no espelho.

— Eu vou com calma, temos todo o tempo do mundo. Vou deixar vocês em um dos meus apartamentos, enquanto resolvem seus assuntos. Tudo bem?

— Não iremos invadir sua privacidade, ficando no mesmo apartamento que você — tentou dizer com cordialidade, mas parecia apavorado.

— Eu até te convidaria para a minha masmorra, mas esse é um convite para o terceiro encontro, Lorde. Como disse, esse é um dos meus apartamentos, vou ficar em outro, enquanto vocês curtem um pouco de paz.

Não iria reclamar, tinha dinheiro guardado, mas não pretendia gastar com moradia. Precisava acertar minha vida, principalmente o que restou da profissional antes de começar a gastar.

Parados em um semáforo, observei que algumas motos nos rodearam e fizeram barulho. Havia vários estilos e cores. Quando observei mais atenta, descobri que eram todas de mulheres.

Como?

Nem um pouco surpresa, Nina abriu o vidro do seu carro, enquanto uma delas removia o capacete, mostrando seus cabelos longos e com tinta roxa nas pontas, para nos cumprimentar.

— Ninoca, querida, por onde tem andado? — a motociclista de sorriso fácil e pose imponente a cumprimentou.

— Você sabe como minha vida é, Martinha, cheia de bandidos, sequestros, Moto Clubes... eu nunca fico parada.

— Sue e Sabrina estão terminando uma coleção de roupas. Você é nossa modelo fotográfica número um.

— Mais uma coleção? Vocês querem me falir de tanto comprar suas roupas — Nina fingiu estar desgostosa.

— Então é melhor nem comentar sobre o novo restaurante da Evy e da Aline. Helena está como maitre. — Fiquei perdida com esses vários nomes desconhecidos ditos pela moça do cabelo de pontas roxas.

— Preciso de uma reserva! — pediu com desespero Nina.

O sinal ficou verde e o carro atrás de nós buzinou. Vi uma mulher descer da garupa de outra moto e abordar o motorista, que apenas queria seguir seu caminho.

— Aqui é Vênus! — a tal Martinha gritou e apontou para suas costas. Ela vestia um colete jeans desbotado e cheio de estilo.

— Vênus Moto Clube? — eu disse espantada. Arregalei meus olhos, enquanto colocava minha mão na boca.

Esse Moto Clube em específico era um grupo de mulheres que costumava fazer justiça com as próprias mãos em caso de violência contra a mulher. A polícia e os homens infratores as perseguiam incansavelmente. Eu acreditava que elas eram apenas lenda, mas, pelo visto, não.

— Aparece lá na sede, Ninoca. Não é porque você não faz mais parte que não é bem-vinda. — Martinha olhou para Richard e depois para mim. — Até mais, senhores.

— O qu ê ? — meu irmão se manifestou e Nina apenas riu. Ela foi uma Vênus?

— Tchau, Martinha. Mande lembranças para todos e para o meu Digo. — Nina virou para nós. — Agora vocês sabem o que fiz no verão passado. — Fechou o vidro do carro e voltou a conduzi-lo. Estávamos muito chocados para perguntar qualquer coisa para nossa condutora.

Ela guiou o automóvel em silêncio pelos próximos minutos e entrou em uma garagem subterrânea de um prédio imponente. Nina ajudou a descarregar o carro e subiu conosco de elevador até a cobertura. Estávamos muito chocados com a nova informação para rompermos o silêncio.

Assim que entramos num espaçoso apartamento, Nina falou:

— Tem comida, roupas, TV a cabo e banheira. Fiquem à vontade, e meu telefone está anotado em um papel na geladeira. Qualquer coisa, apenas grite, Perua! — Ela me abraçou e depois a Richard, que ficou imóvel. — Você também, Lorde. — Ela bateu na bunda dele e saiu, com seu jeito despojado.

Admirei meu irmão em choque e balancei a palma da minha mão na sua frente.

— Uau, você foi fisgado. Ela bateu na sua bunda!

— Não se iluda, irmã, essa mulher é louca.

— Louca para te pegar.

Ele fez uma careta e levou as malas para um corredor. Fui até a cozinha e peguei uma garrafa de água.

— E então? — escutei a voz do meu irmão. Virei para encará-lo, ele estava com o ombro encostado no batente da porta da cozinha. Parecia a fim de

conversar.

— O que foi?

— Como será nossa vida a partir daqui? Sua vida? Victor?

— É difícil não nos abalar mos, mas vamos começar do zero, como já fizemos antes. — Meu coração apertou ao pensar no homem que deixei na outra cidade. — Vamos procurar um apartamento, contratar nossos contadores e voltar à ativa.

— Você sabe que podemos ter perdido vários clientes — meu irmão pareceu desanimado pelo seu tom.

— Ou não. Não é você que sempre vê o lado bom das coisas? Não encontra a melhor brecha para uma negociação?

Ele ficou calado e terminei de tomar toda a garrafa de água que estava na minha mão.

— Acho que essa mulher, Nina, me abalou.

Ri alto para sua admissão. Ele realmente parecia comovido, completamente desconcertado. Apesar de tudo, sorriu para meu ataque de risos.

— Acho que tudo vai dar certo, não é mesmo? — Richard se aproximou e me abraçou. Retribuí com força e inspirei seu cheiro familiar.

— Sim, no final, tudo dará certo.

Epílogo



Rachel

Parecia que a vida havia voltado ao normal. Richard e eu tivemos que dispensar todos os nossos funcionários e começar tudo do zero, como quando decidimos montar um escritório de advocacia. Mantivemos o nome Collins Associados e os trabalhos estavam sendo realizados em nossa casa. Tudo isso foi necessário, porque perdemos muitos clientes e a renda não estava como antes.

Eu voltei a dividir um apartamento com meu irmão e isso já estava me irritando profundamente. Ele era metódico e cheio de manias, como acordar muito cedo e escutar música muito alto. Eu o amava, mas tinha vontade de matá-lo a cada meia hora.

Fazia um mês que tínhamos voltado para a nossa cidade e estávamos em um novo apartamento, mais seguro e estratégico, perto de Kevin, o nosso segurança e funcionário da ESP Trent. Ele era muito sério, muito calado e muito profissional. Eu não tinha nada contra ele, mas estar ao seu lado me deixava tensa, como se a cada momento algo de ruim pudesse acontecer. Meu irmão não se abalava por nada, e para ele Kevin era como um vizinho qualquer.

Eu e Richard n ão conversamos sobre o que havia acontecido conosco no mês anterior. Eu, por ser muito doloroso saber que uma parte de mim estava presa em uma penitenciária no Arizona, e ele, provavelmente para que não tivesse outro ataque de ansiedade.

Valentine havia me ligado apenas uma vez, uma semana depois de minha chegada à minha cidade, para me convidar para as festividades do Centro

que ela e o seu Moto Clube mantinham e com as quais eu colaborava. Eu estava em dúvida sobre ir ou não, tanto pelos meus clientes quanto por estar na mesma cidade que Victor e não poder estar com ele.

Não era o mesmo movimento e prestígio de antes no escritório, porque nosso envolvimento com JFreeman havia nos marcado de uma forma permanente que dividia opiniões, uns achavam bom, outros ruim.

E então, com toda a confusão com Jomal Freeman e o Aranhas Moto Clube, eu finalmente havia perdido um processo, por não comparecer à audiência na semana seguinte depois que fui hospitalizada. Deixei acontecer. Eu estava conformada, apesar de tudo. A invencibilidade não era motivo de orgulho, não mais.

Estava na cozinha, com um copo de vinho na mão e um olhar distante, enquanto refletia sobre tudo isso, sobre estar há um mês sem o homem que habitava meu coração e meus sonhos de luxúria. Não precisava usar mais muletas para andar, mas a minha muleta emocional ainda era necessária.

— Onde estão suas malas? — perguntou Richard, entrando na cozinha. Estava vestindo uma calça de moletom e camiseta regata branca.

— Que malas? — respondi, fingindo ignorância.

— Você não vai levar nada para sua viagem?

— Eu não vou viajar. — Tomei todo o líquido do meu copo e o coloquei dentro da pia.

— Claro que você vai, as crianças precisam de você. — Ele parou na minha frente com um olhar determinado e braços cruzados.

— Elas nem sabem que eu existo, Richard. Além do mais, é muito

dolorido...

— Você vai parar a sua vida por três anos por causa de um homem? — Ele levantou uma sobrancelha em desafio e fiz uma careta. — Você me decepciona, irmã.

Eu queria falar algo sobre a Nina, mas parecia que eles nunca mais tinham se visto e esse assunto havia perdido a graça.

— Não foi você que disse que eu precisava amolecer um pouco meu coração? Bem, essa é minha forma de agir de coração mole — zombei.

— Sim, mas nem por isso você deve se anular. Vá viver a sua vida, ele está vivendo a dele. — Ele foi para a geladeira, retirou uma garrafa de água e encheu um copo.

— Dentro de uma cela. Não há nada de bom nisso. Eu não deveria estar curtindo a vida, enquanto ele se sacrificou por nós.

— Ele está apenas cumprindo sua pena, pagando por seus pecados, Rachel. Aceite, faça suas malas e vá — ordenou.

— Eu não...

— Não é um conselho, é uma ordem . — Ele tomou um gole da sua água e, com a mão livre, me empurrou para fora da cozinha.

— Você sabe, ninguém manda em mim.

— Novidade, eu mandarei, hoje. — Ele me levou em direção ao quarto. — Faça sua mala ou voc ê vai sem uma.

Decidida a não discutir sobre isso, fiz o que ele mandou e, no outro dia bem cedo, peguei um voo para o Arizona. Richard havia comprado a passagem, sem minha anuência, desde quando Valentine havia me convidado.

Diferente da minha última chegada ao aeroporto, Valentine me recebeu com Playboy e Brian ao seu lado. Eu não tinha mais receio de estar ao lado deles e, nesse dia, resolvi esquecer que existiu alguma diferença entre nós e tratei-os como amigos.

Com cumprimentos calorosos e um abraço de urso de Playboy, fui recebida e acompanhada até o carro. Playboy fez questão de transportar minha mala até seu automóvel.

— Vamos direto para o Centro — Valentine comunicou ao meu lado, seu sorriso estava enorme e satisfeito no rosto. — Avisamos as crianças que uma grande amiga estaria as visitando e as meninas já fizeram planos sobre fazer um dia de beleza para você.

Imaginei as crianças querendo mexer no meu cabelo e unhas, e sorri para a imagem.

— Serei toda delas. — Retribu í o sorriso e olhei pela janela, um pouco saudosa por estar na mesma cidade que Victor e não poder vê-lo.

Valentine pegou minha mão e a apertou. O sorriso acolhedor amorteceu um pouco a dor e, nesse momento, decidi esquecer tudo o que me afligia.

Assim que chegamos ao Centro, fui recepcionada por um monte de crianças eufóricas e alegres. Não eram todas assim, pois havia muitas isoladas ou brincando com outras crianças.

Como prometido, as meninas logo me puxaram para o tratamento de beleza, regado a escovas, enfeites de cabelo e esmaltes de unha de todas as cores. Valentine e Brian apenas me abandonaram ali, enquanto Playboy se juntou com outros garotos para brincar de bola.

Algum tempo depois, era momento de nos juntarmos no refeitório para o almoço coletivo. No caminho até ele, em um dos quartos em que passei, vi uma guitarra e me permiti lembrar-me de Victor e sua paixão oculta pela música. Será que ele sentia falta de seu instrumento tanto quanto de mim?

Assim que entrei no grande espaço para a refeição, percebi que era bem parecido com o refeitório do Selvagem Moto Clube. Sentei-me à mesa em que Valentine, Brian, Playboy e outros adultos já estavam acomodados.

— Como foi seu dia? — perguntou-me a presidente dos Selvagens.

— Depois de ter meu cabelo penteado e puxado por meia dúzia de meninas, eu nunca fui tão mimada. — Sorri de orelha a orelha e levei uma garfada à boca. — Hum, delicioso. Até parece o tempero de Johnny.

— Realmente, é o próprio que cuida dos dois refeitórios — ela respondeu e cutucou Playboy com o cotovelo. — Você deveria levar nossa convidada lá dentro para cumprimentar o cozinheiro.

— Oh, seria ótimo! — Mantive meu sorriso e Playboy me olhou com mistério. — O que foi, Playboy, ainda com ciúmes de Johnny?

— De forma alguma, apenas do cozinheiro. — Piscou um olho para mim e focou em seu prato.

Assim que terminamos nossa refeição e, depois de usarmos alguns minutos para conversarmos sobre as crianças e o próprio Centro, segui para utilizar o banheiro e, então, acompanhei Playboy até a cozinha.

Antes de abrir a porta, ele manteve sua mão na maçaneta e me olhou com intensidade.

— Diga a verdade, você está bem? — Playboy perguntou e seu interesse

me fez responder da forma mais sincera possível.

— Minha vida profissional voltou à sua normalidade, mas não na mesma intensidade. Ela não tem mais o valor que eu dava antes — respondi olhando bem nos seus olhos e continuei. — Meu coração está dividido em vários pedaços e aos poucos estou colando, mas sempre um estará faltando ou não conseguirá se encaixar novamente, porque não possuo a pessoa que me completa ao meu lado.

— Victor — ele concluiu.

Eu confirmei com a cabeça e respirei profundamente. Meu coração se apertou. N ão queria pensar nele nesse momento, estava indo muito bem , focada apenas nas crianças e na caridade.

— Espero que você encontre o que está procurando — disse baixo e sério.

Ele abriu a porta e fez indicação com a mão para que eu entrasse primeiro. Quando atravessei a porta e dei alguns passos para frente, seguindo entre os corredores de bancadas da cozinha, escutei a porta se fechar e virei para olhar se Playboy estava me acompanhando, mas ele não estava.

Franzi a testa e andei mais alguns passos, procurando por Johnny. A cozinha parecia deserta até que o encontrei na frente de um fogão, ao lado de um homem com características conhecidas.

— Oi, Johnny! — cumprimentei-o, anunciando minha chegada.

Os dois homens se viraram para me olhar e congelei no lugar. Na verdade, durou apenas dois segundos, porque no terceiro segundo, dei largos passos e colidi meu corpo com o de Victor, que me envolveu com seus braços

em um aperto de urso.

— Você está aqui! — constatei o óbvio de olhos fechados e com minha cabeça encaixada debaixo do seu queixo. Senti tanta falta desse cheiro, desse homem.

— Sim, Gatinha, eu estou aqui — respondeu feliz.

— Por que não me contou? Por que... — Afastei-me dele e dei dois passos para trás com a testa franzida. Ele estava sorrindo e permitiu meu afastamento, mas sua mão segurou a minha de forma firme.

Johnny havia saído sem ser percebido.

— Eu estava com saudades — ele disse suave.

— E o acordo? — perguntei muito confusa e receosa. — Você burlou alguma coisa?

— Digamos que eu cobrei alguns favores. — Ele ampliou seu sorriso e me puxou para ele, sua boca se aproximou da minha e nossos lábios, que há muito não eram tocados com tanta luxúria, tiraram todo o atraso.

Enquanto nossas línguas se tocavam em um reconhecimento desesperado, nossas mãos exploravam cada parte de nossos corpos.

Eu estava cheia de dúvidas e muito curiosa para saber como tudo isso estava sendo possível, mas a necessidade de contato físico, de senti-lo junto a mim, superou qualquer vontade de dialogar.

Em um ato de loucura, tentei remover sua camiseta e fui barrada com um sorriso convencido e beijos estalados nos meus lábios.

— Eu também estou com muitas saudades, e não vejo a hora de finalmente poder tê-la comigo por vinte e quatro horas seguidas. Sem roupa. —

Ele apertou minhas mãos, que estavam cativas nas dele e me afastou apenas o suficiente para me olhar de cima a baixo. — Você continua maravilhosa.

— Como isso é possível? Você terá que voltar?

— Como eu disse, cobrei alguns favores e, por algum motivo, Jomal Freeman não intercedeu contra. N ão sei se isso tem a ver com sua filha ou é apenas parte do seu plano para se vingar . — Ele deu de ombros e continuou: — Continuarei alerta. Mas, independentemente disso, saí do presídio com uma ficha limpa e pronto para seguir com nossa vida.

— Sim. — Eu abri um sorriso maior do que qualquer outro que eu já dei. Ele não disse minha, mas nossa vida. — E por que você está com os Selvagens?

— Uma mulher mandona havia me pedido para aplicar o dinheiro em um centro de acolhimento de crianças e, então, resolvi entregar muito mais do que o planejado. — Ele piscou um olho e meu coração se aqueceu por ele ter cumprido com o prometido. — Foi tudo friamente calculado.

— Até meu irmão sabia sobre isso? — perguntei com falsa indignação.

— Todos precisavam saber. Era uma surpresa para uma mulher especial — suavizou suas palavras.

— Essa mulher é poderosa — eu disse para provocá-lo.

— Eu amo essa mulher. — Ele me puxou para unir nossos quadris e sorrimos um para o outro, como dois recém-namorados.

— E essa mulher te ama — confessei. Minha revelação fez com que ele apertasse com força meus quadris. — Onde você vai morar?

— Onde você quer morar?

— Onde está meu coração, em qualquer lugar que você decidir ficar. — Entreguei-me de corpo e alma para o homem que mexeu com todas as minhas convicções. — Só para constar, Nevada é um bom lugar para você estar comigo. Meu irmão precisa de um cunhado.

— É isso que você quer?

— Sim, é isso que eu quero. — Envolvi meus braços em seu pescoço.

— Então é isso que você terá. — Beijou-me com toda a vontade e energia que possuía.

N ão precisaria esperar mais tempo para ser completamente feliz depois de hoje, poderia seguir em frente e fazer o que quisesse, sem ter o peso das minhas ações refletidas de forma negativa no meu lado profissional. Teria um ex-criminoso ao meu lado e não me importava com as consequências.

Sem arrependimentos, eu dei preferência ao amor.

Agradecimentos

Que horas são? Já estou um pouco vesga nesse momento pós-leitura final e diagramação desse livro. Posso dizer que, literalmente, Aranhas Moto Clube tem meu sangue e por ele, na semana que antecedeu o lançamento, me dediquei como há muito tempo não fazia por algo.

Filhos, perdoem a mamãe por estar apenas de corpo presente nesse momento. Precisava fazer acontecer para sentir paz, com o sentimento de que dei tudo de mim. Quando estou com vocês, me sufoco de tanto amor que me oferecem e, quando estou longe, conto os minutos para o nosso encontro acontecer, me deitar no chão da sala e ser amassada.

Fabricio, amor da minha vida, que não me deixou, em hipótese alguma, desistir do que pretendia fazer para esse lançamento. Nessa semana você foi pai e mãe, obrigada por ser quem é, bruto e carinhoso, sábio e brincalhão, inspiração para todos os meus romances. Você pode não ser bom com as palavras, mas eu consigo arriscar um pouco na escrita e te dedicar todos os meus filhos de papel.

Gratidão a toda a equipe do Grupo Editorial Portal, pelo carinho e confiança no meu trabalho. Vocês me ajudam a continuar acreditando!

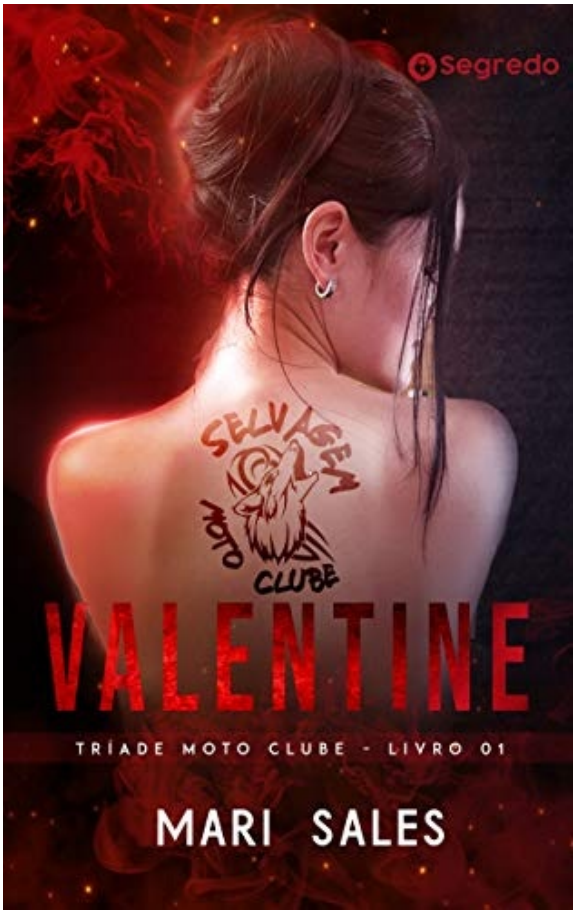
Obrigada aos grupos do Facebook e WhatsApp, que me permitem divulgar! Sendo próprios para divulgação ou exclusivo de autora nacional, aceitar esse tipo de publicação é um ato de amor à literatura.

Obrigada a tantas outras pessoas, autoras ou leitoras, unidas pela literatura, para nos ajudar ou apenas compartilhar a vida. Queria citar mais nomes, mas acho que meu agradecimento se tornou agradecimento da minha vida. Tudo isso não seria possível se não fosse minha descendência espanhola e

a ajuda de vocês. Teimosia, vemos aqui.

Gratidão, querido leitor, por continuar apoiando meu trabalho, seja lendo, indicando ou compartilhando. Gostando ou não do que escrevi, fico muito feliz em saber que, de alguma forma, chamei a atenção e te fiz ler.

Para saber sobre Valentine e o Selvagem Moto Clube, leia:



Link=> https://amzn.to/3iEdxMc

O Doutor Brian Powell, ou Doc como era conhecido pelos amigos, acompanhava de perto o sofrimento do presidente do Selvagem Moto Clube devido a uma grave doença. A morte se aproximava e a sucessão do seu legado estava gerando uma grande disputa.

John Savage nunca quis que a família se envolvesse com seus negócios, mas sua filha Valentine estava disposta a lutar pelo cargo que lhe era de direito. Ninguém a conhecia o suficiente para dar apoio, no entanto isso não a desmotivaria a alcançar seu objetivo.

O primeiro contato que Valentine teve com um dos membros do Moto Clube foi explosivo, mas Doc estava determinado a ser um aliado, além de um bom amante. Ele já a queria muito antes mesmo de a ver pela primeira vez.

Entre atentados e preconceito, Doc e Valentine terão que lutar para preservar a paz do Selvagem e não se perderem entre as armadilhas causadas pela superproteção.

Sobre a autora

Mari Sales é conhecida pelos dedos ágeis, coração aberto e disposição para incentivar as amigas. Envolvida com a Literatura Nacional desde o nascimento da sua filha, em 2015, escutou o chamado para escrever suas próprias histórias e publicou seu primeiro conto autobiográfico, em junho de 2016, "Completa", firmando-se como escritora, em janeiro de 2017, com o livro "Superando com Amor". Filha, esposa e mãe de dois, além de ser formada em Ciência da Computação, com mais de dez anos de experiência na área de TI, dedica-se exclusivamente à escrita desde julho de 2018, e publicou mais de 70 títulos na Amazon – entre contos, novelas e romances.

Site: **http://www.autoraMarinales.com.br**

Facebook: **https://www.facebook.com/autoraMarinales/**

Instagram: **https://www.instagram.com/autoraMarinales/**

Wattpad: **https://www.wattpad.com/user/mari_sales**

Pinterest: **https://br.pinterest.com/autoraMarinales/**

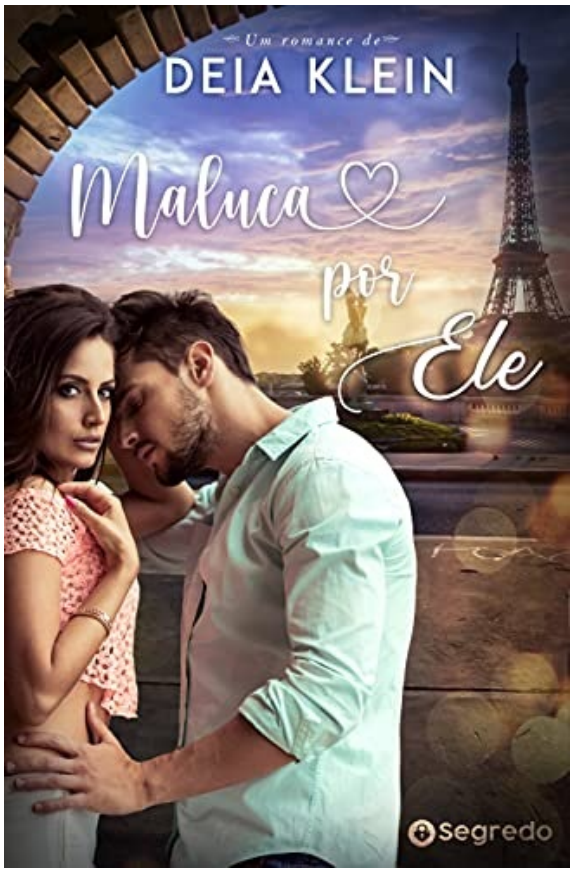
Assine a minha Newsletter: http://bit.ly/37mPJGd

Conheça mais livros da editora em

www.editoraportal.com.br

Leia também!
Outros títulos do Grupo Editorial Portal

Maluca por ele



link => https://amzn.to/3ePyX7W

Sinopse:

Lorenzo de Toni está experimentando o prazer do sucesso com seu primeiro livro quando entra no rol dos mais vendidos da editora. Apesar da glória, ele anda preocupado com a falta de inspiração para escrever uma nova história.

Em meio ao seu momento de crise existencial como escritor, conhece Dante, um vinicultor charmoso e do tipo irresistível. Ele o convida para uma temporada entre os parreirais e o frio do inverno gaúcho, na esperança de dar ao seu admirado autor, inspiração para um outro romance.

Lorenzo não pensa duas vezes e aceita o convite para aquela viagem. Em seu íntimo, pressente que algo mais forte poderá acontecer entre os dois. Mas ele não contava que esse retiro romântico poderia virar um pesadelo quando o sócio de Dante, um ex-namorado, resolve surgir na programação.

Sobre nós e o infinito



link => https://amzn.to/2V1RnLx

Sinopse:

Lorenzo de Toni está experimentando o prazer do sucesso com seu primeiro livro quando entra no rol dos mais vendidos da editora. Apesar da glória, ele anda preocupado com a falta de inspiração para escrever uma nova história.

Em meio ao seu momento de crise existencial como escritor, conhece Dante, um vinicultor charmoso e do tipo irresistível. Ele o convida para uma temporada entre os parreirais e o frio do inverno gaúcho, na esperança de dar ao seu admirado autor, inspiração para um outro romance.

Lorenzo não pensa duas vezes e aceita o convite para aquela viagem. Em seu íntimo, pressente que algo mais forte poderá acontecer entre os dois. Mas ele não contava que esse retiro romântico poderia virar um pesadelo quando o sócio de Dante, um ex-namorado, resolve surgir na programação.

Neste livro você vai encontrar:
Primeiro amor – sexo – desilusão – reviravoltas – intrigas

O que você deixou para trás



link => https://amzn.to/3gZMafV

Sinopse:

O amor pode estragar uma amizade?

Rafael é um guitarrista talentoso e um cara capaz de tirar o fôlego de qualquer fã do rock. Lis é uma garota de personalidade forte e uma amiga incrível. Esses dois nutrem uma amizade poderosa, mas a vida tem outros planos para o casal.

Uma paixão avassaladora resolve surgir entre eles e Lis e Rafael enfrentarão um tremendo embate: manter a amizade de anos ou embarcar nas loucuras do amor?

Eles só querem viver a vida de forma intensa, curtir todas as possibilidades embalados pelo ritmo frenético das guitarras, baixos e baterias. Nenhum deles imaginou que o amor estaria incluso nesse pacote.

O Que Você Deixou Para Trás é um livro que mescla comédia romântica com drama juvenil. Você vai rir, chorar, se divertir e corre o sério risco de se apaixonar.

Quase cinderela



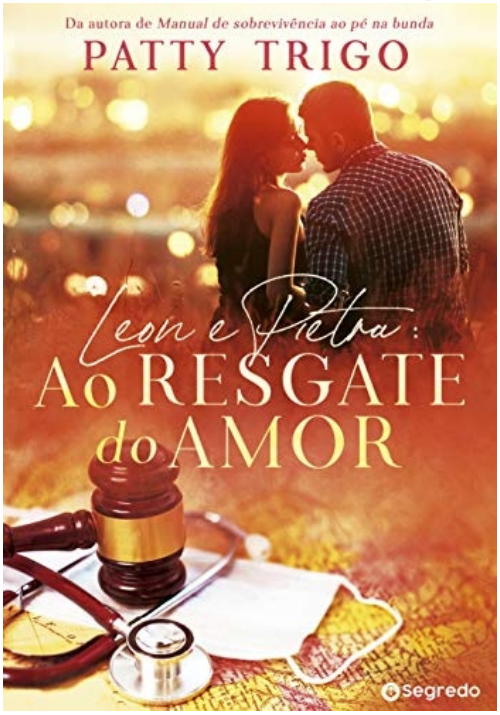
link => https://amzn.to/3fs4pbS

Sinopse:

Desde o acidente que matou seus pais, Hannah foi obrigada a morar com sua tia e duas primas em um pequeno reinado europeu chamado Mirabelle.
As três transformam a vida da garota em um verdadeiro inferno e mesmo sofrendo constantes humilhações, ela não se deixa desanimar e encara tudo de cabeça erguida.
A garota anseia pelo dia em que completará dezoito anos para, então, ir embora do país e viver uma vida tranquila, bem longe da sua nem tão querida família.
Em Mirabelle, a monarquia absolutista resistiu ao longo dos séculos e em pleno século XXI ainda é governado por reis e rainhas. Todo o reino aguarda ansiosamente para descobrir quem é o príncipe e futuro herdeiro do trono que será apresentado na festa de seu 18° aniversário.
Todas as jovens solteiras estão em polvorosa e sonham em se tornar rainhas. Para tal feito, precisam conquistar Sua Alteza Real e derreter o coração do jovem príncipe.
Mas Hannah não se encaixa no perfil. Ela não está nem aí para títulos, reinados e coroas. Entretanto, como a vida parece possuir uma varinha mágica, os caminhos dela se cruzarão com o do jovem herdeiro do trono.
Antes mesmo que possam se dar conta, seus destinos serão entrelaçados.

Neste conto de fadas contemporâneo, você vai encontrar:
Um príncipe moderno e fofo, uma fada madrinha que é o amigo gay da Hannah e uma madrasta má mais conhecida como tia Satan.
Alerta:
Cenas hot que podem te enfeitiçar.

Leon e Pietra: Ao resgate do amor



link => https://amzn.to/3u7wBGq

Sinopse:

Ele, um médico dedicado ao trabalho humanitário; Ela, uma advogada que luta pela justiça em favor das mulheres que sofrem com violência doméstica; ambos solteiros e dedicados as suas profissões. Em uma festa de casamento decidem que um relacionamento casual seria uma ótima forma para lidar com a química visível. Cinco anos depois eles se reencontram, o momento não podia ser pior, mas descobrem que aquela química ainda ardia como fogo em palha seca. Entre encontros e desencontros, esse casal vai enfrentar os dramas da vida em busca do resgaste ao amor.



A secretária do CEO

link => https://amzn.to/2HX7osy

Sinopse:

Diana Williams é uma mulher bem resolvida, que batalhou muito para conseguir ser a secretária pessoal do CEO Fellipe Corppin. Tudo está prestes a mudar quando o Sr. Fellipe deixa a empresa e seu filho assume.

Ele é um dos maiores magnatas, um homem lindo e extremamente sexy. Maycon Corppin também é orgulhoso e decidido no que quer, ele tem a mulher que desejar e quando algum problema surge, resolve com sexo.

Em meio à convivência, Diana e Maycon acabarão não resistindo um ao outro, cedendo ao mais profundo desejo. Porém, segredos guardados trarão à tona problemas, que parecem não ter solução...